Viagem Fantástica

Isaac Asimov

2ª edição

EDIÇÕES BLOCH

Isaac Asimov

Viagem Fantástica

INTRODUÇÃO

Esta história, que se transformou em livro e em filme, tem vários autores, todos contribuindo, de maneiras bem diversas, à sua forma atual. Para todos nós, foi uma longa e árdua tarefa, mas igualmente um motivo de profunda satisfação e, posso adiantar, de grande prazer. Quando Jay L. Bixby e eu escrevemos a história original, estávamos longe de suspeitar aonde ela chegaria ou em que se transformaria nas mãos de homens de grande imaginação e soberbo talento: Saul David, o produtor do filme; Richard Fletcher, o diretor e inspirado encantador da fantasia; Harry Kleiner, que escreveu o cinedrama; Dale Hennesy, o diretor-artístico e um artista também; e os doutores e cientistas que nos deram tanto do seu tempo e do seu pensamento. E, finalmente, Isaac Asimov, que emprestou a pena e seu grande talento para dar forma e realidade a esta fantasmagoria de fatos e fantasia.

OTTO KLEMENT

1 - Avião

Era um velho avião, um jato ionizado de quatro motores, que estivera afastado do serviço ativo e cumprira um percurso nem econômico nem particularmente seguro. Avançava através de renques de nuvens, numa viagem que durava doze horas, quando cinco teriam bastado a um supersônico acionado a foguetes.

E restava ainda uma hora inteira.

O agente a bordo não ignorava que esta parte da missão só findaria quando o avião aterrissasse, e que a última hora seria a mais longa. Lançou rápido olhar ao outro homem - o único - que, na cabina de passageiros, cochilava no momento, o queixo caído ao peito.

O passageiro não parecia especialmente notável ou impressionante, mas era, naquele instante, o homem mais importante do mundo.

O General Alan Carter ergueu o olhar deprimido, quando o coronel entrou.

Os olhos de Carter tinham bolsas, e os cantos da boca descaíam. Tentou reverter à forma primitiva o clipe de papel que estivera vergando - e ele saltou-lhe da mão.

- Desta vez quase me surpreendeu - disse o Coronel Donald Reid, calmo.

O cabelo cor de areia assentava bem, atrás da cabeça, mas o bigode curto e grisalho eriçava-se. Envergava o uniforme com a mesma indefinível afetação do outro. Ambos eram especialistas, destacados para uma missão super especializada que incluía, por conveniência, patentes militares, um tanto desnecessárias, considerando as exigências do setor.

Ambos tinham a insígnia CMDF. Cada letra figurava num pequeno hexágono, dois em cima, três embaixo. O hexágono no meio dos debaixo continha um símbolo que classificava o homem. No caso de Reid, era o caduceu, que o identificava como médico.

- Adivinhe o que estava fazendo - disse o general.

- Vergando clipes de papel.

- Certo. E contando as horas, também. Como um louco. - A voz dele subiu, porém controlada. - Fico sentado aqui, de mãos úmidas, cabelo viscoso, coração pesado, e conto as horas. Até os minutos. Setenta e dois minutos, Don. Dentro de setenta e dois minutos Eles descerão no aeroporto.

- Muito bem. Por que está nervoso, então? Alguma coisa errada?

- Não. Nada. Ele foi recolhido são e salvo. Foi retirado das mãos deles sem problemas, ao que nos consta. Embarcou sem perigo no avião, um avião antigo.

- Sim. Eu sei.

Carter sacudiu a cabeça. Não pretendia contar nada de novo ao companheiro, queria apenas falar.

- Julgamos que eles julgariam que nós julgaríamos o tempo fator de extrema importância, por isso nós o meteríamos num X-52 e o dispararíamos pelo espaço interior. Mas acontece que nós julgamos que eles julgariam isso e colocamos a rede antimíssil em nível de saturação.

- Paranóia - disse Reid - é o nome que damos a isso em nossa profissão.

Quero dizer, alguém supor que eles fariam isso. Que arriscariam a guerra e o aniquilamento.

- Eles chegariam a tanto a fim de deter o que se está processando. Eu estaria inclinado a sentir que nós deveríamos correr o risco, caso a situação se invertesse. Por isso escolhemos um avião comercial, um jato ionizado de quatro motores. Eu estava pensando se ele conseguiria decolar. Era tão velho!

- Conseguiu?

- Conseguiu o quê? - Por um instante, o general mergulhara num pensamento obscuro.

- Decolar.

- Sim, sim. Está voando bem. Recebi mensagens de Grant.

- Quem é ele?

- O agente encarregado da operação. Conheço-o. Com ele à frente, sinto-me tão calmo quanto é possível estar, o que não é grande coisa. Grant executou a operação inteira. Tirou Benes das mãos deles, como tiraria a semente de um melão.

- Bem, e daí?

- Mas ainda estou preocupado. Escute, Reid, existe somente um meio seguro de se cuidar dos problemas nesta situação dos diabos. Tem-se de acreditar que eles são tão espertos quanto nós, que a cada truque nosso eles opõem um truque, que para cada homem infiltrado no lado deles, eles infiltram um no nosso lado. Isso vem ocorrendo há mais de meio século; tivemos de retrucar na mesma moeda, ou já estaríamos desaparecidos.

- Acalme-se, Aí.

- De que forma? Esta coisa agora, esta coisa que Benes traz consigo, este novo conhecimento, pode acabar com o empate de uma vez por todas. E tendo a nós como vencedores.

- Faço votos para que os outros não pensem assim também. Se pensarem... Você bem sabe, Aí, que até agora perduram regras para o jogo. Um lado não dá um passo capaz de imprensar o outro lado num canto tão estreito que ele se veja forçado a usar os botões dos mísseis. Urge deixar-lhe uma faixa de segurança por onde escapar. Empurrar com firmeza, mas não uma firmeza excessiva. Quando Benes chegar, Eles podem descobrir que estão sendo acossados...

- Não temos outra opção a não ser o risco. - Em seguida, um novo pensamento importunou-o. - Se ele chegar aqui.

- Ele quer, não quer?

Carter ergueu-se, como se para iniciar apressadas idas e vindas a lugar nenhum. Fitou o outro, depois sentou-se abruptamente.

- Está bem, por que ficar nervoso? Você conserva aquele brilho tranquilizador nos olhos, doutor. Eu não preciso de pílulas de felicidade. Mas suponha que ele consiga chegar aqui dentro de setenta e dois... sessenta e seis minutos. Suponha que ele desça no aeroporto. Terá ainda de ser trazido até aqui, de ser mantido aqui, em segurança. Há muitos deslizes...

- Entre a taça e os lábios - cantarolou Reid. - Pelo amor de Deus, general, deveríamos ser sensíveis e falar de consequências, quero dizer... o que acontecerá depois que ele chegar?

- Ora, Don, antes de tudo esperemos que ele chegue.

- Ora, Aí - arremedou o coronel, com uma ponta de impaciência. - Não pretendo esperar até ele estar aqui. Será tarde demais. Você estará muito ocupado, então, e todas as formiguinhas do Pentágono começarão a fervilhar como loucas, de forma que nada se fará onde eu acho que se deve agir.

- Prometo... - O gesto do general foi um gesto vago de aquiescência.

Reid ignorou-o.

- Não. Você será incapaz de manter qualquer promessa para o futuro. Chame o chefe agora, Ouviu? Agora. Você tem acesso fácil ao homem. Vamos, você é o único capaz de influenciá-lo. Faça-o compreender que a CMDF não é somente o leva-e-traz da Defesa. Ou, se não puder, entre em contato com o Comissário Furnald. Ele está do nosso lado. Diga-lhe que eu quero algumas migalhas para as ciências biológicas. Observe que esse assunto envolve votos. Olhe, aí, teremos de aprender a falar grosso se quisermos ser ouvidos. Precisamos cavar uma oportunidade de luta. Assim que Benes chegar aqui e os generais - o diabo os leve! - se apoderarem dele, adeus comissão.

- Não posso, Don. E não quero. Para seu governo, não farei coisa alguma antes de Benes chegar. E não me agrada sua tentativa de me pressionar nesta ocasião.

Os lábios de Reid ficaram brancos.

- Que devo fazer então, general?

- Esperar como eu estou esperando. Contar os minutos.

Reid voltou-se para sair. A raiva continuava sob férreo controle.

- No seu lugar eu pensaria num tranquilizante, general.

Carter o observou ir, sem comentário. Consultou o relógio. "Sessenta e um minutos", murmurou, e tateou à procura de um clipe.

Foi quase com uma sensação de alívio que Reid entrou no escritório do Dr.

Michaels, diretor civil da Divisão Médica. A expressão do rosto amplo de Michaels jamais subia além de um contentamento tranquilo acompanhado, na maioria dos casos, de um cacarejo seco - mas, por outro lado, jamais descia aquém de uma seriedade cheia de piscadelas que tampouco, ao que parecia, ele levava muito a sério.

Tinha na mão o inevitável mapa, ou um deles. Para o Coronel Reid, todos aqueles mapas eram parecidos, tudo um labirinto desanimador e considerados, em conjunto, o desespero multiplicado.

Ocasionalmente Michaels tentava explicar-lhe os quadros, ou a quase todos os companheiros, Michaels vivia pateticamente ansioso por explicar tudo.

A corrente sanguínea, pelo que parecia, estava assinalada com um traço de moderada radiatividade, e o organismo (poderia ser um homem ou um rato) tirara, então, sua própria fotografia, por assim dizer, segundo um principio laserizado que produzia uma imagem tridimensional.

- Bem, não faz mal - Michaels dizia nessa altura. - Você tem aí um retrato, em três dimensões, de todo o sistema circulatório e este mapa pode, depois, ser reproduzido em tantas seções e projeções quantas forem necessárias ao trabalho.

Você pode descer aos menores vasos capilares, se a foto for devidamente ampliada.

- E me transformar em geógrafo - acrescentaria Michaels. - Um geógrafo do corpo humano, demarcando seus rios e baias, estreitos e caudais. Muito mais complicado do que a geografia terrestre, eu lhe asseguro.

Reid olhou o quadro por sobre o ombro de Michaels e perguntou:

- De quem é isto, Max?

- Não falemos disso. - Michaels atirou-o de lado. - Estou esperando, é tudo.

Quando outra pessoa espera, lê um livro. Eu leio um sistema sanguíneo.

- Então você espera, não é? Ele também. - A cabeça de Reid fez um aceno para trás, na direção do escritório de Carter. - Está esperando pela mesma coisa?

- Pela chegada de Benes, naturalmente. E, no entanto, não acredito inteiramente nisso.

- Não acredita em quê?

- Não tenho certeza se o homem possui o que diz possuir. Sou fisiologista, sem dúvida, não um médico - e Michaels encolheu os ombros numa demonstração de humor meio conciliatória -, mas gosto de acreditar nos especialistas. Eles dizem que não há jeito. Ouvi-os dizer que o Princípio da Incerteza torna

impossível fazer a coisa além de um prazo determinado. E não se pode brigar com o Princípio da Incerteza, correto?

- Também não sou especialista, Max, mas esses mesmos especialistas nos dizem que Benes é o maior deles, neste campo. O Outro Lado teve-o e Eles se ombrearam conosco só por causa dele, só por causa dele, entende? Não possuíam mais ninguém de primeiro plano, enquanto nós tínhamos Zaletsky, Kramer, Bichtheim, Lindsay e o resto. E nossos melhores homens creem que ele tem alguma coisa, se ele diz que tem.

- Seria mesmo? Ou Eles imaginaram apenas que não deixaríamos de aproveitar a oportunidade? Pelo menos, se ele nada trouxer, conseguimos promover-lhe a fuga. Os Outros já não contariam com a utilização de sua assistência.

- Por que ele iria mentir?

- Por que não? - retrucou Michaels. - Para sair de lá. Para ficar aqui, onde eu acho que ele deseja estar. Se descobrirmos que ele nada possui, não o mandaremos de volta, certo? Além disso, talvez ele não esteja mentindo, talvez esteja apenas equivocado.

- Uhm - Reid inclinou a cadeira para trás e pôs os pés sobre a escrivaninha, numa atitude indigna de um coronel. - Você agora ganhou um tento. E se ele nos enganar, serviria aos propósitos de Carter. Seria útil a todos eles, aqueles malucos.

- Nada conseguiu de Carter, bem?

- Nada. Ele não quer mexer uma palha até Benes chegar. Está contando os minutos, e agora eu faço o mesmo. Faltam quarenta e dois.

- Para quê?

- Para o avião que o traz aterrissar no aeroporto. E as ciências biológicas nada lucrarão com isso. Se Benes está apenas tratando de escapar do Outro Lado, nada teremos e se é sincero, também nada teremos. A defesa ficará com tudo, com todas as fatias, todas as migalhas, com o aroma inteiro. Um brinquedo bonito que eles jamais entregarão.

- Absurdo. Talvez a principio eles se agarrem a Benes, mas também temos as nossas necessidades. Podemos largar Duval em cima deles. O enérgico Peter temente a Deus.

Uma expressão de desgosto cruzou o rosto de Reid.

- Gostaria de atirá-lo aos militares. Na minha atual disposição de animo, adoraria lançá-lo contra Carter, também. Se Duval encerrasse uma carga negativa e Carter uma carga positiva, e eu conseguisse ligá-los, expediriam faíscas até a morte.

- Não seja derrotista, Don. Você leva Duval muito a sério. Um cirurgião é um artista, um escultor de tecido vivo. Um grande cirurgião é um grande artista e tem o temperamento de um.

- Bem, eu também tenho esse temperamento, mas não o utilizo para andar de cauda erguida. Acaso Duval monopolizou o direito de ser o ofensivo e arrogante filho-de-uma-cadela?

- Se ele tivesse o monopólio, meu coronel, eu ficaria deliciado. Eu lhe cederia com toda a gratidão. O problema é que existem no mundo outros filhos-de-uma cadela ofensivos e arrogantes.

- Acho que sim. Acho que sim - murmurou Reid, mas sem estar convencido. - Trinta e sete minutos.

Se alguém houvesse repetido a descrição capsulada de Duval ao Dr. Peter Lawrence Duval, teria arrancado o mesmo grunhido curto que arrancaria uma confissão de amor. Não que Duval fosse insensível ao insulto ou à adoração, é que ele só reagia a essas coisas quando dispunha de tempo, e raramente tinha folga. Não era bem desprezo o que ele revelava comumente no rosto, mas a contração muscular oriunda de pensamentos contínuos. Presumivelmente todos os homens têm a sua maneira de escapar ao mundo. Duval era o exemplo perfeito de concentração no trabalho. Esse método dera-lhe, na metade da casa dos quarenta, renome internacional como cirurgião do cérebro, e a condição, que ele mal percebia, de celibatário.

Nem sequer ergueu a vista das medidas cuidadosas que tomava nas chapas tridimensionais de raios X quando a porta foi aberta. Sua assistente entrou com passos habitualmente silenciosos.

- Que é, Miss Peterson? - ele perguntou, e concentrou os olhos ainda mais dolorosamente nas fotografias. A percepção da profundidade era acessível ao olho, mas a medida da verdadeira altura exigia uma delicada consideração de

ângulos, mais o conhecimento antecipado do que seria, em primeiro lugar, aquela altura.

Cora Peterson esperou que o momento de concentração adicional passasse.

Tinha vinte e cinco anos, menos vinte que Duval, e seu diploma, obtido um ano antes, fora cuidadosamente preparado aos pés do cirurgião.

Nas cartas para casa, ela explicava quase sempre que um dia a mais com Duval equivalia a um curso, que lhe estudar os métodos, as técnicas de diagnóstico, o manejo dos instrumentos de sua profissão, era ser instruída a um ponto inacreditável. Quanto à dedicação dele ao trabalho e à causa da cura, isso só poderia ser descrito como inspirador.

De forma menos intelectualizada, ela estava perfeitamente ciente, quase com a consciência de um fisiologista profissional, da rapidez com que seu coração batia ao examinar os planos e curvas do rosto dele inclinado sobre o trabalho, e notar o movimento rápido, seguro e resoluto dos dedos. O rosto dela permanecia impassível, pois desaprovava a ação do seu músculo cardíaco, não intelectual.

O espelho lhe dizia, ostensivamente, que ela não era uma tábua. Ao contrário. Os olhos escuros eram francos e rasgados, os lábios refletiam leve graça, quando ela o permitia - o que não acontecia amiúde e seu corpo causava-lhe aborrecimento pela aparente propensão de interferir no julgamento adequado de sua competência profissional. Por suas aptidões é que ela desejava receber fiu-fius (ou o equivalente intelectual), e não pelas sinuosidades que tentava em vão ocultar.

Duval, pelo menos, apreciava-lhe a eficiência e parecia impassível à sua atração física - um motivo a mais para ela admirá-lo.

- Benes descerá em menos de trinta minutos, doutor - disse ela, afinal.

- Hum. - Ele olhou para cima. - Por que está aqui? Seu expediente terminou.

Cora poderia retrucar que o dele também findara, mas sabia muito bem que o dia dele só estaria encerrado quando terminasse o trabalho. Muitas vezes ela o acompanhava pela décima sexta hora consecutiva de trabalho, embora achando que ele poderia afirmar (com toda a honestidade, aliás) que a retinha apenas no expediente de oito horas diárias.

- Estou ansiosa para vê-lo.

- A quem?

- Benes. Isso não o entusiasma, doutor?

- Não. Por que me deveria entusiasmar?

- Ele é um grande cientista, e dizem possuir uma importante informação capaz de revolucionar tudo o que estamos fazendo.

- Será mesmo, será mesmo? - Duval colocou a fotografia no alto da pilha, esqueceu-a e voltou-se para a próxima. - De que forma o seu trabalho com os raios laser seria influenciado?

- O alvo poderia ser atingido mais facilmente.

- Isso já acontece. Qualquer contribuição de Benes só teria utilidade para os fazedores de guerras. Benes só aumentaria as probabilidades de destruição do mundo.

- Mas Dr. Duval, o senhor mesmo disse que a extensão da técnica seria de grande importância ao neurofisiologista.

- Eu disse isto? Está bem, eu disse. Mas agora eu preferia que você descansasse, Miss Peterson. - Novamente ele ergueu a vista. (A voz teria amolecido um pouco, talvez?) - Você parece cansada.

A mão de Cora subiu a meio caminho do cabelo, pois, traduzido para o feminino, a palavra "cansada" significa "desgrenhada".

- Quando Benes chegar. Prometo. Por enquanto...

- Sim?

- Vai usar o laser amanhã?

- É o que estou tentando resolver agora mesmo... se você consentir, Miss Peterson.

- O modelo 6951 não pode ser utilizado.

Duval pousou a foto e inclinou-se para trás.

- Por que não?

- Não inspira muita confiança. Não pude focalizá-lo adequadamente. Suspeito que um dos diodos do túnel está defeituoso, mas ainda não o localizei.

- Muito bem. Escolha um em condições, para o caso de necessitarmos dele, e prepare-o antes de sair. Então, amanhã...

- Amanhã eu verificarei o que há de errado no 6951.

- Perfeito.

Ela virou-se para sair, consultou rapidamente o relógio de pulso e informou:

- Vinte e um minutos. Dizem que o avião está no horário.

O cirurgião fez um som vago e ela percebeu que ele não a ouvira. Saiu, fechando a porta vagarosa e silenciosamente.

O Capitão Williams Owens recostou-se no assento macio da limousine.

Esfregou o nariz, num gesto cansado e comprimiu as largas mandíbulas. Sentiu o carro arrancar sobre os firmes jatos de ar comprimido, depois arremeter num equilíbrio absoluto. Não ouviu murmúrio algum da máquina a turbo-hélice, embora quinhentos cavalos resfolegassem atrás de si.

Através das janelas à prova de bala, à direita e à esquerda, viu a escolta de motocicletas. Outros carros corriam adiante e atrás, enchendo a noite com reflexos de luz embaciada.

Fazia-o sentir-se importante, esse meio exército de guardiões, mas não por sua causa, é claro. Nem tampouco pelo homem que eles iam receber; nem ainda pelo homem em si. Somente para proteção de um grande cérebro.

O chefe do Serviço Secreto estava à esquerda de Owens. Constituía sinal de anonimato do serviço o fato de Owens não ter certeza do nome deste homem indefinível que, dos óculos sem aro aos sapatos conservadores, parecia um professor ou um balconista de camisaria.

- Coronel Gander - dissera Owens, numa tentativa de acertar, ao apertar-lhe a mão.

- Gonder - fora a resposta tranquila. - Boa noite, Capitão Owens. Estavam agora nos arredores do aeroporto. Em algum lugar, acima e à frente, sem dúvida a poucas milhas de distância, o avião arcaico manobrava para aterrissar.

- Um grande dia, hein? - disse Gonder, maciamente. Tudo no homem parecia cochichar, inclusive o corte discreto do traje civil.

- Sim - disse Owens, tentando afastar a tensão daquele monossílabo. Não que se sentisse particularmente tenso, apenas a voz sempre dava mostras de conter esse tom. O ar de tensão parecia ajustar-se ao nariz estreito e apertado, aos olhos saltados e à elevada saliência das bochechas.

Às vezes ele sentia a tensão interpor-se no seu caminho. Esperavam que ele fosse neurótico, quando não o era. De qualquer maneira, não mais do que os outros. Por outro lado, havia quem o evitasse por tal motivo, sem que ele levantasse uma mão sequer. Questão de compensação, talvez.

- Um bom golpe, esse de trazê-lo aqui - disse Owens. - O serviço merece parabéns.

- O mérito é do nosso agente. Trata-se do nosso melhor homem. O segredo dele, acho eu, é se assemelhar ao clichê romântico de um espião.

- Como é ele?

- Alto. Jogou futebol no colégio. Simpático. Terrivelmente bem proporcionado.

Um olhar para ele e o inimigo diria: eis o homem. Ali estaria o modelo de um de seus agentes secretos, mas, naturalmente, ele não pode ser um. E eles o rejeitam, descobrindo, tarde demais, que ele é um.

Owens franziu as sobrancelhas. O homem seria sério? Ou brincava a pretexto de aliviar a tensão?

- Você compreende, sem dúvida, que sua participação nesse caso tende a se prolongar. Quer conhecer Benes, não quer?

- Sem dúvida - disse Owens com o seu sorriso curto e nervoso. - Encontrei-o diversas vezes em conferências científicas no Outro Lado. Embebedei-me com ele uma noite: bom, não foi realmente uma bebedeira, ficamos apenas alegres.

- Ele falou muito?

- Não o embriaguei para fazê-lo falar. De qualquer forma, ele não podia falar, pois havia mais alguém em sua companhia. Os cientistas deles andam aos pares, sempre.

- Você falou? - A pergunta era trivial; a intenção atrás dela, nunca.

Owens riu de novo.

- Acredite-me, coronel, não há nada que eu saiba que ele também não saiba.

Eu poderia conversar o dia inteiro sem prejuízo nosso.

- Desejaria conhecer alguma coisa disso tudo. Você merece a minha admiração, capitão. Temos um milagre tecnológico capaz de transformar o mundo, e só existe um punhado de homens em condições de entendê-lo. O cérebro do homem está escapando ao controle do homem.

- Não é tanto assim, realmente - disse Owens. - Há uma porção de pessoas como nós. Naturalmente só existe um Benes, e estou a milhas de distância de pertencer à sua classe. Nada mais faço do que aplicar a técnica nos projetos de minhas naves. É tudo.

- Mas você reconhecerá Benes? O chefe do Serviço Secreto parecia exigir garantia infinita.

- Mesmo se ele tivesse um irmão gêmeo, o que estou certo de não ter, eu o reconheceria.

- Não se trata exatamente de uma questão acadêmica, capitão. Nosso agente, Grant, é bom, conforme já lhe disse, mas, mesmo assim, estou um tanto surpreendido com o sucesso da missão. Tenho de perguntar a mim mesmo: não seria um caso de dupla personalidade? Será que eles esperavam que nós tentaríamos trazer Benes e prepararam um pseudo Benes?

- Posso notar a diferença - disse Owens, confiante.

- Você não sabe o que se pode fazer hoje em dia com a cirurgia plástica e a narco-hipnose.

- Não importa. O rosto me pode iludir, mas a conversa, não. Ele terá de conhecer a Técnica (o cochicho momentâneo de Owens capitalizou claramente a palavra) melhor que eu, ou não será Benes, por mais que se lhe assemelhe. Eles podem disfarçar o corpo de Benes, talvez, mas não a mente.

Agora estavam no campo de pouso. O Coronel Gonder olhou o relógio-pulseira.

- Estou ouvindo os motores. A nave descerá dentro de minutos e no horário.

Homens armados e veículos blindados deslocavam-se para se juntar aos que já cercavam o aeroporto, transformando-o em território ocupado e proibido a quem não fosse personalidade autorizada.

As últimas luzes da cidade tinham esmaecido, fazendo do horizonte, à esquerda, uma lanugem escura. Owens soltou um suspiro de alívio infinito. Benes estaria ali, afinal, dentro de mais um instante.

Final feliz?

Fez uma carranca ante a entonação que pusera um ponto interrogativo após aquelas duas palavras.

Final feliz! Pensou com determinação, mas o tom escapou-lhe do controle, transformando-se novamente num - final feliz?

2 - Carro

Grant observou com alivio intenso as luzes da cidade se aproximarem quando o avião iniciou a longa manobra de aterrissagem. Ninguém lhe dera detalhes autênticos da importância do Dr. Benes, exceto o fato óbvio de ser um cientista desertor com uma informação vital. Era o homem mais importante do mundo, disseram-lhe e depois se esqueceram de explicar o motivo.

Não se aflija, tinham-lhe dito. Não ponha sopa no mel, tornando-se tenso.

Mas a operação inteira é vital, eles disseram. Incrivelmente vital. Acalme-se, eles tinham dito, pois tudo depende disso: seu país, seu mundo, a humanidade.

E assim foi feito. Ele jamais teria conseguido se eles não tivessem medo de matar Benes. No momento em que chegaram a pensar que a morte de Benes era a única maneira de poderem evitar a fuga, já era muito tarde e o cientista escapara. O raspão de uma bala nas costelas era tudo o que Grant tinha a lamentar, mas uma longa atadura cuidava disso por enquanto.

Agora ele estava cansado, cansado até os ossos. Fisicamente cansado, é claro, mas também cansado de toda essa maldita loucura. Em seus dias de colégio, dez anos atrás, fora chamado de Granito Grant e tentaria justificar o apelido no campo de futebol, como um pateta. Em consequência, um braço quebrado, mas ele teve muita sorte de conservar intactos os dentes e o nariz, de forma a reter aquele conjunto esculpido de boa aparência. (Seus lábios torceram-se num sorriso silencioso, rápido.) E desde então, também, ele desencorajara o uso dos primeiros nomes. Apenas o resmungo monossilábico de Grant. Muito masculino. Muito forte.

Para o diabo isso tudo. Que ganhava ele a não ser preocupações e uma expectativa de vida curta? Acabara de dobrar os trinta e já era tempo de voltar ao seu primeiro nome. Charles Grant. Talvez Charlie Grant. O Bom e Velho Charlie Grant!

Estremeceu, mas logo se empertigou novamente. Tinha de ser. O Bom e Velho Charlie. Assim seria. O bom e velho e mole Charlie que gosta de se sentar numa cadeira de balanço e se balançar. Olá, Charlie, dia bonito, há? Veja só, Charlie, parece que vai chover. Arranje um emprego mole, meu bom e velho Charlie, e cochile até receber aposentadoria.

Grant olhou de viés para Jan Benes. Até ele encontrava algo de familiar naquela massa de cabelo grisalho, no rosto de nariz forte e carnudo, no bigode desmazelado e áspero, igualmente grisalho. Os caricaturistas ficariam satisfeitos com o nariz e o bigode, mas havia ainda os olhos, aninhados entre leves rugas, e as linhas horizontais que nunca lhe saíam da testa.

As roupas de Benes estavam moderadamente desajustadas, mas eles partiram apressados, sem tempo de ir aos melhores alfaiates. O cientista passava dos cinquenta, Grant sabia, mas aparentava ser mais velho.

Benes inclinava-se para diante, observando as luzes da cidade que se aproximava.

- Já esteve nesta parte do país, professor?

- Jamais estive no seu país - disse Benes. - Esta pergunta pretende ser uma armadilha? - Havia um fraco, mas definitivo sotaque em sua fala.

- Não. Apenas um meio de travar conversa. Esta ai é a segunda cidade do país em tamanho. Acho que o senhor pode vê-la. Sou do outro lado do país.

- Para mim não importa. Um lado. O outro lado. Desde que eu fique aqui.

Será. . . - Não terminou a frase, mas havia tristeza nos olhos.

Fugir é duro, pensou Grant, mesmo quando devemos fugir.

- Tomaremos providências para que nada o preocupe, professor - disse ele. - Com o trabalho à sua espera.

Benes conservou a tristeza.

- Estou certo disto. E espero isto. É o preço que tenho de pagar, não?

- Receio que sim. O senhor nos custou uma certa soma de esforços, como sabe.

Benes pôs a mão na manga de Grant.

- Você arriscou a vida. Apreciei isto. Podia ter sido morto.

- Este risco para mim já é coisa de rotina. É o azar da profissão. Pagam-me para isso. Não tão bem quanto a um guitarrista. O senhor compreende, ou a um jogador de beisebol, mas o que eles acham que minha vida vale.

- Você não pode zombar assim.

- Tenho de zombar. Minha organização zomba. Quando eu voltar, haverá muitos apertos de mão e um embaraçado: "Bom trabalho!" O senhor sabe, muita reserva e tudo o mais. Depois: "Prepare-se agora para a próxima missão.

Teremos de deduzir essa bandagem que você tem ai nas costelas. Reduza as despesas.".

- Seu jogo cínico não me engana, rapaz.

- Mas engana a mim, professor, ou eu já teria desistido. - Grant ficou quase surpreso com a súbita amargura em sua voz.- Coloque o cinto, professor. Esta sucata voadora costuma pousar aos saltos.

O avião rolou suavemente na pista, a despeito da predição de Grant, e fez volta a fim de se dirigir ao estacionamento.

O contingente do Serviço Secreto aproximou-se. Soldados saltaram dos caminhões condutores de tropas e formaram um cordão ao redor do aparelho, deixando um corredor para a escadinha motorizada que estava sendo guiada até a porta do avião. Um comboio de três limousines rolou até o pé da escada.

- O senhor exagerou na segurança, coronel - disse Owens.

- Melhor mais do que de menos. - Os lábios dele moveram-se quase silenciosamente no que o atônito Owens reconheceu ser uma prece rápida.

- A vinda dele me alegra - disse Owens.

- Não mais do que a mim. Aviões precederam este à meia altura. Toda segurança é pouca.

A porta do avião foi aberta e Grant apareceu momentaneamente na abertura.

Olhou em redor e acenou.

- Ele parece inteiro - disse o Coronel Gonder. - Onde está Benes?

Como em resposta a esta pergunta, Grant afastou-se para um lado e deixou Benes passar apertado. Benes ficou um instante de pé, sorrindo. Carregando uma pasta velha, na mão, ele gingou pelos degraus. Grant seguiu-o. Atrás de Grant vinham o piloto e o copiloto. O Coronel Gonder estava ao pé da escada.

- Professor Benes. Sinto-me alegre por tê-lo aqui! Sou Gonder. Estou encarregado de sua segurança a partir deste ponto. Este é William Owens.

O senhor o conhece, suponho.

Os olhos de Benes ergueram-se e ele levantou os braços, deixando a pasta cair. (O Coronel Gonder apanhou-a, imediatamente.)

- Owens! Sim, claro. Apanhamos uma bebedeira uma noite, juntos. Lembro-me muito bem. Um longo, estúpido e enfadonho encontro à tarde, onde o mais interessante era precisamente o que não se podia dizer. O desespero caiu sobre mim como um cobertor cinzento. No jantar, Owens e eu nos reunimos. Havia cinco de seus colegas com ele, mas não me lembro dos outros muito bem. Depois, Owens e eu fomos a um pequeno clube, com danças e jazz, e bebemos genebra, e Owens foi muito cordial com uma das moças. Recorda-se de Jaroslavic, Owens?

- O camarada que estava com você? - aventurou Owens.

- Exatamente. Ele amava a genebra com um amor que ultrapassava o discernimento, mas não podia beber. Tinha de ficar sóbrio. Ordens estritas.

- Para vigiá-lo?

Benes assentiu num único movimento longo e vertical da cabeça e com um leve impulso do lábio inferior.

- Insisti em lhe oferecer a bebida. Disse: - Ouça, Milan, uma garganta empoeirada é ruim para um homem, mas ele se viu forçado a recusar sempre, tendo o coração nos olhos. Senti-me penalizado.

Owens sorriu e concordou.

- Agora vamos entrar na limousine e rumar para o escritório central. Primeiro temos de o exibir por aí, deixar que todos o vejam. Em seguida, prometo-lhe vinte e quatro horas de sono, se quiser, antes de lhe fazermos algumas perguntas.

- Dezesseis bastarão. Mas antes... - Olhou em volta, ansioso. - Onde está Grant? Ach, ali está Grant. - Deu uns passos na direção do jovem agente. - Grant!

- E lhe estendeu a mão. - Adeus. Obrigado. Muito obrigado. Eu o verei novamente, não?

- É provável - disse Grant. - Sou muito fácil de se encontrar. Basta procurar o trabalho podre mais próximo e eu estarei ali, à frente.

- Alegro-me por se haver ocupado deste assunto podre, também.

Grant enrubesceu.

- Este tinha um significado especial, professor. Sinto-me satisfeito por ter colaborado. Falo sério.

- Eu sei. Adeus! Adeus! - Benes acenou e retrocedeu à limousine. Grant virou-se para o coronel.

- Estarei quebrando a segurança se me afastar agora, chefe?

- Vá em frente. E a propósito, Grant.

- Sim?

- Bom trabalho!

- A expressão adequada, senhor, é: "Um espetáculo bom e divertido. "Não sirvo para outra coisa. - Levou um indicador à têmpora, num gesto sardônico, e se afastou.

"Dê o fora, Grant", ele pensou e em seguida:

- Entre, Bom e Velho Charlie!

O coronel virou-se para Owens.

- Entre com Benes e converse. Irei no carro da frente. Quando chegarmos ao escritório, quero que você esteja preparado para uma identificação positiva, se a tiver ou um desmentido firme, se for o caso. Apenas isso.

- Ele recordou o episódio da bebedeira - disse Owens.

- Exato - disse o coronel, descontente. - Recordou-o um pouco rápido demais e com eficiência algo excessiva. Converse com o homem.

Entraram todos e a cavalgada movimentou-se, adquirindo velocidade. De longe, Grant observava, e acenou indiferentemente para ninguém em especial, depois se afastou de novo.

Dispunha de algum tempo e sabia exatamente como planejava gastá-lo, após uma noite de sono. Sorriu numa antecipação alegre.

A cavalgada abriu caminho cuidadosamente. As amostras de alvoroço e calma na cidade variavam de seção em seção e de hora em hora, e os detalhes referentes a esta seção e a esta hora tinham sido examinados de antemão.

Os carros rolaram, barulhentos, pelas ruas vazias, na arruinada vizinhança de armazéns turvos. As motocicletas corriam na frente, aos solavancos, e o coronel na primeira limousine tentou uma vez mais calcular como os outros reagiriam ao golpe bem sucedido.

Sabotagem no escritório central era sempre uma possibilidade. Ele não conseguia imaginar que precauções restavam a ser tomadas, em seu negócio valia o axioma de que nem todas as precauções eram suficientes.

Uma luz?

Num relance ele pareceu avistar uma luz acender e apagar-se numa das massas volumosas das quais se aproximavam. A mão voou para o telefone, a fim de alertar a escolta de motocicletas. Falou rápida e energicamente. De trás, uma motocicleta destacou-se e se atirou para a frente.

Nesse exato instante um automóvel a motor que estava parado adiante, numa posição lateral, deu sinal de vida (amortecido e quase abafado o som de seu motor pelo ruído múltiplo da cavalgada a caminho), e emergiu, crepitando, de um beco.

Os faróis estavam desligados, e, na surpresa de seu aparecimento repentino, ninguém conseguiu recobrar-se a tempo. Posteriormente, ninguém conseguiu refazer um quadro nítido dos acontecimentos.

O carro-projétil, visando diretamente a limousine onde Benes viajava, chocou-se com a motocicleta que investia. Na colisão que se seguiu, a motocicleta foi demolida, seu piloto atirado para um lado, a muitos metros de distância, onde ficou arrebentado e morto. O carro-projétil foi ligeiramente desviado de seu rumo, acertando a limousine na traseira.

Houve muitas colisões. A limousine, torcendo-se fora de controle, bateu contra um poste telefônico e sacudiu-se numa parada violenta. O carro-suicida, também fora de controle, chocou-se com um muro de tijolos e entrou em chamas.

A limousine do coronel foi brecada violentamente. As motocicletas guincharam, deram a volta e retornaram. Gonder saiu da limousine e correu para o carro avariado, puxando violentamente a porta.

Owens, sacudido, com um arranhão vermelho numa das faces, disse:

- Que aconteceu?

- Pelo amor de Deus, isto agora não interessa. Como está Benes?

- Ferido.

- Está vivo?

- Sim. Ajude-me.

Juntos, semiergueram Benes e puxaram-no para fora do carro. Os olhos de Benes estavam abertos, mas vidrados, e ele só produzia sons débeis e incoerentes.

- Como se está sentindo, professor?

- A cabeça dele bateu violentamente na maçaneta da porta - disse Owens em voz baixa e rápida. - Concussão, provavelmente. Mas ele é Benes. Não há dúvida.

- Sabemos disto agora, seu... - gritou Gonder. - Engoliu a última palavra com dificuldade.

A porta da primeira limousine foi aberta. Juntos, introduziram Benes, enquanto um tiro de rifle ecoava, procedente de um lugar no alto. Gonder atirou-se dentro do carro, em cima de Benes.

- Vamos sair daqui - gritou.

O carro e a metade da escolta de motocicletas partiram. O resto ficou atrás.

Policiais correram para o edifício de onde soara o tiro. A luz agonizante do carro-suicida incendiado emprestava ao cenário um brilho infernal. De perto, veio o rumor da multidão que começava a se reunir.

Gonder amparou a cabeça de Benes no colo. O cientista estava agora completamente inconsciente, respiração vagarosa, pulso fraco. Gonder fitou ansiosamente o homem que poderia estar morto naquele instante, e murmurou desesperado: "Estávamos quase chegando... quase chegando !"

3 - Escritório

Grant teve uma vaga consciência de que batiam à porta. Ergueu-se, cambaleando, e saiu do quarto, arrastando os pés no chão frio e bocejando prodigiosamente.

- Já vou.

Sentia-se entorpecido e queria sentir-se entorpecido. Por exigência da profissão fora treinado para despertar ante qualquer ruído exterior. Alerta instantâneo. Tome-se um sono profundo, acrescente-se uma pitada de golpe e ter-se-á o desabrochar instantâneo e completo de que vive.

Mas agora, que ele gozava um período de folga, para o inferno com tudo isto.

- Que deseja?

- Venho da parte do coronel, senhor - disse a voz do outro lado da porta. - Abra imediatamente.

Contra sua vontade, Grant despertou de todo. Deu um passo para um lado da porta e colou-se à parede. Então entreabriu a porta, até onde a corrente permitia, e disse:

- Atire seu cartão I. D. aqui.

Um cartão lhe foi arremessado, Grant apanhou-o e foi para o quarto.

Procurou no escuro o estojo de couro e retirou o Identificador. Inseriu nele o cartão e leu o resultado na tela translúcida.

Voltou à sala e soltou a corrente, pronto, apesar de si mesmo, a enfrentar o aparecimento de um revólver ou de algum sinal de hostilidade. Mas o jovem que entrou parecia completamente inofensivo.

- O senhor terá de me acompanhar ao escritório.

- Que horas são?

- Cerca de 6 horas e 45 minutos, senhor.

- Da manhã?

- Sim, senhor.

- Maldição! Por que me convocam a esta hora do dia?

- Não sei dizer, senhor. Estou cumprindo ordens. Devo pedir-lhe para me acompanhar. Desculpe. - Tentou fazer graça. - Eu também não queria acordar, mas aqui estou.

- Haveria tempo para eu me barbear e tomar um banho?

- Bem...

- Está bem, então. Posso vestir-me?

- Sim, senhor... mas rápido!

Grant roçou a penugem do queixo com o polegar e deu graças por se ter barbeado na noite anterior.

- Dê-me cinco minutos para a roupa e outras necessidades.

Do banheiro, ele perguntou:

- Que está acontecendo?

- Não sei, senhor.

- A que escritório vamos?

- Não acho...

- Não importa. - O som de água corrente tornou impossível a conversa, por um instante.

Grant saiu, sentindo-se sombriamente um semi civilizado.

- Mas vamos ao escritório. Você disse isto, certo?

- Sim, senhor.

- Está bem, filho - disse Grant, cordialmente -, mas se desconfiar de algum truque, eu lhe partirei em dois.

- Sim, senhor.

Grant carregou o sobrolho quando o carro parou. A manhã era cinzenta e úmida. Pairava uma sugestão de chuva iminente, a área era uma miscelânea de velhos armazéns, e um quarto de milha atrás tinham passado por um lugar com cordões de isolamento.

- Que aconteceu aqui? - Grant perguntou, mas o companheiro continuou sendo a mina habitual de não informação. Afinal, pararam, e Grant colocou de leve a mão no cabo do revólver no coldre.

- É melhor me dizer o que vem agora.

- Chegamos. Esta é uma repartição secreta do governo. Não parece, mas é.

O rapaz saiu e o chofer fez o mesmo.

- Por favor, fique no carro, Mr. Grant.

Os dois se afastaram uns cem passos, enquanto Grant, preocupado, examinava os arredores. Houve um súbito movimento de deslize, e durante um segundo ele perdeu o equilíbrio. Recobrando-se, começou a puxar a maçaneta da porta do carro, depois hesitou, atônito, ao ver paredes cinzentas e lisas subindo por todos os lados.

Levou um momento para perceber que estava descendo com o carro, que o carro parara sobre um elevador. Deixara-se surpreender sem ação, e agora era muito tarde para tentar sair.

Em cima, uma tampa deslizou, fechando a abertura do poço, e durante algum tempo Grant ficou em completa escuridão. Acendeu os faróis, mas estes varreram inutilmente a curva arredondada da parede. Nada pôde fazer, exceto esperar três intermináveis minutos e então o carro parou.

Duas grandes portas se abriram, e os músculos tensos de Grant estavam prontos para entrar em ação. Ele os relaxou imediatamente. Uma motoneta de dois lugares conduzindo um M. P. - um óbvio M. P. num uniforme militar dos mais legítimos - esperava-o. No capacete estavam as letras CMDF. Na motoneta, as mesmas iniciais.

Automaticamente Grant traduziu as iniciais. "Centralizer Mountain Defense Forces (Forças Centrais de Defesa Montanhesa), murmurou. "Coastal Mame Department Fisheries (Departamento de Pesca Marítima Costeira)".

- O quê? - disse ele em voz alta. Não ouvira a observação do M. P.

- Queira fazer o obséquio de entrar, senhor - repetiu o M. P., cerimonioso, indicando o assento vazio.

- Certamente. Vocês têm aqui um lugar e tanto.

- Sim, senhor.

- Qual o tamanho dele?

Passavam por uma área cavernosa e vazia, cheia de caminhões e carretas a motor alinhados contra a parede, todos com a insígnia CMDF.

- Muito grande - disse o M. P.

- Por isso eu gosto de todos aqui - observou Grant. - Prestam informações inestimáveis.

A motoneta subiu suavemente uma rampa para um nível superior, fervilhando de gente. Indivíduos uniformizados, homens e mulheres, movimentavam-se, ocupados, e havia uma atmosfera indefinível mas inegável de agitação no lugar.

Grant surpreendeu-se a observar uma moça vestida no que parecia ser um uniforme de enfermeira (as iniciais CMDF estavam impressas na curva de um seio) e lembrou-se dos planos que começara a formular na noite anterior.

Se esta fosse outra missão...

A motoneta fez uma volta abrupta e parou diante de uma escrivaninha.

O M. P. desmontou.

- Charles Grant, senhor.

O oficial atrás da escrivaninha não se moveu ante a informação.

- Nome? - perguntou.

- Charles Grant - disse Grant -, conforme revelou este cidadão simpático.

- Seu cartão I. D., por favor.

Grant passou-lhe o cartão. Este trazia apenas um número em alto-relevo, ao qual o oficial lançou um olhar rápido. Inseriu-o em seguida no Identificador, sobre a escrivaninha, enquanto Grant observava sem muito interesse. Funcionava precisamente como o seu Identificador portátil, enorme e acromegálico. A tela cinzenta e inexpressiva iluminou-se com o seu próprio retrato, de rosto inteiro e corpo inteiro, e que parecia como sempre parecia aos olhos do próprio Grant o de um gangster sombrio e ameaçador.

Onde estava o olhar decidido e franco? Onde o sorriso simpático? Onde as covinhas nas faces que punham as moças malucas, inteiramente malucas?

Somente aquelas sobrancelhas escuras e ameaçadoras se impunham, dando-lhe aquele olhar zangado. Um milagre se alguém o reconhecesse.

O oficial atirou, aparentemente sem problemas, um olhar à foto, outro a Grant. O cartão I. D. foi sacado, devolvido, e ele recebeu um aceno para prosseguir.

A motoneta voltou à direita, passou por uma arcada e em seguida desceu longo corredor, com sinais de tráfego, duas passagens de ida e duas de volta.

O tráfego era intenso, ali, sendo Grant o único sem uniforme.

As portas se repetiam, dos dois lados, a intervalos quase hipnoticamente periódicos, com passagens para pedestres imediatamente adjacentes às paredes.

O movimento nelas era menos intenso.

A motoneta aproximou-se de outra arcada, sobre a qual havia uma inscrição:

"Divisão Médica."

Um M. P. de guarda, numa guarita semelhante à dos policiais que comandam o tráfego, ligou uma chave. Pesadas portas de aço abriram-se, a motoneta deslizou para dentro e parou. Grant perguntava a seus botões sob qual parte da cidade se encontrava agora.

O homem no uniforme de general, que se aproximava apressadamente, parecia familiar. Grant identificou-o antes que ele chegasse à distância de um aperto de mão.

- Carter, não é? Nós nos encontramos na Transcontinental, alguns anos atrás. O senhor então não usava uniforme.

- Alô, Grant. Ah, o raio do uniforme. Só o visto aqui por questões de hierarquia. Venha comigo. Granito Grant, não é?

- Ah, claro.

Cruzaram uma porta, entrando no que era obviamente uma sala de cirurgia.

Grant relanceou os olhos na janela de observação para ver a cena habitual de mulheres e homens de branco, alvoroçados em torno de uma assepsia quase visível, cercados pelo duro clarão de peças de metal, ásperas e frias e tudo isto amesquinhado e tornado insignificante pela proliferação de instrumentos eletrônicos que tinham convertido a medicina num ramo de engenharia.

Uma mesa de operação estava sendo introduzida, e uma massa desordenada de cabelo grisalho fluía sobre o travesseiro branco.

Foi então que Grant sofreu a sua pior surpresa.

- Benes? - cochichou.

- Benes - disse o General Carter, desoladamente.

- Que lhe aconteceu?

- Eles o perseguiram. Culpa nossa. Vivemos numa época eletrônica, Grant.

Tudo quanto fazemos, fazemos com nossos criados transistorizados em mão.

Nossos inimigos, nós os repelimos mediante a manipulação de uma corrente eletrônica. Vigiamos o trajeto de todas as maneiras possíveis, mas visando apenas a inimigos eletrônicos. Não contávamos com um automóvel tendo um homem na direção, nem com rifles manobrados por homens.

- Suponho que nenhum deles escapou.

- Nenhum. O homem do carro morreu na colisão. Os outros foram mortos a bala. Perdemos alguns homens.

Grant olhou de novo para baixo. Havia no rosto de Benes uma expressão vazia que se associava à sedação profunda.

- Presumo que ele está vivo, de outra forma não o trariam aqui.

- Está vivo, sim. Mas não há muita esperança.

- Alguém teve oportunidade de falar-lhe?

- Um certo Capitão Owens... Capitão William Owens. Conhece-o? Grant sacudiu a cabeça.

- Vi ligeiramente no aeroporto alguém a quem Gonder chamava assim.

- Owens conversou com Benes, mas sem obter informações importantes Gonder também falou-lhe. Você teve mais oportunidade de conversar com ele. Ele lhe contou alguma coisa?

- Não, senhor. E nem eu teria compreendido, caso ele me contasse. Minha missão resumia-se em trazê-lo a este país, e nada mais.

- Naturalmente. Mas você conversou com ele e ele lhe poderia ter contado mais coisas do que pensava.

- Se o fez, elas passaram em branco pela minha cabeça. Mas não creio que as tivesse contado. Vivendo no Outro Lado aprende-se a ficar de boca fechada.

- Não seja desnecessariamente superior, Grant - disse Carter, com uma carranca. - Você adquiriu a mesma prática neste lado. Se ignora isto.. . desculpe, não vale a pena falar nessas coisas.

- Perfeito, general. - Grant encolheu os ombros, indiferente.

- Bom, a questão é esta: ele não falou com ninguém. Foi posto fora de ação antes de obtermos o que queríamos dele. É como se ele jamais tivesse saído do Outro Lado.

- Ao vir para cá, passei por um lugar isolado pela polícia. - disse Grant.

- Foi o lugar do atentado. Mais cinco quarteirões e nós o teríamos em segurança.

- Qual o problema dele agora?

- Concussão cerebral. Temos de operar... e para isto precisamos de você.

- Eu? - exclamou Grant, vigorosamente. - Escute, general, em matéria de cirurgia cerebral sou uma criança. Fui reprovado em Cerebelo Superior, na velha Universidade Estadual.

Carter não reagiu, e para Grant suas próprias palavras soaram ocas.

- Venha comigo - disse Carter.

Grant acompanhou-o, através de uma porta, desceram um trecho do corredor e entraram em outra sala.

- Controle Geral - disse Carter, secamente. As paredes estavam cobertas de telas de TV. A cadeira central estava meio cercada de um consolo semicircular de interruptores, dispostos numa série de degraus.

Carter sentou-se e Grant continuou de pé.

- Deixe-me dar-lhe a essência da situação - disse Carter. - Conforme você não ignora, existe um empate forçado entre Nós e Eles.

- Claro. E já data de longo tempo.

- O empate não é uma coisa má, em geral. Competimos; vivemos sob o influxo do medo e, dessa forma, temos conseguido muitas realizações. Ambos os lados. Mas se houver desempate, terá de ser a nosso favor. Você compreende isto, não?

- Creio que sim, general - disse Grant, com secura.

- Benes representa a possibilidade desse desempate. Se nos puder revelar o que sabe...

- Posso fazer uma pergunta, senhor?

- À vontade.

- O que é que ele sabe? Que espécie de coisa?

- Devagar. Devagar. Espere alguns momentos. Deixe-me prosseguir. A natureza exata da informação não é crucial neste instante. Se ele puder contar-nos o que sabe, então o desempate ocorrerá a nosso favor. Se ele morrer, ou se recobrar a consciência, mas for incapaz de nos dar a informação devido a uma avaria cerebral, então o empate perdurará. A despeito da lamentável perda de um grande cérebro, poderia se dizer que a manutenção do empate não é de todo má.

- Sim, se a situação for a que eu descrevi, mas pode não ser.

- Qual é o seu pensamento? - perguntou Grant.

- Considere Benes. É tido como homem moderado, mas não temos indicação de que ele sofresse dificuldades com o seu governo. Demonstrou todos os sinais de lealdade durante um quarto de século, e foi bem tratado. Agora, de repente, resolve fugir.

- Porque ele deseja desempatar o jogo para o nosso lado.

- Será mesmo? Ou teria revelado uma parte fundamental de seu trabalho, antes de apreender o seu real significado, a fim de dar ao Outro Lado a possibilidade de desenvolvê-lo? Ele pode ter concluído que, sem pensar muito no problema, colocou o domínio do mundo nas mãos de seu próprio lado, e talvez não confie suficientemente nas virtudes de seu lado. Por isso, nos procura agora, não tanto para nos dar a vitória, mas para não permitir a vitória a nenhum dos lados. Vem a nós a fim de manter o empate.

- Há alguma evidência nesse sentido, senhor?

- Nem um pingo - disse Carter. - Mas não deixa de ser uma possibilidade, acho eu, e você percebe que tampouco existe um perigo de evidência contra ela.

- Prossiga.

- Se a questão de vida ou de morte, para Benes, significava uma opção entre vitória total nossa ou empate permanente... bem, poderíamos dar um jeito. Perder nossa oportunidade de vitória total seria uma vergonha abominável, mas poderíamos ter outra oportunidade no futuro. No entanto, nosso problema é uma opção entre empate forçado e derrota total, e uma das alternativas é completamente insuportável. Concorda?

- Naturalmente.

- Como você vê, havendo uma possibilidade mínima de que a morte de Benes nos traga a derrota total, então essa morte deve ser evitada a qualquer preço, a qualquer custo, a qualquer risco.

- Percebo que o senhor faz esta declaração em meu benefício, general, porque me vai pedir alguma coisa. Tenho arriscado a vida a fim de prevenir eventualidades consideravelmente alheias a questões de derrota total. Jamais gostei realmente disso, se quer saber, mas executo o que me mandam. Mas... que poderia fazer na sala de cirurgia? Quando precisei de uma atadura na ponta das costelas, ontem, Benes teve de colocá-la. E em comparação a outros aspectos da técnica médica, sou muito bom em ataduras.

Carter tampouco reagiu a isto.

- Gonder recomendou você. Em primeiro lugar, por questões de princípios gerais. Ele o considera notavelmente capaz. E eu também.

- General, dispenso bajulações. Elas me irritam.

- Raios, homem! Não estou bajulando. Estou explicando algo. Gonder o considera capaz, de modo geral, mas considera, sobretudo, sua missão incompleta. Você devia entregar Benes em segurança, e isso não aconteceu.

- Ele estava são e salvo quando o entreguei ao próprio Gonder.

- Mas agora não está.

- Está apelando para o meu orgulho profissional, general?

- Se você quiser.

- Está bem. Entregarei o bisturi. Enxugarei o suor na testa do cirurgião.

Piscarei os olhos para as enfermeiras. Creio que se esgota ai minha competência numa sala de cirurgia.

- Você não estará sozinho. Participará de uma equipe.

- Já esperava isto - disse Grant. - Alguém mais terá de empunhar o bisturi. Eu apenas o entregarei numa bandeja.

Carter manipulou alguns interruptores, com um toque firme. Numa tela de TV duas pessoas de óculos escuros foram focalizadas de imediato. Estavam inclinadas atentamente sobre um raio laser, cuja luz vermelha se estreitava num fio delgado. A luz desapareceu e eles removeram os óculos.

- É Peter Duval - disse Carter. - Já ouviu falar dele?

- Desculpe-me, mas não.

- É o maior cirurgião de cérebro do país.

- Quem é a moça?

- Sua assistente.

- Ah!

- Não seja convencional. Ela é extremamente competente.

Grant murchou um pouco.

- Estou certo disso, senhor.

- Você disse que viu Owens no aeroporto?

- Muito rapidamente, senhor.

- Ele também estará com você. É o chefe da Seção Médica. Ele lhe dará as instruções.

Outra manipulação rápida, e desta feita a tela de TV emitiu aquele zumbido baixo que significava ligação de duas faixas de sons. Uma agradável cabeça calva, em primeiro plano, investigava a rede intrincada de um sistema circulatório que enchia a parede atrás.

- Max! - chamou Carter.

Michaels olhou para cima. Seus olhos se estreitaram. Parecia cansado.

- Sim, Al.

- Grant está à sua disposição. Vamos apressar-nos. O tempo é curto.

- Realmente é curto. Vou mandar buscá-lo agora mesmo.

- Por um instante, Michaels prendeu o olhar de Grant, e disse vagarosamente: - Espero que esteja preparado, Mr. Grant, para a mais invulgar experiência de sua vida. Ou da vida de um ser humano.

4 - Reunião

No escritório de Michaels, Grant descobriu-se, de boca aberta, a olhar um mapa do sistema circulatório.

- É uma missa profana, um mapa do território - disse Michaels. Cada marca nela é uma estrada, cada junção, um cruzamento. O mapa é tão intrincado quanto um mapa rodoviário dos Estados Unidos. É pior ainda, pois é em três dimensões.

- Bom Deus!

- Cem mil milhas de vasos sanguíneos. Agora você avista pouquíssimos, pois a maior parte deles é microscópica, visível apenas mediante considerável ampliação, mas estendidos numa linha única dariam quatro vezes a volta em torno da Terra, ou, se preferir, cobririam a metade da distância à Lua. Você conseguiu dormir, Grant?

- Umas seis horas. Também cochilei no avião. Estou em boa forma.

- Bom, você terá oportunidade de comer, fazer a barba e cuidar de outras coisas, se necessário. Eu desejaria ter dormido. - Ergueu a mão, imediatamente, como advertência. - Não que eu esteja em má forma física. Não me queixo. Já tomou morfogen?

- Nunca ouvi falar disso. Alguma droga?

- Sim. Relativamente nova. Conforme você não ignora, nós não precisamos de sono. Não se descansa, durante o sono, mais do que se descansa estendido confortavelmente e de olhos abertos. Menos, talvez. São os sonhos que nos fazem falta. Temos de sonhar algum tempo, do contrário a coordenação cerebral entraria em colapso e começaríamos a ter alucinações e, eventualmente, morreríamos.

- O morfogen o faz sonhar? É isto?

- Exatamente. Ele nos anestesia durante meia hora de sonhos poderosos, e depois estamos prontos para enfrentar o dia de trabalho. Mas siga meu conselho e se afaste desse narcótico, salvo em caso de emergência.

- Por quê? Ele o deixa cansado?

- Não. Não particularmente cansado. É que os sonhos são maus. O morfogen esvazia a mente, varre o lixo mental acumulado durante o dia, trata-se de uma experiência desagradável. Evite-a. Eu não tive outro jeito. O mapa tinha de ser preparado, e gastei a noite inteira nisso.

- Aquele mapa?

- É o sistema circulatório de Benes, com todos os vasos capilares, e eu tive de aprender o mais que pudesse a seu respeito. Aqui em cima, quase no centro do crânio, perto da pituitária, está o coágulo sanguíneo.

- O problema é este?

- Sem dúvida. O resto pôde ser tratado. As contusões gerais e machucaduras, o choque, a concussão. O coágulo, não, salvo por intermédio da cirurgia. E depressa.

- Quanto tempo ele agüentará, Dr. Michaels?

- Eu não poderia dizer. O coágulo não será fatal, digamos, por enquanto, mas a avaria cerebral antecede de muito a morte. E para esta organização, a avaria mental será tão ruim quanto a morte. Todos aqui esperam milagres de Benes, e agora estão aflitos. Carter, em especial, passa por um mau momento e precisa de você.

- O senhor quer dizer que ele espera nova tentativa do Outro Lado?

- Ele não diz isto, mas suspeito que alimenta seus temores e por isso incluiu você na equipe.

Grant olhou em volta.

- Existe motivo para se julgar este lugar infiltrado? Eles colocaram agentes aqui?

- Que eu saiba, não, mas Carter é homem cheio de suspeitas. Creio que ele suspeita da possibilidade de assassínio médico.

- Duval?

Michaels encolheu os ombros.

- Um sujeito impopular, e o instrumento que utiliza pode causar a morte, se houver um desvio microscópico.

- De que forma Duval poderia ser detido?

- Carter ignora.

- Nesse caso utilizem alguém mais, alguém em quem possam confiar.

- Ninguém mais tem a necessária perícia. E Duval está conosco. Além disso, não temos prova de que ele não seja completamente leal.

- Mas se me puserem colado a Duval, como um enfermeiro masculino, a fim de observá-lo de perto, eu não serei útil. Não saberia o que se estaria processando ou se ele faria o trabalho com honestidade e correção. De fato, quando ele abrisse o crânio de Benes, eu estaria fora de ação.

- Ele não abrirá o crânio - disse Michaels. - O coágulo não pode ser atingido do lado de fora. Quanto a isto Duval foi definitivo.

- Mas então.

- Nós o atingiremos pelo lado de dentro.

Grant franziu as sobrancelhas. Devagar, sacudiu a cabeça.

- Não sei de que raio de coisa o senhor está falando!

- Mr. Grant - respondeu Michaels, tranquilo -, todas as pessoas participantes deste projeto conhecem as regras, e compreendem exatamente o que ele ou ela deve fazer. Você é o forasteiro, cabendo-me a tarefa desagradável de educá-lo.

Mas se tenho de fazer, eu o farei. Vou familiarizá-lo com uma parte do trabalho teórico que se processa nesta instituição.

Grant arreganhou os lábios.

- Desculpe-me, doutor, mas o senhor acaba de proferir uma palavra imprópria. No colégio eu fiz um curso especial de futebol e um curso normal de mulheres. Não desperdice teorias comigo.

- Vi sua ficha, Mr. Grant, e devo dizer-lhe que não é bem assim. Mas não o privarei de sua virilidade, acusando-o por sua inteligência óbvia e educação, mesmo entre nós. Não desperdiçarei teorias, mas pretendo transmitir-lhe informações essenciais de que irá necessitar. Presumo que já observou nossa insígnia, CMDF.

- Certamente.

- Tem idéia do que significa?

- Fiz algumas adivinhações. Que tal Estúpidos e Loucos Marcianos Consolidados? Tenho uma ainda melhor, mas é impublicável.

- Acontece que ela quer dizer "Combined Miniature Deterrent Forces" (Forças Repressivas de Miniaturização Combinada).

- Faz menos sentido do que a minha sugestão - disse Grant.

- Eu explico. Já ouviu falar da controvérsia em torno do processo de miniaturização?

Grant pensou um pouco.

- Eu estava no colégio, então. Gastamos algumas aulas nesse assunto, no curso de física.

- Entre um e outro jogo de futebol.

- Sim. Mas fora da temporada esportiva, na verdade. Se bem me lembro, um grupo de físicos dizia ser possível reduzir-se o volume de objetos até determinado grau - coisa que se classificava de fraude. Bem, talvez nem tanto uma fraude, mas um equívoco. Lembro-me de que a classe apresentou argumentos demonstrando por que era impossível reduzir um homem ao tamanho, digamos, de um rato, e conservá-lo como homem.

- Estou certo de que esses debates se processaram em todos os colégios do mundo. Recorda algumas objeções.

- Creio que sim. Poderia se reduzir o volume de uma ou de duas maneiras:

unindo os átomos individuais de um objeto ou descartando uma certa proporção de átomos. A unificação de átomos contra forças interatômicas repulsivas exigiria pressões extraordinárias. As pressões do centro de Júpiter seriam insuficientes para comprimir um homem ao volume de um rato. Estou indo bem?

- Tão luminoso quanto o dia.

- E mesmo sendo possível essa redução, a pressão mataria qualquer ser vivo. Além disso, um objeto reduzido em seu volume pela unificação de átomos

conservaria a massa original, sendo difícil conseguir-se um objeto do tamanho de um rato com a massa de um homem.

- Estupendo, Mr. Grant. O senhor deve ter divertido durante horas suas namoradas, com essa conversa romântica. E o outro método?

- O outro método consistiria na remoção de átomos em proporção cuidadosa, a fim de que a massa e o volume de um objeto diminuíssem, embora a relação das partes permanecesse constante. Mas para se reduzir um homem ao tamanho de um rato só se poderia retirar um átomo em, talvez, setenta mil. Feito isso no cérebro, o resultado seria apenas mais complicado que o cérebro original de um rato. Ademais, como reexpandir o objeto, conforme os físicos miniaturistas alegavam ser possível? Como reaver os átomos dispensados e recolocá-los em seus exatos lugares?

- Perfeito, Mr. Grant. Mas nesse caso, como é que alguns físicos famosos chegaram a pensar na viabilidade da miniaturização?

- Não sei, doutor. Não se ouviu mais falar no assunto.

- Em parte, porque os nossos colegas receberam ordens para manter em sigilo o seu trabalho cuidadoso. A técnica foi-se desenvolvendo, aqui e no Outro Lado. Literalmente. Aqui. Por baixo do pano. - Foi quase com paixão que Michaels deu pancadinhas na mesa à sua frente. - E tivemos de manter cursos especiais sobre técnicas de miniaturização, para físicos diplomados que não poderiam aprendê-las em lugar algum, exceto em escolas semelhantes no Outro Lado. A miniaturização é perfeitamente possível, mas não através dos métodos que o senhor descreveu. Já viu uma fotografia ampliada, Mr. Grant? Ou reduzida ao tamanho de um microfilme?

- Naturalmente.

- Sem teoria, então, eu lhe digo que o mesmo processo pode ser usado em objetos tridimensionais, inclusive no homem. Somos miniaturizados, não como objetos positivos, mas como imagens, imagens tridimensionais manipuladas de fora do universo de espaço-tempo.

Grant sorriu.

- Agora, professor, isto não passa de palavras.

- Sim, mas você não quer teoria, quer? O que os físicos descobriram dez anos atrás foi a utilização do hiperespaço, isto é, um espaço além das três dimensões espaciais comuns. O conceito foge à percepção física, a matemática quase sempre está além desse limite, mas a parte engraçada da coisa é que se pode realmente realizar a façanha. Podem-se miniaturizar objetos. Não eliminamos átomos nem os congregamos. Reduzimos o volume dos átomos, também, reduzimos tudo e a massa decresce automaticamente. Quando queremos, restauramos o volume primitivo.

- O senhor parece falar com seriedade - disse Grant. - Afirma então que na verdade se pode reduzir um homem ao tamanho de um rato?

- Em princípio, pode-se reduzir um homem ao tamanho de uma bactéria, de um vírus, de um átomo. Não há limite teórico ao limite de miniaturização. Podemos encolher um exército, com todos os homens e equipamentos, a um volume que caiba dentro de uma caixa de fósforos. Idealmente, somos capazes, em seguida, de transportar essa caixa de fósforos aonde for necessário, e colocar o exército em ação, depois de restaurar-lhe o volume normal. Vê o significado disto?

- E o Outro Lado também pode fazer o mesmo, segundo suponho - disse Grant.

- Estamos convencidos que sim... mas venha comigo, Grant. As coisas se processam com rapidez e nosso tempo é limitado. Acompanhe-me.

Foi um "venha comigo" aqui e um "venha comigo" ali. Desde que Grant acordara esta manhã não lhe era permitido ficar no mesmo lugar por mais de quinze minutos. Isso aborrecia-o, mas pelo visto ele nada podia fazer a respeito.

Seria uma tentativa deliberada de não lhe dar tempo para pensar? Que estariam preparando para atirar-lhe às costas?

Ele e Michaels estavam na motoneta, Michaels dirigindo o veículo como um veterano.

- Se Nós e Eles tivéssemos a miniaturização, neutralizaríamos ações mútuas - disse Grant.

- Sim, mas isso não nos traria bem algum. Há um problema.

-Ah?

- Trabalhamos há dez anos para aumentar o índice proporcional, para atingir maiores intensidades de miniaturização, e também de expansão. . . apenas uma questão de se inverter o campo do hiperespaço. Infelizmente defrontamos limites teóricos nessa direção.

- Quais são eles?

- Não muito favoráveis. O Princípio da Incerteza intervém. A extensão da miniaturização, multiplicada pela duração da mesma, usando-se unidades adequadas, naturalmente, é igual a uma expressão contendo a constante de Planck. Se um homem é reduzido à metade de seu volume pode assim se conservar durante séculos. Se for reduzido ao tamanho de um rato, pode permanecer sob essa forma durante dias. Se reduzido ao volume de uma bactéria, só se pode manter nesse estado durante horas. Após esse limite de tempo, ele se expandiria novamente.

- Mas então poderia ser miniaturizado de novo.

- Somente após um período de tempo relativamente considerável. Quer algumas explicações matemáticas?

- Não. Confio na sua palavra.

Tinham chegado ao pé de uma escada rolante. Michaels, com um pequeno resmungo preocupado, desceu da motoneta. Grant saltou de lado.

Grant inclinou-se no parapeito quando a escada rolante se moveu majestosamente para cima.

- E qual seria a contribuição de Benes?

- Segundo eu soube, ele alega ser capaz de vencer o Princípio da Incerteza.

Supostamente, sabe como conter a miniaturização indefinidamente.

- O senhor não parece acreditar nisto, a julgar pela voz.

Michaels encolheu os ombros.

- Sou céptico quanto a isso. Para estender a intensidade da miniaturização e sua duração, ele teria de contar com algo mais, e, pela minha vida, não consigo imaginar o que seria esse algo mais. Talvez isso signifique apenas que eu não sou

um Benes. De qualquer modo, ele diz que pode, e não devemos correr o risco de não lhe dar crédito. Tampouco o Outro Lado, e por isso tentaram matá-lo.

Chegaram ao topo da escada rolante, e Michaels parou ali brevemente para completar a observação. Em seguida, recuou, a fim de tomar uma segunda escada rolante para outro andar.

- Agora, Grant, você compreende o que devemos fazer: salvar Benes. Por que devemos fazer: pela informação que ele possui. E como devemos fazer: pela miniaturização.

- Por que pela miniaturização?

- Porque o coágulo cerebral não pode ser removido do lado de fora. Já lhe disse isto. Em consequência, teremos de miniaturizar um submarino, injetá-lo numa artéria, e com o Capitão Owens nos controles e eu como piloto, navegaremos até o coágulo. Ali, Duval e sua assistente, Miss Peterson, operarão.

Os olhos de Grant se arregalaram.

- E eu?

- Irá como membro da tripulação. Supervisão geral, aparentemente.

- Eu não - disse Grant, violentamente. - Não serei voluntário numa tal expedição. Nem por um minuto.

Voltou-se e começou a caminhar em direção da escada rolante, mas com pouco efeito. Michaels seguiu-o, parecendo divertir-se.

- É sua profissão correr riscos, não é?

- Riscos que eu próprio escolho. Riscos a que estou habituado. Riscos para os quais estou preparado. Dê-me tanto tempo para pensar na miniaturização quanto o senhor teve e eu correrei o risco.

- Meu caro Grant. Você não foi convocado na qualidade de voluntário.

Segundo entendi, você foi designado para esta missão. E agora sua importância vem de lhe ser explicada. Antes de tudo, eu também vou, e não sou tão jovem como você, nem jamais fui jogador de futebol. De fato, depende de você manter nosso moral elevado, pois coragem é o seu negócio.

- Se é assim, sou um negociante falido - murmurou Grant. De modo irrelevante, quase com petulância, ele disse: - Outro café.

Acalmou-se e permitiu que a escada rolante o colhesse novamente. Perto do topo da escada havia uma porta assinalada como ""Sala de Conferências".

Entraram.

Grant tomou conhecimento gradual do conteúdo da sala. O que viu primeiro foi que uma extremidade da comprida mesa que enchia o centro da sala era um dispensário de café, com muitas xícaras, e que perto havia uma bandeja de sanduíches. Ele dirigiu-se imediatamente para lá e só depois de beber meia xícara de café, quente e preto, e dar uma grande dentada num sanduíche, o item dois entrou-lhe na consciência.

A assistente de Duval, Miss Peterson, não era este o nome? cabisbaixa, mas muito bela, achava-se de pé, terrivelmente perto de Duval. Grant teve o sentimento instantâneo de que dificilmente gostaria do cirurgião, e só a partir dai começou a absorver o resto da sala.

Um coronel sentava-se na outra extremidade da mesa, com um ar aborrecido. Uma mão rodava um cinzeiro, vagarosamente, enquanto as cinzas do cigarro tombavam no chão.

- Minha atitude é bastante clara - disse o coronel, enfaticamente, a Duval.

Grant reconheceu o Capitão Owens, em pé, sob o retrato do presidente. A vivacidade e o sorriso que ele exibira no aeroporto tinham desaparecido, e havia um arranhão numa face. Parecia nervoso e inquieto, e Grant solidarizou-se com essa sensação.

- Quem é o coronel? - perguntou a Michaels em voz baixa.

- Donald Reid, meu número oposto no lado militar da cerca.

- Acho que ele está aborrecido com Duval.

- Constantemente. Duval espanta muita gente. Poucos gostam dele. - Grant teve o impulso de responder: Ela parece gostar, mas as palavras soaram mesquinhas em seus pensamentos e ele afastou-as. Meu Deus, que prato! Que diabo ela podia ver naquele degolador solene?

Reid estava falando em voz baixa, cuidadosamente controlada.

- Além disso, doutor, o que ela faz aqui?

- Miss Cora Peterson - disse Duval, frio como gelo - é minha assistente. Onde eu vou, profissionalmente, ela me acompanha profissionalmente.

- Esta missão é perigosa...

- E Miss Peterson se apresentou voluntariamente, sabendo muito bem da existência de perigos.

- Um grupo de homens dos mais qualificados também se apresentou. As coisas seriam menos complicadas se um deles o acompanhasse. Eu lhe poderia indicar um.

- O senhor não o indicará, coronel, pois, se o fizer, eu não irei nessa expedição, e não haverá força humana capaz de me convencer. Miss Peterson é o meu terceiro e quarto braços. Conhece minhas exigências a ponto de executar seu trabalho sem instruções, antecipa-se aos meus pedidos, fornece o que é necessário sem ser solicitada. Eu não levarei um estranho que terá de se mexer na base do grito. Não me posso responsabilizar pelo êxito da operação, se perder um segundo, porque meu assistente e eu não nos entrosamos, e não participarei de uma missão em que não possa dispor de uma mão livre para arranjar as coisas de forma a criar melhores possibilidades de êxito.

Os olhos de Grant procuraram Cora Peterson novamente. Ela parecia agudamente embaraçada, mas fitava Duval com a expressão que Grant vira uma vez nos olhos de um cãozinho, quando o menino, seu dono, voltou da escola.

Grant considerou aquilo intensamente aborrecido.

A voz de Michaels entrou na disputa, enquanto Reid se erguia furioso.

- Eu sugeriria, Don, que, estando a operação inteira na dependência das mãos e dos olhos do Dr. Duval, e não nos cabendo dar-lhe ordens nesse particular, devemos ceder... sem prejuízo de necessária ação posterior, não é?

Assumo a responsabilidade disto.

Ele oferecia a Reid uma forma de livrar a cara, pensou Grant. E Reid, fumando sombriamente, teria de aceitá-la. Reid deu uma palmada na mesa à sua frente.

- Está bem. Quero um registro da minha oposição a este respeito.

E voltou a sentar-se, os lábios trêmulos.

Duval também se sentou, imperturbável. Grant foi puxar uma cadeira para Cora, mas ela se ajeitou sozinha e estava sentada antes que ele a alcançasse.

- Dr. Duval - disse Michaels -, este é Grant, o rapaz que nos acompanhará.

- Como homem-músculo, doutor - disse Grant. - Minha única qualificação.

Duval olhou para cima, descuidadamente. Seu cumprimento consistiu num aceno levíssimo atirado na direção geral de Grant.

- E Miss Peterson.

Grant sorriu. Ela não sorriu e disse:

- Como vai?

- Alô - disse Grant, e vendo quão pouco restava do seu segundo sanduíche, percebeu que ninguém mais estava comendo, e colocou-o de lado.

Carter entrou nessa altura, caminhando rapidamente e acenando vagamente à direção e à esquerda. Sentou-se e disse:

- Quer reunir-se a nós, Capitão Owens? Grant?

Owens moveu-se com relutância na direção da mesa e tomou assento em frente de Duval. Grant sentou-se a várias cadeiras de distância e achou-se em condições, ao olhar para Carter, de contemplar de perfil o rosto de Cora.

Um negócio de que ela participava podia ser assim tão ruim?

Michaels, que se sentou ao lado de Grant, inclinou-se para cochichar-lhe ao ouvido.

- Não é má idéia levar uma mulher. Talvez os homens trabalhem com mais ardor. E isto me agradaria.

- Por esse motivo o senhor deu a penada em favor da moça?

- Não. Duval estava falando sério. Ele não iria sem ela.

- Ele depende assim tanto dela?

- Talvez não. Mas ele gosta de se impor. Especialmente contra Reid. Nada de amor entre eles.

- Agora vamos ao que interessa - disse Carter. - Podem beber ou comer, se quiserem, enquanto esta reunião prossegue. Têm alguma questão urgente a levantar?

- Eu não me apresentei como voluntário, general - disse Grant, de súbito. - Recuso o posto e sugiro que encontrem um substituto.

- Você não é voluntário, Grant, e sua recusa é recusada. Senhores e Miss Peterson: Mr. Grant foi escolhido para acompanhar a expedição por uma variedade de motivos. O principal: foi ele quem trouxe Benes a este país, realizando a missão com êxito total.

Todos os olhos se voltaram para Grant, que se sentiu envergonhado ante a momentânea expectativa de aplausos polidos à sua pessoa. Mas não houve palmas, e ele se descontraiu. Carter prosseguiu.

- Ele é especialista em comunicações e um homem-rã experimentado. Tem muita desenvoltura e flexibilidade, sendo profissionalmente capaz de tomar decisões instantâneas. Por esse motivo colocarei o poder de adotar decisões de caráter geral em suas mãos, assim que a viagem se inicie. Compreendem?

Aparentemente estava entendido, e Grant, fitando aborrecido as próprias unhas, disse:

- Aparentemente fica convencionado que, enquanto vocês executam seu trabalho, eu cuido de emergências. Peço desculpas, mas desejo frisar que não me considero qualificado para o posto.

- A declaração está anotada - disse Carter, sem se perturbar. - Adiante.

O Capitão Owens projetou um submarino experimental para pesquisas oceanográficas. Não seria o ideal para a missão a que nos propomos, mas está a mão, e não existe outro mais apropriado. Owens estaria, naturalmente, no controle do seu navio, o Proteu. O Dr. Michaels seria o piloto. Ele se preparou nesse sentido e estudou o mapa do sistema circulatório de Benes, que exploraremos resumidamente. O Dr. Duval e sua assistente ficarão encarregados da operação, isto é, da remoção do coágulo. Os senhores compreendem a importância desta missão. Esperamos que a operação tenha êxito e que retornem sãos e salvos. Há a possibilidade de Benes falecer durante a intervenção cirúrgica - mas isto

ocorrerá fatalmente se a missão não for realizada. Há o perigo de o navio se perder, e, sob quaisquer circunstâncias, receio que o navio e a tripulação sejam sacrificados. O preço é alto, mas o prêmio que procuramos e não me refiro somente à CMDF, mas a toda a humanidade, ainda é maior.

- Avante, equipe - murmurou Grant, de respiração abafada.

Cora Peterson surpreendeu-se e olhou-o penetrantemente por baixo das sobrancelhas escuras. Grant corou.

- Mostre-lhes o mapa, Michaels - disse Carter.

Michaels pressionou um botão do instrumento que tinha diante de si, e a parede iluminou-se com o mapa tridimensional do sistema circulatório de Benes que Grant vira no escritório de Michaels. O mapa pareceu correr para eles e ampliar-se quando Michaels virou um interruptor. A parte focalizada da rede circulatória assumiu a clara delineação de uma cabeça e um pescoço.

Os vasos sanguíneos adquiriram um brilho quase fluorescente, e em seguida apareceram linhas gradeadas. Uma seta fina e preta cruzou o campo, manipulada pelo apontador fotográfico na mão de Michaels. Michaels não se ergueu, continuando sentado, com um braço atrás da cadeira.

- O coágulo - disse ele - está ali.

Ele não seria visível aos olhos de Grant antes de ser assinalado, mas agora que a seta negra marcava delicadamente seus limites Grant pôde vê-lo, um pequeno e sólido nódulo obturando uma arteríola.

- Ele não representa perigo imediato de vida, mas esta seção do cérebro (a seta dançou em torno) sofre compressão de nervos e já pode estar avariada.

O Dr. Duval me disse que os efeitos podem ser irreversíveis em doze horas ou menos. Uma tentativa de operação à maneira tradicional implicaria abertura do crânio aqui, aqui ou aqui. Em qualquer desses três casos, o dano inevitável tenderia a se estender, com resultados duvidosos. Por outro lado, poderíamos tentar atingir o coágulo através da corrente sanguínea. Se pudéssemos penetrar na carótida, aqui no pescoço, estaríamos numa rota razoavelmente direta até o destino.

O avanço da seta através da linha da artéria vermelha, abrindo caminho pela tonalidade azulada das veias, tornava a operação muito fácil.

- Se, então, o Proteu e seus tripulantes fossem miniaturizados e injetados. .

Owens falou de repente.

- Espere um pouco - A voz dele era áspera e metálica. - Durante quanto tempo permaneceremos reduzidos?

- Teremos de ficar bastante reduzidos a fim de evitar a ativação de defesas do corpo. O comprimento do navio será de três micros.

- Quanto equivale em polegadas? - interrompeu Grant.

- Um pouco menos de um décimo de milésimo de uma polegada. A nave terá mais ou menos o volume de uma grande bactéria.

- Muito bem - disse Owens. - Se entrarmos numa artéria estaremos expostos à força plena da corrente arterial.

- Não mais de uma milha por hora - disse Carter.

- As milhas por hora não importam. Nós iremos a uma velocidade cem mil vezes superior ao comprimento da nave, por segundo. Isso equivaleria, em circunstâncias ordinárias, a uma velocidade de duzentas milhas por segundo ou algo em torno disso. Em nossa escala miniaturizada nós nos moveremos doze vezes mais depressa do que um astronauta. Pelo menos.

- Não há dúvida - disse Carter. - Não vejo problemas. Cada corpúsculo vermelho do sangue move-se com igual rapidez na corrente sanguínea, e a nave é muito mais forte que o corpúsculo.

- Não, não é - disse Owens, com calor. - Um corpúsculo vermelho do sangue contém bilhões de átomos, mas o Proteu reuniria bilhões de bilhões de bilhões de átomos no mesmo espaço, átomos miniaturizados, certamente - mas que importa?

Nós estaremos constituídos de um número imensamente maior de unidades do que o corpúsculo, e por esse motivo seríamos mais débeis. Além disso, o corpúsculo vermelho jaz numa ambiência de átomos igual, em volume, aos átomos que o constituem, nós estaríamos num meio formado do que para nós seriam átomos monstruosos.

- Pode responder a isto, Max? - perguntou Carter.

Michaels limpou a garganta.

- Não pretendo ser um expert em problemas de miniaturização, como o Capitão Owens. Suspeito que ele esteja pensando no relatório de James e Schwartz, de que a fragilidade aumenta com a intensidade da miniaturização.

- Exatamente - disse Owens.

- O aumento é ínfimo, conforme recordam, e James e Schwartz tiveram de fazer no curso de sua análise algumas hipóteses simplificadoras, que provaram não ser inteiramente válidas. Antes de tudo, quando se expandem objetos, eles certamente não se tornam menos frágeis.

- Ah, convenhamos, nunca expandimos um objeto cem vezes acima de seu volume normal - disse Owens, desdenhosamente -, e ademais estamos falando de miniaturizar cerca de um milhão de vezes uma nave, em dimensões lineares.

Ninguém chegou tão longe, nem um objeto foi dimensionado a esse extremo, para mais ou menos. O fato é que não há ninguém no mundo capaz de predizer até que ponto nos debilitaríamos, ou se poderíamos suportar a pressão da corrente sanguínea, ou ainda como reagiríamos à ação de um corpúsculo branco do sangue. Não é isso, Michaels?

- Bem, sim - disse Michaels.

- Eu diria que experimentos ordenados conduzindo a uma miniaturização tão drástica ainda não foram completados - disse Carter, revelando o que parecia uma impaciência crescente. - Agora não estamos em condições de realizar um programa de tais experiências, portanto, teremos de correr riscos. Se a nave não sobreviver, paciência.

- Isto é furar as linhas adversárias com a pelota - murmurou Grant.

Cora Peterson inclinou-se para ele, num cochicho severo.

- Por favor, Mr. Grant, o senhor não está no campo de futebol.

- Ah, conhece a minha ficha, miss?

- Psiu.

- Estamos tomando todas as precauções possíveis - disse Carter. - Para sua própria segurança, Benes será posto num estado de profunda hipotermia.

O resfriamento eliminará as necessidades de oxigênio no cérebro. Isso traria o retardamento das pulsações cardíacas, e, de igual modo, da velocidade do fluxo sanguíneo.

- Mesmo assim - disse Owens - duvido que possamos sobreviver à turbulência.

- Capitão - interrompeu Michaels -, se o senhor guardar distância das paredes da artéria, estará na região do fluxo laminar, sem problemas de turbulência. Permaneceremos na artéria só durante alguns minutos, e, uma vez nos vasos menores, não haveria dificuldades. O único lugar onde não seríamos capazes de evitar turbulência fatal seria no próprio coração, mas nem sequer nos aproximaremos dele. Posso continuar, agora?

- Faça o favor - disse Carter.

- Alcançado o coágulo, este será destruído por um raio laser. Tendo sido miniaturizado na devida proporção, esse raio, se adequadamente utilizado - e certamente o será em mãos de Duval -, não causará dano algum ao cérebro ou ao próprio vaso sanguíneo. Não será necessário demolir todos os vestígios do coágulo. Bastará rompê-lo em fragmentos. As células brancas do sangue se encarregarão dele, em seguida. Deixaremos o lugar imediatamente depois, é claro, retornando por meio do sistema venoso até atingirmos a base do pescoço, onde seremos removidos da veia jugular.

- Como se saberá onde estamos e quando? - perguntou Grant.

- Michaels pilotará, cuidando para que os senhores estejam nos lugares certos, sempre. Estarão em comunicação conosco pelo rádio...

- Você não sabe se isto dará certo - interpôs Owens. - Há um problema na adaptação das ondas curtas através do abismo da miniaturização, e ninguém já tentou cruzar um abismo desses.

- É verdade, mas tentaremos. Além disso, o Proteu é acionado a energia nuclear, e estaremos em condições de seguir-lhe a radioatividade, também através do abismo. Os senhores terão apenas sessenta minutos, cavalheiros.

- Quer dizer que teremos de completar o trabalho e sair em uma hora? - perguntou Grant.

- Exatamente, uma hora. O volume dos senhores estará adaptado a esse espaço de tempo. Mas não se preocupem, haverá tempo de sobra. Se permanecerem dentro de Benes além do prazo, começarão a se expandir automaticamente. Não podemos conservá-los submergidos por mais tempo. Se tivéssemos o segredo de Benes, poderíamos mantê-los indefinidamente, mas nesse caso.

- Esta viagem seria desnecessária - completou Grant, sardônico.

- Exato. E se os senhores começarem a se expandir dentro do corpo de Benes, terminarão por atrair a atenção das defesas do corpo, e logo em seguida matariam Benes. Os senhores cuidarão para que isto não aconteça.

Carter olhou em volta.

- Mais perguntas? Neste caso, comecem os preparativos. Gostaríamos de introduzi-los no corpo de Benes o mais rápido possível.

5 - Submarino

O nível de atividade na sala de hospital atingira a analogia visual de um grito.

Todo o mundo se movimentava a passo rápido, quase numa meia corrida.

Somente a figura na mesa de operação permanecia quieta. Um pesado cobertor térmico cobria-a, as numerosas molas espirais coleando quando cheias do refrigério circulante. E sob ele jazia o corpo nu, congelado a um ponto em que a vida interior era um suspiro lento.

A cabeça de Benes estava raspada e marcada, qual mapa náutico, com numerosas linhas de latitude e longitude. No seu rosto profundamente narcotizado pairava uma expressão de tristeza, profundamente gélida.

Na parede atrás dele havia outra reprodução do sistema circulatório, ampliada até o ponto em que o peito, pescoço e cabeça eram suficientes para cobrir a parede de ponta a ponta e do chão ao teto. A parede se transformara numa floresta em que os grandes vasos eram tão espessos quanto o braço de um homem, enquanto os belos capilares enchiam todos os espaços intermediários.

Na torre de controle, meditando por sobre a mesa de operação, Carter e Reid observavam. Viam os bancos com tampa de carteira dos monitores, em cada um deles um técnico sentado, vestindo uniforme CMDF, uma sinfonia de branco com fecho de correr.

Carter foi à janela, enquanto Reid dizia suavemente num microfone:

- Tragam o Proteu à sala de miniaturização.

Era do protocolo dar essas ordens numa voz tranquila, e reinava tranquilidade embaixo. Ajustes de último minuto estavam sendo feitos freneticamente no cobertor térmico. Cada técnico estudava seu monitor como se este fosse uma noiva com quem, afinal, se achasse a sós. As enfermeiras enxameavam ao redor de Benes, quais borboletas grandes, de asas engomadas.

Com o Proteu iniciando preparativos para a miniaturização, todos os homens e mulheres embaixo sabiam que o estágio final da contagem regressiva já começara.

Reid apertou um botão.

- Coração!

O setor cardíaco foi exibido em detalhes na tela da TV colocada logo embaixo de Reid. Nesse setor dominaram os registros de eletrocardiograma, e as batidas do coração soaram num golpe pesado e duplamente surdo de pesarosa lentidão.

- Que tal, Henry?

- Perfeito. Está firme nas 32 batidas por minuto. Nenhuma anormalidade, acústica ou eletrônica, O resto dele deve estar assim também.

- Ótimo. - Reid desligou. Para um homem de coragem, que poderia estar errado se o coração funcionava a contento?

Ligou o setor pulmonar. O mundo que apareceu na tela foi o dos índices respiratórios.

- Tudo bem, Jack?

- Tudo bem, Dr. Reid. Consegui baixar a respiração a seis por minuto. Não me foi possível reduzi-la além disso.

- Não lhe estou pedindo tanto. Continue.

Em seguida, a hipotermia. Este setor era maior que todos os outros. Referia-se ao corpo inteiro, e aqui o tema era o termômetro. Marcas de temperatura nos membros, em vários pontos do tronco, em delicados contatos para revisões em determinadas profundezas embaixo da pele. Havia constantes recordes de temperatura para menos, cada linha ondulada trazendo sua própria identificação:

Circulatório, Respiratório, Cardíaco, Renal, Intestinal, e assim por diante.

- Algum problema, Sawyer? - perguntou Reid.

- Não, senhor. A média geral é de 28º C. - 820 F.

- Não precisava converter, obrigado.

Era como se Reid pudesse sentir a hipotermia descendo aos seus limites vitais. Dezesseis graus Fahrenheit abaixo do normal, dezesseis graus cruciais, reduzindo o metabolismo acerca de um terço do normal, cortando as necessidades de oxigênio para um terço; baixando as pulsações cardíacas, a velocidade do

fluxo sanguíneo, a escala de vida, a pressão sobre o cérebro bloqueado pelo coágulo e tornando a ambiência mais favorável à nave que dentro em breve entraria no jângal do interior humano.

Carter voltou na direção de Reid.

- Tudo arranjado, Don?

- O melhor possível, considerando-se a urgência dos preparativos.

- Quanto a isto tenho minhas dúvidas.

Reid corou. - Que pretende dizer, general?

- Que não houve necessidade de improvisações. Não é segredo para mim que você vinha preparando o terreno para experiências biológicas com miniaturização. Estava planejando, especificamente, a exploração do sistema circulatório humano?

- Especificamente, não. Mas na verdade minha equipe vinha trabalhando nesses problemas. É nossa obrigação.

- Don... - Carter hesitou, depois prosseguiu com firmeza. - Se isto falhar, Don, a cabeça de alguém será exigida para ornamentar a sala de troféus do Congresso, e a minha é a que estará mais a mão. Se isto tiver êxito, você e seus homens sairão frescos como lírios do vale. Não tente abusar, neste caso.

- Os militares sempre têm primazia, hein? Está me dizendo para não me intrometer?

- Claro que não. Outra coisa. Que se passa com a moça, Cora Peterson?

- Nada. Por quê?

- Você falava em voz muito alta. Ouvi-o antes de entrar na sala de conferências. Conhece algum motivo pelo qual ela não deveria estar a bordo?

- Trata-se de uma mulher. Ela pode não ser útil em casos de emergência.

Além disso...

- Sim?

- Se deseja a verdade, Duval assumiu suas maneiras habituais do tipo depois de mim, e eu reagi automaticamente. Até que ponto você confia em Duval?

- Que quer dizer com isto, confiar?

- Qual a verdadeira razão de ter incluído Grant na viagem? A quem ele deve vigiar?

- Não lhe pedi para vigiar ninguém - respondeu Carter em voz baixa e rouca.

- A tripulação deveria estar agora no corredor de esterilização.

Grant sentiu o leve odor medicinal na atmosfera e agradeceu a oportunidade de se barbear rapidamente. O uniforme CMDF não era mau: uma peça, cintada, e uma mistura entre o científico e o elegante. O uniforme que lhe tinham arranjado apertava-o levemente nas axilas, mas ele só iria usá-lo durante uma hora.

Em fila indiana, ele e os outros membros da tripulação desceram o corredor, dentro de uma luz turva que era rica em raios ultravioletas. Usavam óculos escuros contra os perigos da radiação.

Cora Peterson caminhava imediatamente antes de Grant. Silenciosamente ele deplorou a escuridão das lentes e a maneira como obscureciam o interessante estilo de andar da moça.

A pretexto de travar conversa, ele disse:

- Este passeio vai esterilizar-nos realmente, Miss Peterson?

Ela voltou a cabeça rapidamente e disse:

- Acho que o senhor não precisa manifestar preocupações masculinas.

A boca de Grant curvou-se numa tentativa de sorriso. Sem dúvida ele merecera a resposta.

- A senhorita subestima minha ingenuidade, e mal percebo sua sofisticação.

- Não pretendi ofender.

A porta no fim do corredor abriu-se automaticamente, e Grant, também automaticamente, cobriu a distância entre eles e ofereceu-lhe a mão. Ela recusou-a, seguindo nos calcanhares de Duval.

- Nada de ofensas. O que eu pretendia dizer é que não estaríamos realmente esterilizados. Isto é, prevenidos contra os micróbios. Quando muito, só nossas superfícies estariam estéreis. Dentro, fervilharíamos de germes.

- Quanto a isso - respondeu Cora - não há perigo, pois Benes tampouco está esterilizado. Isto é, infenso aos micróbios. Mas cada germe que matarmos é um germe a menos passível de ser introduzido no organismo dele. Nossos germes estarão miniaturizados conosco, é claro, e não sabemos até onde esses germes miniaturizados afetariam um ser humano se libertados na sua corrente sanguínea.

Por outro lado, uma hora depois, qualquer germe miniaturizado no sistema circulatório de Benes se expandiria no seu tamanho normal, e essa expansão poderia ser danosa, pelo que sabemos. Quanto menos Benes estiver sujeito a fatores desconhecidos, tanto melhor. - Ela sacudiu a cabeça. - Ignoramos tanta coisa! Realmente esta não é a maneira certa de fazer experiências.

- Mas não temos opção, temos, Miss Peterson? E posso chamá-la de Cora?

- Não me faz diferença.

Tinham entrado numa sala grande, redonda e envidraçada. Uma sala completamente pavimentada de ladrilhos hexagonais medindo mais ou menos um metro, dispostos em bolhas compactas, semicirculares, e feitos de algum material vítreo, de um branco leitoso. No centro da sala havia um único ladrilho, semelhante aos demais, exceto na cor, que era vermelho-escura.

Enchendo a maior parte do quarto havia uma nave branca de uns quinze metros de comprimento, na forma de uma pata de cavalo, com uma na cela em cima, cuja parte fronteira, envidraçada, era coberta por uma bolha menor, inteiramente transparente. Jazia sobre um macaco hidráulico e estava sendo manobrada para o centro da sala.

Michaels aproximou-se de Grant.

- O Proteu - disse. - Nosso lar daqui a pouco, durante uma hora ou mais.

- Esta sala é imensa - disse Grant, olhando em volta.

- A sala de miniaturização. Tem sido utilizada para miniaturizar peças de artilharia e pequenas bombas atômicas. Também pode servir para abrigar insetos desminiaturizados - isto é, formigas ampliadas no tamanho de locomotivas,

para estudo mais fácil. Essas experiências biológicas ainda não foram autorizadas, mas fizemos uma ou duas tentativas sigilosas nesta linha. Estão colocando o Proteu no Módulo Zero, é aquele vermelho. Depois, creio, nós entraremos. Nervoso, Mr.

Grant?

- E como! E o senhor?

Michaels balançou a cabeça, numa concordância pesarosa.

- E como!

O Proteu foi ajustado no berço e os macacos hidráulicos que o tinham manobrado foram retirados. Uma escadinha lateral servia de entrada.

A nave brilhava na sua brancura estéril, da proa rombuda ao jato duplo e à barbatana vertical da popa.

- Vou entrar primeiro - disse Owens. - Quando fizer sinal, entrem. - E caminhou para a escada.

- Afinal, o navio é dele - murmurou Grant. - Por que não? - Em seguida, comentou para Michaels: - Ele parece mais nervoso que nós.

- É o jeito dele. Parece nervoso o tempo todo. E se estiver mesmo, tem motivos para isso. Deixa esposa e duas filhas. Duval e sua assistente são solteiros.

- Eu também - disse Grant. - E o senhor?

- Divorciado, sem filhos.

Owens podia ser visto plenamente, agora, na nacela superior. Parecia concentrado em objetos logo à sua frente. Depois fez o sinal de entrada. Michaels respondeu e dirigiu-se à escada. Duval seguiu-o. Grant fez sinal para Cora entrar antes.

Todos estavam nos seus lugares quando Grant entrou abaixado na pequena câmara que servia de escotilha. Em cima, no solitário assento superior, Owens estava nos controles. Embaixo havia mais quatro lugares. Os dois do fundo, um de cada lado, estavam ocupados por Cora e Duval, Cora à direita, perto da escada

que conduzia à nacela, Duval à esquerda. Na proa, os outros dois assentos, juntos. Michaels já tomara o da esquerda. Grant sentou-se junto dele.

Nos dois lados havia bancos de trabalho e um conjunto do que parecia serem controles auxiliares Embaixo dos bancos, gabinetes sanitários Na proa, dois pequenos compartimentos, um de trabalho, o outro para deposito.

Ainda estava escuro dentro da nave.

- Vamos dar-lhe trabalho, Grant - disse Michaels - Ordinariamente teríamos um encarregado das comunicações em seu lugar. Um da nossa própria equipe, suponho. Já que você possui experiência de comunicações ficará a cargo do rádio. Nenhum problema, espero.

- Não estou enxergando quase nada agora.

- Ei, Owens - chamou Michaels, olhando para cima. - Que tal acender a luz?

- Em seguida. Estou testando alguns instrumentos.

- Não creio que as comunicações tenham algo de incomum. São os únicos objetos da nave não-acionados a energia nuclear.

- Não espero problemas.

- Ótimo! Acalme-se, então. Faltam poucos minutos para sermos miniaturizados. Os outros estão ocupados, e se você não se importar, falarei um pouco.

- Adiante.

Michaels ajeitou-se no assento.

- Todos nós temos reações específicas ao nervosismo. Alguns acendem cigarros... a propósito, é proibido fumar a bordo.

- Não fumo.

- Alguns bebem, outros roem as unhas. Eu falo... desde que, claro, não seja totalmente impedido. Agora mesmo há uma nítida predominância da fala sobre a sensação de sufocamento. Você fez uma pergunta sobre Owens. Está preocupado com ele?

- Deveria estar?

- Estou certo que Carter espera isto de sua parte. Se há um homem suspeito, eis Carter. Tendências paranóicas, suspeito que ele remoeu o fato de Owens ser o homem que estava no carro com Benes, por ocasião do acidente.

- Este pensamento também me ocorreu - disse Grant. - Mas que significa? Se o senhor está deduzindo que Owens podia ter arranjado o acidente, o interior do carro seria um mau lugar para ele.

- Não sugiro nada desse tipo - disse Michaels, sacudindo vigorosamente a cabeça. - Estou tentando penetrar no raciocínio de Carter. Suponhamos que Owens seja um agente secreto inimigo, convertido ao lado deles em uma de suas viagens para conferências cientificas no além-mar.

- Que dramático! - comentou Grant, secamente. - Alguém mais a bordo pronunciou tais conferências?

Michaels pensou um momento.

- Na verdade, todos nós proferimos. Mesmo a moça fez uma curta palestra no ano passado, ocasião em que Duval apresentou um documento. Mas de qualquer forma, suponhamos que seja Owens o convertido. Digamos que ele tenha recebido a tarefa de cuidar da morte de Benes. Seria necessário arriscar a própria vida. O chofer do carro suicida sabia que ia morrer; os cinco homens dos rifles sabiam também que iam morrer. Pelo visto, as pessoas não se importam de morrer.

- E Owens estaria preparado para morrer agora a fim de impedir o êxito de nossa missão? Por isso ele está nervoso?

- Oh, não. O que você sugere é totalmente inacreditável. Eu imagino, para efeito de argumentação, que Owens poderia dar a vida em troca de algum ideal, mas não desejaria sacrificar o prestígio na primeira missão que lhe é confiada.

- Então o senhor acha que podemos eliminá-lo e esquecer a possibilidade de um trabalho divertido nos cruzamentos?

Michaels riu levemente, o rosto rechonchudo, cordial.

- Naturalmente. Mas sou capaz de apostar como Carter nos considerou a todos dignos de suspeitas. É que você fez o mesmo.

- Duval, por exemplo? - perguntou Grant.

- Por que não? Qualquer um poderia ser do Outro Lado. Não para ganhar dinheiro, talvez. Estou certo de que ninguém aqui pode ser comprado. Mas por uma questão de idealismo errado. A miniaturização, por exemplo, é fundamentalmente uma arma de guerra, e muitos aqui estão firmemente contra este aspecto. Uma declaração assinada neste sentido foi enviada ao presidente, meses atrás, um apelo para findar a corrida da miniaturização, estabelecer um programa combinado com outras nações para exploração da miniaturização em pesquisas pacificas no campo da Biologia e da Medicina, sobretudo.

- Quem esteve envolvido nesse movimento?

- Muitos. Duval foi um dos líderes mais veementes e vociferantes. E para lhe ser franco, eu também assinei a declaração. Asseguro que os signatários eram sinceros. Eu era - e sou. É possível argumentar que o dispositivo de Benes para ilimitada duração da miniaturização, uma vez comprovado, aumentaria grandemente o perigo de guerra e aniquilamento. Dessa forma, suponho que Duval ou eu estaríamos ansiosos por ver Benes morto antes de poder falar.

Quanto a mim, nego estar motivado nesse sentido. Não até esse extremo, pelo menos. Quanto a Duval, o grande problema está na sua personalidade antipática.

Há muitas pessoas que estariam ansiosas para suspeitar dele a qualquer pretexto.

Michaels torceu-se no assento.

- Aquela moça ali também.

- Ela assinou?

- Não, a declaração era somente para o pessoal mais velho. Mas por que ela se encontra aqui?

- Porque Duval insistiu. Estávamos lá quando isso aconteceu.

- Sim, mas por que deveria ela estar a mão? É jovem e um bocado bonita.

Ele é vinte anos mais velho e não está interessado nela ou em qualquer ser humano. Teria ela vindo por causa de Duval... ou por algum outro motivo de natureza política?

- Está com ciúmes, Dr. Michaels?

Michaels pareceu colhido de surpresa. Vagarosamente, sorriu.

- Creia-me, eu nunca pensei realmente nisto. Pois aposto que estou. Não sou mais velho que Duval, e se ela está interessada em homens mais velhos, certamente seria mais agradável ter-me escolhido. Mas, mesmo descontando minha prevenção, há lugar para indagações sobre os motivos que a animam.

O sorriso de Michaels desapareceu e ele se tornou uma vez mais bastante sério.

- Além disso, a segurança desta nave depende não somente de nós, mas dos que estão lá fora e até certo ponto nos controlam. O Coronel Reid também se declarou a favor da petição, embora na sua qualidade de oficial militar não possa exercer atividade política. Seu nome esteve ausente da petição, mas sua voz, não.

Ele e Carter brigaram por causa disto. Antes eram bons amigos.

- Muito mau - disse Grant.

- E o próprio Carter. Um autêntico paranóico. As pressões do trabalho aqui podem criar instabilidade nos homens mais saudáveis. E eu me pergunto se podemos estar absolutamente certos de Carter não ter desenvolvido um pouco de deformação mental.

- O senhor acredita?

Michaels abriu os braços.

- Não, claro que não. Eu já lhe disse: esta é uma conversa terapêutica.

Prefere que eu fique aqui sentado, transpirando, ou que abafe uns gritos?

- Não, creio que não - disse Grant. - De fato, queira fazer o favor de continuar. Enquanto eu estiver escutando não terei tempo para ceder ao pânico.

Parece que o senhor já mencionou todos.

- Absolutamente. Deixei de propósito o personagem menos suspeito para o fim. Na verdade, pode-se dizer, como regra geral, que o personagem aparentemente menos suspeito é provavelmente o culpado. Você não diria isto?

- Obviamente - respondeu Grant. - E este personagem menos suspeito, quem é? Ou estaremos num lugar em que um tiro é desfechado e o senhor cai no chão logo antes de nomear a identidade do demônio?

- Ninguém parece estar-me alvejando - disse Michaels. - Acho que terei tempo de falar. O personagem menos suspeito é, naturalmente, você mesmo, Grant. Quem menos suspeito que o agente de confiança, designado para manter a segurança da nave durante a missão? Você realmente merece confiança, Grant?

- Não tenho certeza. O senhor dispõe apenas de minha palavra, e de que vale isto?

- Exatamente. Você esteve no Outro Lado, maior número de vezes e em circunstâncias mais obscuras que alguém mais nesta nave, estou certo.

Suponhamos que de uma maneira ou de outra você esteja comprado.

- É possível, acredito - disse Grant, sem se alterar. - Mas eu trouxe Benes aqui, em segurança.

- Certamente; mas sabendo, talvez, que ele seria tratado na próxima etapa, o que deixaria você livre de suspeitas e pronto para novas missões, como esta agora.

- Penso que o senhor acredita nisto.

Mas Michaels sacudiu a cabeça.

- Não, não acredito. E peço desculpas: acho que estou começando a ficar agressivo. - Beliscou o nariz e disse: - Gostaria que eles já tivessem iniciado a miniaturização. Então, eu teria menos tempo para pensar.

Grant sentiu-se embaraçado. Havia uma nítida expressão apreensiva no rosto de Michaels, quando o sintoma de gracejo desapareceu.

- E então, capitão? - perguntou Michaels, olhando para cima.

- Já vai, já vai - veio a voz de Owens, áspera e metálica.

As luzes se acenderam. Imediatamente Duval puxou várias gavetas e começou a examinar os mapas. Cora inspecionava o laser com cuidado.

- Posso subir, Owens? - perguntou Grant.

- Você pode esticar a cabeça até aqui, se quiser - replicou Owens. - Não há espaço para outra pessoa.

Grant disse no mesmo instante:

- Acalme-se, Dr. Michaels. Voltarei dentro de poucos minutos. Nesse ínterim o senhor pode agitar-se, sem ser observado.

A voz de Michaels soou seca e as palavras pareciam sair com dificuldade.

- Você é um sujeito atencioso. Se pelo menos eu tivesse dormido um sono natural.

Grant se ergueu e deu um passo atrás, fez uma careta para Cora, que lhe deu passagem de maneira fria. Depois ele subiu rapidamente a escada, olhou em volta e disse:

- Sabe o caminho?

- Tenho os mapas de Michaels aqui - disse Owens. - Girou um interruptor, e numa das telas à frente apareceu uma réplica do sistema circulatório, aquele que Grant vira muitas vezes. Owens tocou outro interruptor, e partes do mapa brilharam num amarelo iridescente, cor de laranja.

- Nosso roteiro - disse ele. - Michaels me orientara quando necessário e, já que somos movidos a energia nuclear, Carter e o resto poderão acompanhar-nos com precisão. Eles ajudarão a nos dirigir, se você cuidar bem das comunicações.

- O senhor tem aqui um conjunto complicado de controles.

- Uma sofisticação danada - disse Owens, com orgulho. - Um botão para tudo, até para falar, e o mais compacto possível. A nave foi projetada para trabalho submarino, como sabe.

Grant desceu, e novamente Cora deu-lhe passagem. Ela se concentrava profundamente sobre o laser, trabalhando com o que eram virtualmente ferramentas de relojoeiro.

- Isto parece complicado - disse Grant.

- Um laser vermelho, se lhe interessa.

- Sei que ele emite um raio firme de luz consistente e monocromática, mas não tenho a menor idéia de como funciona.

- Então eu sugiro que o senhor volte ao seu assento e me deixe trabalhar.

- Sim, senhora. Mas se quiser seduzir algum jogador de futebol, fale comigo.

Cora pousou uma pequena chave de fenda e esfregou os dedos enluvados de borracha.

- Mr. Grant?

- Senhora?

- Pretende tornar essa aventura odiosa graças à sua noção de humor?

- Não, não pretendo, mas... bem, posso puxar conversa com você?

- Como membro da tripulação, sim.

- Você também é uma mulher jovem.

- Sei disso, Mr. Grant, mas só lhe interessa este aspecto? Não é necessário assegurar-me, com observações e gestos, que o senhor tomou conhecimento de meu sexo. Na verdade, é cansativo e desnecessário. Quando isto acabar, e o senhor sentir necessidade de desempenhar o ritual a que está habituado perante as moças, eu reagirei da maneira que me parecer adequada, mas agora.

- Perfeito. É um encontro, para mais tarde.

- Mr. Grant?

- Sim?

- Não seja ofensivo, por ter jogado futebol no passado. Realmente isto não me interessa.

Grant engoliu em seco e disse:

- Algo me diz que meus rituais vão ser de pouca valia, mas...

Ela já não lhe dava atenção, tendo voltado ao laser. Grant não pôde deixar de observar, a mão nos controles, seguindo os menores movimentos da mão firme de Cora.

- Oh, se você pudesse ser apenas frívola - suspirou, e felizmente ela não ouviu, ou, pelo menos, não deu sinais de ter ouvido.

Sem aviso, ela colocou a mão sobre a dele e Grant tremeu de leve ao contato de seus dedos quentes.

- Desculpe-me! - disse ela, e afastou a mão para um lado, depois recolheu-a.

Quase imediatamente apertou um contato no laser e um feixe de luz vermelha, da espessura de um fio de cabelo, foi disparado, ferindo o disco de metal sobre o qual a mão dele acabara de descansar. Um buraco fininho apareceu logo, seguido do leve odor de metal transformado em vapor. Estivesse ali a mão de Grant e o buraquinho teria sido feito no seu dedo polegar.

- Você poderia ter avisado - disse ele.

- Não há motivo para o senhor estar aqui, há?

Ela ergueu o laser, ignorando-lhe o oferecimento de ajuda, e voltou-se na direção do depósito.

- Sim, senhorita - disse Grant, submisso. - Doravante, quando perto de você, terei cuidado com a minha mão.

Cora olhou para trás, como se surpreendida e um tanto incerta. Então, por um momento, ela sorriu.

- Cuidado - disse Grant. - Seu rosto pode estalar.

O sorriso dela desapareceu instantaneamente.

- Você prometeu - disse, gelada, e entrou na sala de trabalho.

A voz de Owens chegou de cima.

- Grant! Teste a radiotelegrafia!

- Já vou - respondeu Grant. - Ficarei de olho em você, Cora. Mais tarde!

Deslizou para o assento e examinou a radiotelegrafia pela primeira vez.

- Parece ser um aparelho de código Morse.

Michaels ergueu os olhos. Um pouco de cinzento deixara-lhe o rosto.

- Sim, é tecnicamente difícil transmitir a voz através do abismo da miniaturização. Espero que você saiba transmitir em código.

- Naturalmente. - Bateu uma rápida mensagem. Após uma pausa, o sistema de comunicação pública na sala de miniaturização estalou num som ouvido facilmente a bordo do Proteu:

- Mensagem recebida. Queira confirmar. A mensagem diz:

MISS PETERSON SORRIU.

Cora, que retornava ao seu lugar, pareceu ultrajada e comentou:

- Grande novidade.

Grant inclinou-se sobre o aparelho e transmitiu: CORRETO!

O retorno, desta feita, foi em código. Grant escutou, depois traduziu em voz alta:

- Mensagem recebida do exterior: PREPAREM-SE PARA A MINIATURIZAÇÃO.

6 - Miniaturização

Sem saber como se preparar, Grant ficou sentado onde estava. Michaels levantou-se quase com uma rapidez convulsiva, olhando em torno como se desejasse um derradeiro minuto de inspeção de todas as facilidades.

Duval, pondo os mapas de lado, começou a tatear o equipamento.

- Posso ajudar, doutor? - perguntou Cora.

Ele olhou para cima.

- Há? Ah, não. É apenas questão de apertar esta fivela. Aí vamos nós.

- Doutor.

- Sim? - Ergueu novamente a vista, e de repente deu-se conta da aparente dificuldade da moça em se expressar. - Alguma coisa errada com o laser, Miss Peterson?

- Oh, não. É que eu lamento ter sido causa de um incidente desagradável entre o senhor e o Dr. Reid.

- Não foi nada. Não pense mais nisto.

- E obrigada por ter conseguido me trazer.

- É absolutamente necessário tê-la aqui. Não posso confiar em outra pessoa como meu assistente - disse Duval, sério.

Cora moveu-se na direção de Grant que, tendo-se virado para observar Duval, estava agora tentando ajeitar sua fivela.

- Sabe como apertar isto? - perguntou Cora. - Parece mais complicado que o cinto comum dos aviões.

- Sim, é. Aqui, você enganchou esta parte incorretamente. Com licença.

Ela se inclinou e Grant viu-se fitando uma face bem próxima da sua e colhendo a delicada fragrância de um leve perfume. Dominou-se.

Cora falou em voz baixa.

- Peço-lhe desculpas se fui grosseira há pouco, mas minha posição é difícil.

- Ora, achei sua reação deliciosa, naquele instante... não, perdoe-me. Eu não queria dizer isto.

- Tenho na CMDF - disse ela - uma posição inteiramente análoga à de muitos homens, mas encontro barreiras a cada passo devido à circunstância de meu sexo. Ou recebo demasiada consideração ou excessiva condescendência e nada disso me interessa. Pelo menos, não no trabalho. Deixa-me um sentimento de frustração.

Grant pensou na resposta óbvia, mas não a proferiu. Haveria uma tensão se ele continuasse a bater na tecla do óbvio, mais, talvez, do que seria capaz de suportar.

- A despeito de seu sexo e neste ponto terei o cuidado de me conter, você é a pessoa mais calma, exceto Duval, e não creio que ele saiba que está aqui.

- Não o subestime, Mr. Grant. Ele sabe que está aqui, asseguro-lhe. Se está calmo, é porque julga a importância da missão maior que sua vida individual.

- Por causa do segredo de Benes?

- Não. Porque esta é a primeira vez que se utiliza a miniaturização numa tal escala e está sendo usada para salvar uma vida.

- O emprego deste laser é seguro? Lembro-me do que quase ia acontecendo ao meu dedo.

- Nas mãos do Dr. Duval o raio laser destruirá o coágulo sem danificar as moléculas do tecido adjacente.

- Você tem a habilidade dele em alta conta.

- Assim o julga o mundo. E eu compartilho disso com razão. Estou com ele desde que me formei.

- Suspeito que ele não lhe demonstra muita condescendência nem muita consideração, só porque você é mulher.

- Não, não demonstra.

Ela voltou ao seu assento e dispôs a fivela num único movimento. Owens chamou:

- Dr. Michaels, estamos esperando.

Michaels, tendo saído do seu lugar e caminhado vagarosamente pela cabina, parecia, por um instante, abstraído e hesitante. Em seguida, mudando rapidamente de atitude, disse:

- Ah, sim. - Sentou-se e ajustou a fivela.

Owens desceu de sua cabina, experimentou todas as fivelas rapidamente, subiu de novo e ajustou a sua.

- Okay, Mr. Grant. Diga-lhes que estamos prontos.

Grant fez isto e o alto-falante soou quase imediatamente:

ATENÇÃO PROTEU! ATENÇÃO PROTEU!

Esta é a última mensagem oral que vocês receberão até o fim da missão.

Vocês dispõem de sessenta minutos de tempo objetivo.

Assim que a miniaturização se completar, o cronômetro da nave começará a contagem regressiva dos sessenta minutos.

Vocês deverão verificar a contagem a cada minuto. Não confiem, repetimos, não confiem em sentimentos subjetivos sobre a passagem do tempo.

Vocês devem sair do corpo de Benes antes que a contagem chegue a zero.

Se não saírem, matarão Benes a despeito do sucesso da cirurgia.

Felicidades!

A voz parou e Grant nada encontrou de mais original com que encorajar o ânimo de todos do que isto:

- Movimentado o balão!

Para sua surpresa, verificou ter falado em voz alta.

Michaels, perto dele, disse:

- Sim, foi dada a largada - e tentou um fraco sorriso.

Na torre de observação, Carter esperava. Surpreendeu-se desejando estar no Proteu, mais do que fora dele. Seria uma hora difícil, e ele preferia estar numa

posição em que soubesse a cada momento dos acontecimentos que se processavam.

Estremeceu ante o súbito e metálico matraquear da mensagem radiotelegráfica de circuito aberto. O ajudante na extremidade receptora falou calmamente:

- O Proteu diz que está tudo pronto.

- Miniaturizar! - gritou Carter.

A chave adequada, com a designação de MIN, no painel exato, foi tocada pelo dedo adequado do técnico adequado.

É como um ballet, pensou Carter: todos no seu lugar, todos os movimentos prescritos numa dança cujo fim não se podia prever.

O toque na chave refletiu-se na abertura de uma porta a um lado da parede, no fim da sala de miniaturização, e surgiu, pouco a pouco, um disco enorme, perfurado como um favo de mel, suspenso do teto por uma roldana. Moveu-se para e por sobre o Proteu, silenciosamente, sem fricção dos jatos de ar que mantinham seu braço suspenso um décimo de polegada acima da roldana.

Aos tripulantes do Proteu, o disco geometricamente perfurado era claramente visível, aproximando-se qual monstro bexiguento.

O crânio calvo e a testa de Michaels porejavam desagradavelmente de suor.

- Aquele - apontou, numa voz abafada - é o miniaturizador.

Grant abriu a boca, mas Michaels acrescentou apressado:

- Não me pergunte como funciona. Owens sabe, eu não.

- Grant lançou um olhar involuntário para cima e para trás na direção de Owens, que parecia cada vez mais empertigado e rígido. Uma de suas mãos era bem visível, e apertava uma barra que, Grant adivinhou, era uma das mais importantes unidades de controle da nave, apertava-a como se a sensação de alguma coisa material e poderosa lhe trouxesse conforto. Ou talvez o toque de qualquer parte da nave por ele projetada fosse em si mesmo um consolo. Ele, mais do que ninguém, devia conhecer a força - ou a fraqueza - da cápsula que os manteria cercados por uma microscópica partícula de normalidade.

Grant passeou os olhos e deixou-os cair sobre Duval, cujos lábios finos se apertaram num sorriso.

- O senhor parece agitado, Mr. Grant. Não é de sua profissão enfrentar situações agitadas sem parecer agitado?

O diabo o leve! Há quantos anos o público se alimentava de contos fantasiosos sobre agentes incógnitos?

- Não, doutor - disse Grant, no mesmo tom. - Em minha profissão, estar numa situação penosa sem ficar nervoso equivale a estar rapidamente morto. Esperam de nós somente uma ação inteligente, a despeito do estado de nossos sentimentos. O senhor, pelo que vejo, não se sente inquieto.

- Não. Sinto-me interessado. Estou saturado de... de maravilhas. Estou intoleravelmente curioso e excitado, mas não inquieto.

- Quais as possibilidades de morte, em sua opinião?

- Pequenas, espero. E de qualquer modo, tenho o consolo da religião.

Confessei-me, e para mim a morte não passa de uma entrada.

Grant não tinha resposta razoável a dar e não deu nenhuma. Para ele, a morte era um muro vazio com um lado apenas, mas tinha de admitir que, embora isso parecesse lógico, oferecia-lhe pouco consolo contra o verme da intranquilidade que (conforme Duval observara corretamente) se insinuava em sua mente.

Estava miseravelmente cônscio de que sua própria testa suava, talvez tanto quanto a de Michaels, e que Cora olhava-o com o que o seu sentimento de vergonha traduziu imediatamente por desprezo.

- E você - disse ele, impulsivamente - confessou seus pecados, Miss Peterson?

- Que pecados tem em vista, Mr. Grant? - perguntou ela, friamente.

Ele também não tinha resposta para isto, portanto afundou na cadeira e olhou para o miniaturizador, agora exatamente sobre suas cabeças.

- Que se sente quando se está sendo miniaturizado, Dr. Michaels?

- Nada, parece-me. Uma forma de movimento, um colapso interno, e se a coisa se processa num nível constante, nada mais se sente que a subida num elevador a uma velocidade constante.

- Esta é a teoria, suponho. - Grant conservou os olhos fitos no miniaturizador.

- Qual é a sensação verdadeira?

- Não sei. Nunca a experimentei antes. No entanto, animais no processo de miniaturização jamais deram a mais leve mostra de perturbação. Continuam suas ações normais, sem interrupção, conforme já observei pessoalmente.

- Animais? - Grant voltou-se para fitar Michaels, numa indignação súbita. - Animais? Algum homem alguma vez foi miniaturizado?

- Receio - disse Michaels - que tenhamos a honra de ser os primeiros.

- Que emocionante! Permita-me outra pergunta. Até que ponto extremo uma criatura viva - qualquer criatura viva, afinal - já foi miniaturizada?

- Cinquenta - disse Michaels.

- O quê?

- Cinquenta. Quero dizer, a redução é tal que as dimensões lineares são um quinquagésimo do normal.

- Isso equivaleria a me reduzirem a um tamanho de aproximadamente uma polegada e meia.

- Sim.

- Mas vamos ultrapassar este limite.

- Sim. Quase um milhão, acho eu. Owens pode dar-lhe o número exato.

- O número não importa. O problema é que se trata de uma miniaturização muito mais intensa do que já se tentou antes.

- Correto. Isto já foi dito, ou você não teria escutado?

- Aparentemente não - disse Grant, sombrio. - Certas coisas não são absorvidas da primeira vez. Mas diga-me, o senhor acha que podemos suportar todas as honras a que estamos compelidos, à maneira dos pioneiros?

- Mr. Grant - disse Michaels, e de algum lugar dentro de si ele retirou o toque de humor que lhe marcava as palavras -, receio que devemos suportá-las.

Estamos sendo miniaturizados agora. Agora mesmo e provavelmente o senhor nada sente.

- Bom Deus! - murmurou Grant, olhando novamente para cima, com atenção fixa e assustada.

O fundo do miniaturizador brilhava numa luz sem cor que ardia sem cegar.

Não parecia ser sentida pelos olhos, e sim pelos nervos em geral, de forma que quando Grant fechou os olhos, todos os objetos se desvaneceram, mas a luz ainda estava visível numa radiação geral, estranha. Michaels devia estar observando Grant fechar inutilmente os olhos, pois disse:

- Não é luz. Não é radiação eletromagnética de qualquer espécie. É uma forma de energia que não faz parte de nosso universo normal. Afeta as extremidades nervosas, e o cérebro interpreta-a como luz por não ter outra maneira de interpretá-la.

- É perigosa?

- Até onde saibamos, não, mas devo admitir que nada lhe foi exposto até agora num nível tão intenso.

- Pioneirismo novamente - murmurou Grant.

- Glorioso! Tal como a luz da criação! - exclamou Duval.

Os ladrilhos hexagonais embaixo da nave brilhavam ante a radiação, e o Proteu aquecia-se, dentro e fora. A cadeira em que Grant se sentava parecia feita de fogo, mas permanecia sólida e fria. Até mesmo a temperatura em volta subiu, e ele respirava uma iluminação fria.

Seus camaradas e suas mãos brilhavam, frigidamente incandescentes.

A mão luminosa de Duval fez o sinal-da-cruz, num movimento cintilante, e seus lábios brilhantes se moveram.

- Está com medo agora, Dr. Duval? - perguntou Grant.

- Reza-se não somente quando se tem medo, mas também por gratidão ante o privilégio de testemunhar os grandes milagres de Deus - respondeu Duval, suavemente.

Grant também rendeu graças, intimamente, por ser testemunha daquela mudança. Sentia-se bem.

- Olhem as paredes - gritou Owens.

Elas se afastavam em todas as direções, agora a uma velocidade constante, e o teto se movia para cima. Todas as extremidades da grande sala envolviam-se num clarão espesso e contínuo, demasiado espessas para serem vistas através do ar brilhante. O miniaturizador se transformara numa coisa enorme, seus limites e contornos deixando de ser visíveis. Em cada denteação de seu favo de mel havia um fragmento de luz sobrenatural; uma marcha regular de muitas estrelas brilhantes num céu escuro.

Grant descobriu-se perdendo o nervosismo na excitação de acompanhar os acontecimentos. Num esforço, relanceou o olhar para os outros, na cabina. Todos olhavam para cima, hipnotizados pela luz, pelas vastas distâncias criadas fora dali, por uma sala que se expandira num universo, e por um universo que crescera além do círculo visual.

Sem aviso, a luz passou a um vermelho-escuro, e o sinal da radiotelegrafia fez-se ouvir em pancadas staccato, despertando um eco circular metálico. Grant sobressaltou-se.

- Belinski disse no Rockefeller - falou Grant - que as sensações subjetivas devem mudar com a miniaturização. Poucos lhe deram atenção, mas esse sinal decerto soou diferente.

- Sua voz é a mesma - disse Grant.

- É porque você e eu estamos igualmente miniaturizados. Refiro-me a sensações que devem cruzar o abismo da miniaturização; sensações lá do exterior.

Grant traduziu e leu alto a mensagem que chegara:

MINIATURIZAÇÃO TEMPORARIAMENTE PARADA. TUDO VAI BEM?

RESPONDAM LOGO!

- Tudo corre bem? - gritou Grant, sardonicamente. Não houve resposta, e ele disse: - Quem cala consente. - E bateu:

TUDO BEM.

Carter lambeu os lábios que continuavam secos. Observou numa dolorosa concentração a miniaturização assumir seu brilho peculiar, e sabia que todos na sala embaixo, até o técnico menos essencial, estavam fazendo o mesmo.

Seres humanos vivos nunca tinham sido miniaturizados. Nada tão grande quanto o Proteu já fora miniaturizado. Nada, homem ou animal, vivo ou morto, grande ou pequeno, já sofrera redução de tamanho tão drástica. A responsabilidade era dele. Toda a responsabilidade deste pesadelo era sua.

- Aí vai ela! - O técnico que manobrava o botão de miniaturização soltou esta exclamação quase exultante. A frase abafou claramente o sistema de comunicações, enquanto Carter observava o Proteu encolher-se.

Fê-lo tão vagarosamente, a principio, que alguém só poderia saber o que acontecia pela mudança na maneira com que a nave se sobrepunha às estruturas hexagonais que constituíam o chão. As estruturas parcialmente a descoberto além da borda da estrutura da nave moveram-se um pouco para fora, e eventualmente os ladrilhos que antes estavam completamente ocultos começaram a se mostrar.

Por todos os lados, ao redor do Proteu, emergiam ladrilhos, e o nível de miniaturização se acelerou até a nave ficar encolhida como um pedaço de gelo sobre uma superfície quente.

Carter observara a miniaturização uma centena de vezes, mas nunca com o efeito que sentia agora. Era como se a nave estivesse desaparecendo num longo, e infinito buraco, caindo em absoluto silêncio, cada vez menor e menor, à medida que a distância aumentava para milhas, para dezenas de milhas, para centenas de milhas. A nave era agora um pequeno inseto branco, descansando sobre o hexágono central imediatamente abaixo do miniaturizador; descansando sobre o único hexágono vermelho no mundo dos hexágonos brancos, o Módulo Zero.

O Proteu continuava a cair, ainda a se encolher, e Carter, com um esforço, levantou a mão. O clarão do miniaturizador se desvaneceu num vermelho-escuro e a miniaturização parou.

- Verifiquem como eles estão se sentindo antes de continuarmos.

Podiam estar mortos ou, o que também era mau, incapazes de desempenhar as missões com razoável eficiência. Neste caso, tinham perdido o jogo e seria melhor saber disso agora.

O técnico de comunicações disse:

- A resposta chegou e diz: TUDO BEM.

Carter pensou: se eles forem incapazes de operar, seriam também incapazes de verificar sua incapacidade. Mas não haveria meio de se aferir essa possibilidade. Ora, se a tripulação do Proteu diz que tudo está bem, então temos de admitir que tudo está bem.

- Elevem a nave - ordenou Carter.

7 - Submersão

Vagarosamente, o Módulo Zero começou a subir do chão, um liso pilar hexagonal, de cimo vermelho e lados brancos, levantando o Proteu reduzido a uma polegada de largura. Quando o cimo estava a quatro pés acima do chão, o pilar parou.

- Prontos para a fase dois, senhor - veio a voz de um dos técnicos.

Carter olhou rapidamente para Reid, que balançou a cabeça num assentimento.

- Fase dois - disse Carter.

Um painel se abriu e um engenho manual (um gigantesco Waldo, assim chamado pelos primeiros técnicos nucleares graças ao personagem de uma estória de ficção científica da década de 40, segundo Carter fora informado)

mergulhou sobre silenciosos jatos de ar. Tinha catorze pés de altura e consistia em roldanas sobre um tripé, roldanas que controlavam um braço vertical, pendente de um extensor horizontal. O braço era constituído de estágios, cada um mais curto e em menor escala que o anterior. Neste caso particular, eram três os estágios, e o inferior, com duas polegadas de comprimento, estava ajustado por arames de aço de um quarto de polegada de espessura, curvados de maneira a se entrosarem.

A base do engenho trazia a insígnia CMDF e, embaixo desta, a inscrição MANIPULADOR DE CONTROLE DE MIN.

Três técnicos tinham entrado com o aparelho, e atrás deles uma enfermeira uniformizada esperava com visível impaciência. O cabelo castanho sob o gorro parecia apressadamente ajeitado, como se nesse dia ela tivesse outras coisas em que pensar.

Dois dos técnicos ajustaram o braço do Waldo diretamente sobre o Proteu encolhido. Para melhor ajuste, três raios de luz da espessura de um fio de cabelo saíram do suporte do braço para a superfície do Módulo Zero. A distância entre cada raio e o centro do Módulo foi traduzida numa intensidade luminosa sobre uma pequena tela circular dividida em três segmentos, atingindo-a no centro.

As intensidades luminosas, claramente desiguais, se deslocaram delicadamente quando o terceiro técnico ajustou um interruptor. Com a perícia da prática, ele levou os três segmentos a uma intensidade igual, em questão de segundos, suficientemente igual para eliminar as diferenças entre elas. Então o técnico apertou uma chave e colocou o Waldo em posição. As linhas centralizadas de luz tremeluziram, e o feixe mais claro de um holofote iluminou o Proteu, por reflexo indireto.

Outro controle foi manipulado, e o braço mergulhou na direção do Proteu.

Vagarosa e suavemente ele descia, o técnico prendendo a respiração.

Provavelmente ele tinha manipulado maior número de objetos miniaturizados do que outra pessoa no país, possivelmente mais do que qualquer outro no lado deles (embora ninguém conhecesse os detalhes completos do que se passava ali, é claro), mas esta experiência constituía algo sem precedentes.

Ele ia levantar algo com uma massa normal muito maior do que já tentara antes, e o que ele ia levantar continha cinco seres humanos. Até um pequeno tremor, dificilmente visível, bastaria para matar.

Os dentes embaixo se abriram e vagarosamente escorregaram sobre o Proteu. O técnico parou-os e tentou assegurar-se de que o que seus instrumentos lhe informavam era verdade. Os dentes foram corretamente centralizados.

Vagarosamente, eles se fecharam, pouco a pouco, até se encontrarem embaixo do navio, formando um garfo bem ajustado e bem entrelaçado. O Módulo Zero foi então arriado, deixando o Proteu suspenso nas pinças do garfo.

O Módulo Zero não parou ao nível do chão, mas desceu abaixo da superfície.

Sob a nave suspensa nada houve, por alguns minutos, a não ser um buraco.

Então, paredes transparentes de vidro começaram a se levantar do vazio deixado pelo Módulo Zero. Quando essas paredes, claras e cilíndricas, tinham emergido a uma altura de pé e meio, o menisco de um líquido claro foi revelado. Ao emergir novamente ao nível do chão, o que restava do Módulo Zero era um cilindro, de um pé de largura e quatro de altura, dois terços cheios de fluido. O cilindro descansou numa base circular de cortiça, sobre a qual havia um letreiro: Solução Salina.

O braço do Waldo, que não se movera durante esta manobra, foi agora suspenso sobre a solução. A nave estava sustentada pela porção superior do cilindro, um pé acima do nível da solução.

O braço baixava agora, lentamente, cada vez com maior vagar. Parou quando o Proteu estava quase no nível da solução, e então começou a se mover com a velocidade determinada por um fator de dez milésimos. Sob controle imediato dos técnicos, as rodas dentadas moveram-se rapidamente, enquanto a nave se reduzia a uma proporção invisível ao olho.

Contato! A nave baixava mais e mais até ficar meio submersa. O técnico sustentou-a por um momento, e então, devagar como sempre, desengatou as pinças, assegurando-se de que os fios desimpediriam a nave, erguendo-se além da solução.

Com um moderado "lá vai!" o técnico suspendeu o braço do Waldo e largou-o.

- Okay, tirem-no daqui! - disse aos dois homens de cada lado, e depois, lembrando-se, ladrou num tom alterado, oficial: - Nave na ampola, senhor!

- Ótimo - disse Carter. - Comuniquem-se com a tripulação.

A transferência do Módulo para a ampola fora das mais suaves, do ponto de vista do mundo normal, mas deixara suas marcas a bordo do Proteu.

Grant, tendo transmitido o sinal de TUDO BEM, e depois de vencer o momento inicial de náusea ante a súbita guinada quando o Módulo Zero começara a se erguer, disse:

- E agora? Mais miniaturização? Alguém sabe dizer-me?

- Teremos de submergir antes da próxima etapa de miniaturização - informou Owens.

- Submergir onde? - Mas Grant não recebeu resposta. Olhou novamente o turvo universo da sala de miniaturização, e colheu o primeiro relance dos gigantes.

Eram homens, movendo-se em direção dos expedicionários, torres de homens na sombria luz exterior, homens encompridados para baixo e encompridados para cima,como se vistos em gigantescos espelhos distorcidos. A fivela de

um cinto era um quadrado de metal, um pé parecia uma construção. Um sapato, bem embaixo, poderia ser um veículo numa estrada. Uma cabeça, muito em cima, parecia um nariz montanhoso cercado pelos túneis gêmeos das narinas.

Os gigantes se moviam numa estranha vagareza.

- Sensação temporal - murmurou Michaels. Piscou os olhos para cima e consultou o relógio.

- O quê? - perguntou Grant.

- Outra das sugestões de Beinski. A sensação temporal se altera com a miniaturização. O tempo comum parece alongar-se e distender, como agora, cinco minutos parecendo durar, segundo penso, dez minutos. O efeito se torna mais intenso na medida do limite de miniaturização, mas não sei dizer qual a relação exata. Beinski necessita de dados experimentais que agora estamos em condições de fornecer-lhe. - Mostrou o relógio-pulseira. - Está vendo?

Grant olhou o relógio de Michaels, depois consultou o seu. O ponteiro de segundos parecia rastejar. Levou o relógio ao ouvido. Havia apenas o fraco murmúrio do pequeno motor, mas o tom desse murmúrio parecia ter-se aprofundado.

- Isto é bom - disse Michaels. - Temos uma hora, mas para nós ela parecerá várias horas. Um bom número, talvez.

- Quer dizer que nos moveremos mais rapidamente?

- Para nós, será um movimento normal, mas para alguém no mundo exterior, suspeito que daremos a impressão de nos movimentar rápido, muito mais ativos.

O que é bom, naturalmente, considerando o tempo limitado de que dispomos.

- Mas...

Michaels sacudiu a cabeça.

- Por favor! Não posso explicar melhor. Acho que entendo a biofísica de Belinski, mas a matemática dele está além de minha compreensão. Talvez Owens lhe possa informar.

- Perguntarei depois... se houver um depois - disse Grant.

A nave foi iluminada novamente, de súbito. Era uma luz branca, comum.

O movimento sensibilizou os olhos de Grant, e ele olhou para o alto. Algo estava descendo, um gigantesco par de dentes arriados sobre cada lado da nave.

- Apertem as fivelas - gritou Owens.

Grant não se preocupou. Sentiu um puxão atrás de si e torceu o corpo até onde a fivela lhe permitiu.

- Vim ver se a sua fivela estava bem apertada - disse Cora.

- Ah, foi só pela fivela - disse Grant. - Mesmo assim, obrigado.

- O senhor é amável. - Então, voltando-se à direita, ela disse solícita: - Dr.

Duval. Sua fivela.

- Está bem. Cuide da sua.

Cora soltara a fivela a fim de poder alcançar Grant. Apertou-a agora, no último instante. Os dentes tinham baixado além do nível do olho e se uniam qual mandíbula gigantesca, esmagadora.

Grant se empertigou automaticamente. Os dentes pararam, moveram-se de novo e entraram em contato. O Proteu sacudiu-se e rangeu, e todos a bordo foram arremessados violentamente à direita, e depois, menos violentamente, à esquerda. Um ruído áspero, reverberante, encheu a nave.

Seguiu-se o silêncio e a nítida impressão de estarem suspensos sobre o vazio. A nave inclinou-se um pouco e tremeu com mais suavidade. Grant olhou para baixo e viu uma vasta superfície vermelha submergindo, progressivamente opaca e escura - e desaparecendo. Não tinha meio de saber qual a distância do chão, na sua atual escala de tamanho, mas a sensação se assemelhava à que teria tido se ele estivesse inclinado para fora de uma janela no vigésimo andar de um prédio de apartamentos.

Algo tão pequeno quanto a nave, agora, caindo de tal distância, não devia sofrer dano sério. A resistência do ar lhes diminuiria a velocidade da queda - pelo menos, se a pequenez a que estavam reduzidos fosse mesmo aquela que se dizia. Mas Grant tinha uma lembrança vivida do ponto estabelecido por Owens

durante a reunião. Ele próprio, nesse momento, era constituído de tantos átomos quanto um homem de tamanho normal, e não os poucos átomos que um objeto verdadeiramente de seu tamanho atual teria. Sendo assim, ele era mais frágil, o mesmo acontecendo à nave. Uma queda daquela altura teria esmagado a nave e matado a tripulação.

Olhou o garfo que sustentava o navio. O que esta armação parecia a um homem normal, Grant não parava de pensar. Para ele, tratava-se de pilares recurvos de aço, com dez pés de diâmetro, entrosados nitidamente num gancho continuo de metal. Naquele instante, sentia-se seguro.

Owens exclamou numa voz que a excitação tornara áspera:

- Aí vem ele.

Grant olhou rapidamente em várias direções antes de perceber o que era "ele". A luz varria as superfícies lisas e transparentes de um círculo de vidro bastante grande para cercar uma casa. Ela se ergueu suave e rapidamente; e lá embaixo, na distância - diretamente embaixo -, surgiu o reflexo súbito, iridescente e cintilante de luzes sobre água.

O Proteu estava suspenso sobre um lago. As paredes de vidro do cilindro se erguiam de todos os lados da nave, agora, e a superfície do lago não parecia estar a mais de cinquenta pés abaixo.

Grant recostou-se na cadeira. Não tinha dificuldades em adivinhar o que se seguiria. Estava preparado, por isso não sentiu náusea nem mesmo quando o assento pareceu afundar debaixo dele.

A sensação era quase idêntica àquela que uma vez experimentara no curso de um salto arrojado sobre o oceano, o avião que tinha participado da manobra fora repentinamente arrancado de sob seus pés, mas o Proteu, nesse instante transformado em submarino aéreo, não o seria.

Grant contraiu os músculos, depois tentou relaxá-los a fim de que a fivela, mais do que seus ossos, suportasse o deslocamento de ar. Mas os ossos foram afetados, e o choque quase abalou os dentes nas gengivas.

O que Grant esperava ver através da janela eram ondas, uma parede de água se levantando após o impacto. O que ele viu, ao invés disso, foi uma vaga enorme, espessa, suavemente arredondada, correndo oleosa, a grande velocidade. Depois, enquanto eles continuavam a mergulhar, outra e mais outra.

As garras do garfo se desengancharam e a nave se agitou loucamente, em seguida parou, flutuando, e girou vagarosamente sobre si mesma.

Grant soltou a respiração. Estavam na superfície de um lago, sim, mas uma superfície como ele nunca tinha visto.

- Esperava ondas, Mr. Grant? - perguntou Michaels.

- Sim, esperava.

- Devo confessar que me aconteceu o mesmo. O cérebro humano, Grant, é uma coisa engraçada. Espera sempre ver o que viu no passado. Fomos miniaturizados e introduzidos num pequeno recipiente de água. Parece-nos um lago, por isso esperamos ondas, espuma, vagalhões, quem sabe o que mais. Mas não importa o que este lago aparente ser, não se trata de lago, mas simplesmente de um pequeno recipiente de água, e ele tem ondulações, não ondas. E por mais que se amplie uma ondulação, ela nunca se parecerá com uma onda.

- Muito interessante, acho eu - disse Grant. Os espessos rolos de fluido, que numa escala comum teriam feito pequeninas ondulações, continuavam a correr.

Refletidos na parede distante, retornavam e colidiam, quebrando-se em colinas separadas, enquanto o Proteu se alçava e tombava em sacudidelas violentas.

- Interessante? - disse Cora, indignada. - é tudo que você pode dizer? É simplesmente magnífico.

- A obra de Deus - acrescentou Duval - é majestosa em qualquer escala de magnitude.

- Muito bem - concedeu Grant. - Retiro o que disse. É magnífico e majestoso.

Confere? Somente um pouco nauseante, também.

- Oh, Mr. Grant - disse Cora. - O senhor tem o hábito de esvaziar tudo.

- Desculpe - disse Grant.

O rádio soou e Grant transmitiu novamente o sinal de TUDO BEM. Resistiu ao impulso de transmitir: TODOS ENJOADOS.

Na verdade, até mesmo Cora começava a parecer indisposta. Talvez ele não devesse tê-la influenciado com tal pensamento.

- Teremos de submergir manualmente - disse Owens. - Grant, desaperte a fivela e abra as válvulas um e dois.

Grant levantou-se, cambaleando, mas deliciado com a possibilidade, mesmo reduzida, de caminhar livremente, e dirigiu-se a uma válvula borboleta na antepara, marcada UM.

- Eu me encarrego da outra - disse Duval. Seus olhos se cruzaram por um momento, e Duval, como se embaraçado pela súbita presença íntima de outro ser humano, sorriu hesitante. Grant devolveu o sorriso e pensou indignado: como pode ela demonstrar sentimentalismo a respeito desta massa de inconsciência?

Com as válvulas abertas, o fluido fluiu para as câmaras apropriadas da nave, e o líquido se ergueu novamente dos lados, mais alto, mais alto.

Grant chegou a meio caminho da escada para a cabina superior e disse:

- Como vai isso aí, Capitão Owens?

Owens sacudiu a cabeça.

- Difícil dizer. As marcações dos indicadores necessitam de significado. Eles foram projetados para um oceano verdadeiro. Raios! Não projetei o Proteu para isto!

- Minha mãe nunca me destinou para isto, tampouco - disse Grant.

Estavam completamente submersos agora. Duval fechara as duas válvulas, e Grant retornou ao assento.

Colocou a fivela com um sentimento de quase luxúria. Embaixo da superfície, a errática subida e descida da pequena vaga desaparecera, restando uma abençoada imobilidade.

Carter tentou abrir as mãos. Por enquanto, tudo ia bem. O TUDO BEM viera de dentro da nave, agora uma pequena cápsula cintilante no fundo da solução salina.

- Fase três - ordenou.

O miniaturizador, cujo brilho permanecera reduzido durante toda a segunda fase, ergueu-se de novo em sua glória branca, mas somente emitindo luz das seções mais centrais do favo.

Carter observava ansiosamente. Difícil garantir a princípio se o que ele via era objetivamente real ou esforço de sua mente. Não, realmente a nave se encolhia uma vez mais.

O inseto do tamanho de uma polegada foi reduzido, e assim, presumivelmente, a água em sua proximidade imediata. O foco do feixe miniaturizador era compacto e correto, e Carter expeliu outra respiração ruidosa.

Em cada etapa havia um perigo peculiar.

Olhando de relance o aparelho, Carter imaginou o que poderia acontecer se o feixe de luz tivesse sido um pouco menos intenso, se a metade do Proteu tivesse se miniaturizado rapidamente, enquanto a outra metade, colhida pelas bordas do feixe, se miniaturizasse vagarosamente, ou não se reduzisse de forma alguma. Mas nada disso acontecera, e Carter varreu as preocupações da mente.

O Proteu transformara-se agora num salpico, reduzindo-se, reduzindo-se até desaparecer de vista. O miniaturizador inteiro entrou a flamejar. Concentrava o foco em algo demasiado pequeno para o olho humano.

Certo, certo, pensou Carter. Complete agora o serviço.

O cilindro inteiro de líquido encolhia-se agora mais depressa, até se transformar numa simples ampola, de duas polegadas de altura e meia polegada de largura, em algum lugar, dentro do fluido miniaturizado, estava o Proteu inframiniaturizado, não maior do que uma grande bactéria. O miniaturizador obscureceu-se novamente.

- Chame-os - disse Carter, trêmulo. - Arranquem uma palavra deles.

Respirou por uma garganta apertada até o TUDO BEM ser mais uma vez anunciado. Quatro homens e uma mulher que, não há muitos minutos, ali estiveram à sua frente, em seu tamanho normal, vivendo uma vida normal, eram agora pequeníssimas partículas de matéria dentro de uma nave do tamanho de um germe e ainda estavam vivos.

Carter abriu as mãos, voltando as palmas para baixo.

- Retirem imediatamente o miniaturizador.

O último clarão turvo do miniaturizador bruxuleou enquanto os técnicos afastavam-no rapidamente. Um indicador branco e circular na parede acima da cabeça de Carter lampejava, agora, um escuro 60.

Carter fez um aceno a Reid.

- Assuma os trabalhos, Don. Temos sessenta minutos a partir deste instante.

8 - Entrada

A luz do miniaturizador flamejara uma vez mais após a submersão, e o fluido ao redor se transformava num leite brilhante e opaco, mas nada se seguiu capaz de ser observado de dentro do Proteu. Se a opacidade se espalhava e a nave se encolhia ainda mais, não havia como saber.

Grant não falara nesse intervalo de tempo, e os outros tampouco. A coisa parecia durar para sempre. Então a luz do miniaturizador se desvaneceu e Owens gritou:

- Todos estão bem?

- Estou ótimo - disse Duval. Cora fez um aceno. Grant ergueu a mão tranquilizadora. Michaels encolheu de leve os ombros e disse:

- Estou em condições.

- Excelente. Acho que atingimos agora o limite da miniaturização plena - disse Owens.

Movimentou uma chave que até então não fora tocada. Durante um momento de ansiedade ele esperou que o indicador desse sinal de vida. O indicador o fez, ostentando um escuro e nítido 60. Um indicador idêntico, em posição inferior, era visível aos outros quatro.

O rádio entrou a bater rudemente, e Grant transmitiu o TUDO BEM. Por um instante, perdurou a impressão de terem atingido algum clímax.

- Eles dizem lá fora que chegamos à completa miniaturização. O senhor adivinhou certo, Capitão Owens - disse Grant.

- E aí vamos nós - disse Owens, com um suspiro audível.

Grant pensou: a miniaturização está completa, mas a missão, não. Esta mal começou. Sessenta. Sessenta minutos.

- Capitão Owens - perguntou em voz alta -, por que a nave está vibrando? - Alguma coisa errada?

- Também sinto isto - disse Michaels. - uma vibração irregular.

- Eu também - disse Cora.

Owens desceu da cabina, enxugando a testa com um grande lenço.

- Nada se pode fazer. É o movimento browniano.

Michaels levantou as mãos com um “Oh, Senhor” de desesperança e resignação.

- Movimento o quê? - perguntou Grant.

- De Brown, conforme você não ignora. Robert Brown, um botânico escocês do século XVIII, que o observou pela primeira vez. Estamos sendo bombardeados, de todos os lados, pelas moléculas de água. Se estivéssemos em nosso tamanho normal, as moléculas seriam tão diminutas, em comparação, que suas colisões não nos afetariam. Mas o fato de termos sido tremendamente miniaturizados traz as mesmas consequências que adviriam se permanecêssemos constantes e tudo ao nosso redor estivesse grandemente magnificado.

- Como a água em volta.

- Exato. Até agora, isto não nos incomoda. A água ao nosso redor também foi parcialmente miniaturizada. Mas quando penetrarmos no sistema circulatório, cada molécula de água em nossa escala atual pesará um miligrama ou mais. Elas ainda serão muito pequenas para nos afetar individualmente, mas milhares delas nos atacarão simultaneamente de todas as direções, e esses ataques não serão distribuídos regularmente. Algumas centenas a mais poderão advir da direita, ao invés da esquerda, num dado instante, e a força combinada dessas centenas de moléculas extraordinárias nos impelirá para a esquerda. No instante seguinte, podemos ser forçados um pouco para baixo - e assim por diante. Esta vibração que sentimos agora é o resultado dos ataques moleculares, feitos ao acaso. Será pior mais tarde.

- Ótimo - grunhiu Grant. - Náusea, eis-me aqui.

- Durará apenas uma hora, quando muito - disse Cora, zangada. - Eu desejaria que o senhor se comportasse mais como pessoa adulta.

- A nave poderá resistir, Owens? - perguntou Michaels com uma preocupação óbvia.

- Acho que sim - disse Owens. - Tentei fazer alguns cálculos a esse respeito, por antecipação. Pelo que sinto agora, julgo que minhas estimativas não estariam longe da realidade. Podemos resistir.

- Mesmo se o navio vier a ser danificado e despedaçado, podemos resistir ao bombardeio durante algum tempo. Tudo correndo bem, chegaríamos ao coágulo e cuidaríamos dele em quinze minutos ou menos. O que acontecer depois não importa.

Michaels levantou-se agarrando o descanso da cadeira.

- Miss Peterson, não diga um absurdo desses. Que julga que aconteceria se conseguíssemos atingir o coágulo, destruí-lo, restaurar a saúde de Benes e em seguida ter o Proteu despedaçado? Não me refiro às nossas mortes, que, para efeito de argumento, estou pronto a aceitar. Refiro-me à morte de Benes, também.

- Compreendemos isto - interrompeu Duval, com firmeza.

- Sua assistente não parece compreender. Se esta nave for reduzida a fragmentos, Miss Peterson, então quando soarem os sessenta minutos - não, cinquenta e nove - cada fragmento individual, por menor que seja, se expandirá no seu tamanho normal. Mesmo sendo a nave dissolvida em átomos, cada átomo aumentaria e Benes seria penetrado pela matéria dos nossos corpos e da nave.

Michaels tomou uma respiração profunda, uma respiração que soava quase como um ronco. E prosseguiu: - É fácil sairmos do corpo de Benes, se intactos. Se o navio estiver em fragmentos, não haverá meios de retirá-los do corpo de Benes. Por mais que se faça, restarão fragmentos em número suficiente para matá-lo no momento da desminiaturização. Compreende?

Cora pareceu encolher-se dentro de si mesma.

- Eu não tinha pensado nisto.

- Bom, então pense - disse Michaels. - Você também, Owens. Agora desejo saber novamente: o Proteu agüentará o movimento browniano? Não até alcançarmos o coágulo, mas até operá-lo e retornar! Pense bem no que vai dizer, Owens. Se não achar que a nave poderá sobreviver, então não teríamos o direito de continuar.

- Agora - interpôs Grant - pare de falar, Dr. Michaels, e dê ao Capitão Owens oportunidade de responder.

Owens respondeu obstinadamente.

- Eu ainda não chegara a uma decisão final antes de sentir o movimento browniano parcial por que agora passamos. Julgo, nesse instante, sermos capazes de suportar sessenta minutos de trituração.

- A questão é: devemos arriscar-nos ante uma mera suposição?

- Um momento - disse Grant. - A questão é: aceitarei a estimativa do Capitão Owens? Queiram recordar, por favor, que o General Carter me entregou as decisões políticas. Estou aceitando a estimativa de Owens por não termos aqui uma autoridade maior, ou com melhor conhecimento da nave, a quem consultar.

- Neste caso - disse Michaels - qual é sua decisão?

- Aceito o prognóstico de Owens. Prosseguiremos na missão.

- Concordo com você - disse Duval.

Michaels, ligeiramente vermelho, balançou a cabeça.

- Está certo, Grant. Eu estava apenas levantando o que me parecia ser um ponto legítimo.

E voltou a sentar-se.

- Foi um ponto dos mais válidos, e alegro-me por ter sido trazido à baila - disse Grant. E continuou de pé, ao lado da janela.

Cora reuniu-se a ele após um instante e disse calmamente:

- O senhor não parece amedrontado.

Grant sorriu sem alegria.

- Ah, mas é porque sou um bom ator, Cora. Se coubesse a outro a responsabilidade da decisão, eu teria feito um discurso terrível em favor da renúncia. Como você bem vê, tenho sentimentos covardes, mas tento não tomar decisões covardes.

Cora observou-o por um instante.

- Tenho a impressão, Mr. Grant, de que o senhor deve trabalhar duramente, às vezes, para se julgar pior do que realmente é.

- Ah, não sei. Tenho um talento.

Nesse ponto o Proteu moveu-se convulsivamente, primeiro para um lado, depois para o outro, em grandes impulsos.

Senhor, pensou Grant, estamos chapinhando.

Segurou o cotovelo de Cora e levou-a com dificuldade à sua cadeira. Depois, ainda cambaleando, sentou-se no seu lugar, enquanto Owens oscilava e tropeçava numa tentativa de subir pela escada, gritando:

- Maldição! Eles deviam ter nos avisado.

Grant agarrou-se à cadeira e observou que o cronômetro marcava 59. Um longo minuto, pensou. Michaels dissera que a sensação de passagem do tempo era mais vagarosa na miniaturização e sem dúvida estava certo. Haveria mais tempo para se pensar e agir.

Mais tempo, também, para um segundo pensamento e para o pânico.

O Proteu agitou-se de forma mais abrupta. Iria a nave romper-se antes de ser iniciada a missão propriamente dita?

Reid tomou o lugar de Carter à janela. A ampola, com seus poucos mililitros de água parcialmente miniaturizada, na qual o Proteu completamente miniaturizado e inteiramente invisível estava submerso, brilhou no Módulo Zero qual gema rara numa almofada de veludo.

Reid pensou na metáfora, mas não permitiu que ela o consolasse. Os cálculos tinham sido precisos e a técnica de miniaturização podia produzir tamanhos que corresponderiam plenamente à precisão do cálculo. No entanto, esse cálculo fora efetuado num espaço de algumas horas cheias de pressa e nervosismo, por meio de um sistema de programação de computadores que não fora conferido.

Se o tamanho estivesse ligeiramente errado, poderia ser corrigido, mas o tempo necessário para isto teria de ser descontado dos sessenta minutos que, dentro de quinze segundos, seriam exatamente cinquenta e nove.

- Fase quatro - disse ele.

O Waldo já se movimenta sobre a ampola, o garfo ajustado para a suspensão horizontal, e não vertical. Novamente o dispositivo foi centralizado, novamente o braço desceu e os garfos se uniram com infinita delicadeza.

A ampola foi segura com a firme delicadeza de uma pata de leoa sobre o filhote desobediente.

Finalmente chegara a vez da enfermeira. Ela se adiantou vivamente, tirou uma caixinha do bolso e abriu-a. Removeu uma pequena haste de vidro, segurando-a cuidadosamente por uma cabeça achatada disposta sobre um pescoço ligeiramente comprimido. Colocou-a verticalmente sobre a ampola e deixou-a deslizar uma pequena fração de polegada dentro dela, até a pressão do ar mantê-la firme. Girou-a delicadamente e disse:

- O êmbolo mergulhador está ajustado.

Do seu ponto de visão, mais em cima, Reid sorriu de franco alívio, e Carter acenou sua aprovação.

A enfermeira esperava. O Waldo levantou o braço vagarosamente.

Suavemente, a ampola e o êmbolo se ergueram. Três polegadas acima do Módulo Zero, o braço parou.

O mais delicadamente possível, a enfermeira afrouxou a base de cortiça do fundo da ampola, revelando um pequeno bocal centralizado na achatada superfície inferior. A pequeníssima abertura no meio do bocal estava tampada com uma fina folha de plástico que não se levantaria nem mesmo contra uma pressão moderada, mas permaneceria firme contra vazamentos, desde que inalterada.

Movendo-se agora com rapidez, a enfermeira removeu uma inoxidável agulha de aço da caixinha e ajustou-a sobre o bocal.

- Agulha ajustada - informou.

O que tinha sido uma ampola se transformara numa agulha hipodérmica.

Um segundo conjunto de garfos destacou-se do Waldo e foi ajustado à cabeça do êmbolo, apertando-o no seu lugar. O Waldo inteiro, carregando a agulha hipodérmica em seus dois garfos, moveu-se então, sem ruído, na direção das largas portas duplas que se abriram à sua aproximação.

Nenhum ser humano poderia, com olhos desarmados, ter detectado qualquer movimento no líquido tão firmemente transportado pelo movimento macio da máquina. Mas Carter e Reid sabiam muito bem que até mesmo um movimento microscópico não representaria menos de uma tempestade para a tripulação do Proteu.

Quando o aparelho entrou na sala de cirurgia e dirigiu-se à mesa, Carter reconheceu este fato ao ordenar:

- Comuniquem-se com o Proteu!

A resposta foi: TUDO BEM, MAS UM POUCO AGITADO E Carter forçou um sorriso que era uma careta.

Benes jazia na mesa de operação, constituindo o segundo foco de interesse na sala. O cobertor térmico cobria-o até a clavícula. Tubos finos de borracha estendiam-se do cobertor à unidade térmica central colocada sob a mesa de cirurgia.

Formando uma semiesfera irregular além da cabeça de Benes, barbeada e riscada em forma de grade, havia um grupo de detectores sensíveis destinados a reagir ante a presença de emissões radiativas.

Uma equipe de cirurgiões com máscaras de gaze e seus assistentes se mexiam em torno de Benes, de olhos fixos solenemente no aparelho que se acercava. O cronômetro salientava-se numa parede, e neste ponto passou de 59 para 58.

O Waldo parou ao lado da cama.

Dois medidores sensíveis saíram do lugar, como se dotados repentinamente de vida. Obedecendo às manipulações, a longa distância, de um técnico destro, eles se alinharam de cada lado da agulha hipodérmica, um adjacente à ampola e o outro à agulha.

Um pequeno vídeo na mesa do técnico emitiu uma luz esverdeada quando uma imagem apareceu nele, desapareceu, foi reforçada, desapareceu novamente - e assim por diante.

- A radiatividade do Proteu está sendo captada - disse o técnico.

Carter apertou as mãos com força e reagiu com sombria satisfação. Outro obstáculo, um que ele não se permitira enfrentar, acabava de ser ultrapassado.

Não se tratava apenas de radiatividade a ser captada, mas de partículas radiativas que também tinham sido miniaturizadas, e que, devido ao seu incrível tamanho infra-atômico, podiam passar através de um ordinário medidor de sensibilidade, sem afetá-lo. Por conseguinte, as partículas tinham de passar primeiro através de um desminiaturizador; a necessária justaposição do desminiaturizador e do medidor sensível tinha sido improvisada nas frenéticas horas da primeira parte da manhã.

O Waldo, sustentando o êmbolo da agulha hipodérmica, deu um empuxo para baixo, com uma pressão progressivamente firme. A frágil barreira de plástico entre a ampola e a agulha rompeu-se e, um momento depois, uma pequena bolha começou a aparecer na extremidade da agulha. Ela caiu num pequeno recipiente colocado embaixo; seguiram-se uma segunda e uma terceira bolhas.

O êmbolo afundava, e com ele o nível de líquido dentro da ampola. Então, a imagem no vídeo, diante dos olhos do técnico, mudou de posição.

- Proteu na agulha - avisou o técnico.

O êmbolo parou. Carter olhou para Reid.

- Okay?

Reid concordou.

- Podemos inocular agora - disse.

A agulha hipodérmica foi enviesada, num ângulo agudo, pelos dois conjuntos de garfos, e o Waldo começou a se mover novamente, desta feita em direção de um lugar no pescoço de Benes, que uma enfermeira se apressava agora a esfregar com álcool. Marcou-se um pequeno circulo no pescoço, dentro do círculo uma cruz ainda menor, e para o centro da cruz a extremidade da agulha hipodérmica foi dirigida. Os medidores sensíveis acompanharam-na.

Um momento de hesitação, quando a ponta da agulha tocava o pescoço. Ela picou e entrou até uma distância prescrita, o êmbolo moveu-se de leve, e o técnico dos medidores sensíveis informou:

- Proteu injetado.

O Waldo afastou-se apressadamente. A nuvem de medidores sensíveis pôs-se em movimento, quais antenas impetuosas, e se instalou sobre a cabeça e o pescoço de Benes.

- Estamos na trilha - disse o técnico dos medidores, e empurrou uma chave.

Meia dúzia de vídeos, cada um com sua imagem numa posição diferente, se acenderam. Em algum lugar, a informação constante daquelas telas alimentava um computador que controlava o mapa ampliado do sistema circulatório de Benes.

Nesse mapa, um pequeníssimo ponto brilhante surgiu na artéria carótida.

O Proteu fora injetado naquela artéria.

Carter pensou seriamente em rezar, mas não sabia como. No mapa, parecia das mais insignificantes a distância entre a posição do pontinho de luz e a posição do coágulo sanguíneo no cérebro.

Carter observou o cronômetro mover-se para 57, e logo após o inequívoco e rápido movimento do pontinho de luz ao longo da artéria, subindo na direção do coágulo.

Por um momento, Carter fechou os olhos e pensou: por favor. Se existe Em algum lugar um poder supremo, por favor!

Grant ergueu a voz, tendo um pouco de dificuldade em respirar direito:

- Passaremos para o corpo de Benes. Eles dizem que nos vão introduzir na agulha e em seguida no pescoço do homem. E eu lhes respondi que estamos um pouco agitados. Puxa! Um pouco agitados!

- Ótimo - disse Owens. Trabalhava nos controles, tentando adivinhar a direção dos balanços e neutralizar-lhes o efeito. Não foi bem sucedido.

- Escute - disse Grant. - Por que... por que temos de entrar na... uf... agulha?

- Estaremos mais comprimidos ali. O movimento da agulha dificilmente nos afetará. Outra coisa: queremos a menor quantidade possível de água miniaturizada dentro do corpo de Benes.

- Ah, meu caro - disse Cora.

O cabelo caíra em desalinho e ela tentava, inutilmente, removê-lo dos olhos, quase perdendo o equilíbrio. Grant fez um movimento para ampará-la, mas Duval já lhe apertava o braço com firmeza. As agitações cessaram de súbito, como haviam começado.

- Estamos na agulha - disse Owens com alívio. E acendeu as luzes externas da nave.

Grant perscrutou. Havia pouco a ver. A solução salina à frente da nave parecia cintilar como pirilampos no escuro. Muito acima e muito abaixo, a curva distante de algo que brilhava ainda mais intensamente. As paredes da agulha?

Uma súbita preocupação importunou-o. Virou-se na direção de Michaels.

- Doutor.

Os olhos de Michaels estavam fechados. Ele os abriu com relutância, e a cabeça girou na direção da voz.

- Sim, Mr. Grant.

- Que está vendo?

Michaels fitou à frente, estendeu um pouco as mãos e disse:

- Cintilações.

- Está vendo com clareza? Não lhe parece que alguma coisa está dançando?

- Não.

- Muito bem. Aqui, você está vendo ondas miniaturizadas de luz com uma retina igualmente miniaturizada, e tudo vai bem. Mas quando ondas miniaturizadas de luz percorrem um mundo menos miniaturizado ou completamente não-miniaturizado, elas não se refletem com facilidade. Na realidade, são absolutamente penetrantes. Vemos somente reflexos intermitentes aqui e ali.

Portanto, tudo fora daqui parece tremeluzir.

- Sei. Obrigado, Doc - disse Grant.

Michaels suspirou novamente.

- Acho que fui longe demais. A luz tremeluzente e o movimento browniano juntos me deram dor de cabeça.

- Aí vamos nós! - gritou Owens, de repente.

Estavam-se movimentando para frente, agora. A sensação era inequívoca.

As paredes distantes e curvas da agulha hipodérmica pareciam mais sólidas, enquanto o reflexo borrado da luz miniaturizada de suas paredes se toldavam e misturavam. Era como cavalgar uma montanha-russa, descendo por uma inclinação infinita.

Acima e à frente, a solidez parecia chegar ao fim num pequeno círculo bruxuleante. O círculo alargou-se vagarosamente, depois com maior rapidez, depois se abriu num incrível abismo - e tudo tremeluziu.

- Estamos agora na artéria carótida - disse Owens.

O cronômetro marcava 56.

- Sim, dança. Ela dança.

- Isso não significaria que nossos olhos estão afetados pela miniaturização?

- Não, não, Mr. Grant. - Michaels suspirou, enfadado. - Se está pensando em cegueira, fique descansado. Olhe o interior do Proteu. Olhe para mim. Alguma coisa lhe parece errada?

9 - Artéria

Duval olhou ao redor com alvoroço.

- Pensem nisso - disse. - Dentro de um corpo humano, dentro de uma artéria.

Owens! Apague as luzes internas, homem! Vamos ver a obra de Deus.

As luzes internas foram apagadas, mas uma forma de luz fantasmagórica fluía para dentro, o reflexo borrado das antenas de luz miniaturizadas do navio, na proa e na popa.

Owens conseguira colocar o Proteu numa virtual imobilidade com referência à corrente de sangue arterial, deixando-o deslizar no fluxo impulsionado pelo coração.

- Acho que vocês podem remover as fivelas - disse ele.

Duval estava quase fora de si, e Cora foi ter com ele imediatamente.

Precipitaram-se para uma janela, numa espécie de êxtase maravilhoso. Michaels se levantou mais deliberadamente, atirou um olhar rápido na direção dos dois, depois voltou ao mapa, estudando-o minuciosamente.

- Precisão excelente - disse com parcimônia.

- Pensou que pudéssemos ter errado a artéria? - perguntou Grant.

Por um momento, Michaels olhou distraidamente para Grant. Depois:

- Hum... não! Isso não teria sido provável. Mas podíamos ter penetrado além do ponto-chave, sermos incapazes de avançar contra a corrente arterial, e perder tempo na descoberta de um caminho mais nobre. Mas a nave está no lugar exato.

- Parece que estamos navegando bem - disse Grant, animado.

- Sim. - Uma pausa. Depois, mais rápido: - A partir desse ponto, combinamos facilidade de inserção, rapidez de corrente e itinerário reto, de modo a atingirmos nosso destino com um atraso absolutamente mínimo.

- Ótimo, então. - Grant fez um aceno de cabeça e se voltou para a janela.

Quase imediatamente ficou maravilhado ante o que lhe era dado ver.

A parede distante parecia a meia milha de distância e brilhava como âmbar, cintilante, pois estava em sua maior parte oculta pela vasta miscelânea de objetos que flutuavam perto do navio.

Tratava-se de um vasto e exótico aquário, no qual não peixes, mas objetos muito mais estranhos enchiam a vista. Grandes aros de borracha, os centros apertados, mas não perfurados, eram os objetos mais numerosos. Cada um tinha mais ou menos duas vezes o diâmetro da nave, uma cor de palha, alaranjada, e cintilavam e resplandeciam intermitentemente, como se facetados com lascas de diamantes.

- A cor não é verdadeira - disse Duval. - Se fosse possível desminiaturizar as ondas luminosas enquanto elas ultrapassam o navio e miniaturizar o reflexo, teríamos uma impressão mais autêntica. é importante obter um reflexo perfeito.

- Tem toda razão, doutor - disse Owens. - O trabalho feito por Johnson e Antoniani indica que isto pode ser possível. Infelizmente a técnica ainda não é prática e mesmo se o fosse não poderíamos ter adaptado o navio com este sentido numa única noite.

- Provavelmente não - disse Duval.

- Mas embora não seja perfeito - disse Cora, num tom de voz intimidado -, o reflexo não deixa de ter sua beleza peculiar. Parecem balões difusos, amassados, carregando um milhão de estrelas cada um.

- Na verdade, são corpúsculos vermelhos do sangue - disse Michaels. - Vermelhos na massa, mas individualmente com uma cor de palha. Os que você está vendo acabam de sair do coração, carregando sua carga de oxigênio para a cabeça e, particularmente, para o cérebro.

Grant continuou a fitar, maravilhado. Além dos corpúsculos, havia objetos menores: coisas achatadas, como um prato, eram mais comuns, por exemplo.

(Plaquetas, pensou Grant, pois a forma dos objetos lhe despertara lembranças dos cursos de Fisiologia no colégio.)

Uma das plaquetas passou rente à nave, tão perto que Grant quase teve o impulso de alcançá-la e apanhá-la. Derivou vagarosamente, esteve um pouco em

contato com a nave, depois se afastou, deixando que partículas de si própria se agarrassem à janela - uma mancha que desapareceu gradualmente.

- Ela não se rompeu - disse Grant.

- Não - respondeu Michaels. - Em caso de rompimento, um pequeno coágulo se formaria. Talvez não provocasse dano. Mas se fôssemos maiores, talvez houvesse dificuldades. Veja aquilo!

Grant olhou na direção do dedo que apontava. Viu pequenos objetos semelhantes a varinhas, empurrando fragmentos e detritos, e, acima de tudo, corpúsculos vermelhos. Depois descobriu o objeto para o qual Michaels apontava.

Era grande, leitoso, e pulsava. Era granular, e dentro de sua massa leitosa cintilavam pontos negros, pedaços flamejantes de um negro tão intenso que brilhava com sua própria luz cega.

Dentro da massa havia uma área mais escura, sombreando a lactescência ao redor, e mantendo uma forma firme, alerta. O contorno da coisa não se mostrava claramente, mas de súbito uma baía leitosa se estendeu na direção da parede arterial, e a massa pareceu derivar nela. Por fim, se desvaneceu, obscurecida pelos objetos mais próximos, perdida no redemoinho.

- Que diabo era aquilo? - perguntou Grant.

- Uma célula branca do sangue, naturalmente. Não há muitas delas, pelo menos, em comparação aos corpúsculos vermelhos. Há cerca de seiscentos e cinquenta corpúsculos vermelhos para cada corpúsculo branco. Os brancos são muito maiores, porém, e têm movimento próprio. Alguns deles podem abrir caminho através dos vasos sanguíneos. São objetos assustadores, vistos a esta escala dimensional. Aquele passou mais perto de nós do que eu desejaria.

- São os carniceiros do sangue, não são?

- Sim. Estamos reduzidos ao tamanho de uma bactéria, mas temos uma cobertura de metal e não uma parede celular mucopopolisacarídea. Confio em que as células brancas não notem a diferença. Enquanto não ofendermos os tecidos circundantes, elas não reagirão.

Grant tentou desviar sua atenção acurada dos objetos individuais e se absorver no panorama como um todo. Deu um passo atrás e estreitou os olhos.

Era uma dança: cada objeto tremia em sua posição. Quanto menor o objeto, mais pronunciado o tremor. Era como um ballet colossal e insubmisso, no qual o coreógrafo tivesse enlouquecido e os dançarinos fossem colhidos na garra de uma dança eternamente insana.

Grant fechou os olhos.

- Está sentindo? O movimento browniano, quero dizer.

- Sim, eu o sinto - respondeu Owens. - Não é tão mau como eu pensava. A corrente sanguínea é viscosa, muito mais viscosa que a solução salina em que estivemos mergulhados, e a alta viscosidade amortece o movimento.

Grant sentiu a nave mover-se sob seus pés, primeiro numa direção, depois em outra, mas como se estivesse empapada, sem as sacudidelas que sofrera quando na agulha hipodérmica. As proteínas da porção fluida do sangue, as "proteínas plásmicas" (a frase emergiu na memória de Grant) almofadavam a nave.

Nada mau, realmente. Ele se sentiu alegre. Talvez tudo saísse bem.

- Gostaria que retornassem agora a seus lugares - disse Owens. Estamos nos aproximando de um ramo na artéria, e vou desviar a nave.

Os outros se sentaram, observando ainda os arredores, absortos.

- uma vergonha dispormos apenas de alguns minutos para isto - disse Cora. - Dr. Duval, que coisas são aquelas?

Uma massa de estruturas pequeníssimas, muito ligadas e formando um tubo compacto em forma de espiral, passava ao largo. Várias outras seguiam-na, cada uma se expandindo e se contraindo.

- Ah - disse Duval - não reconheço aquilo.

- Um vírus, talvez - sugeriu Cora.

- Um pouquinho grande para um vírus, parece-me, e certamente não se assemelha a nada que eu já vi. Owens, estamos equipados para tirar amostras?

- Podemos sair da nave, em caso de necessidade, mas não podemos parar para amostras - disse Owens.

- Ora, vamos, esta oportunidade não se repetirá. - Duval levantou-se com determinação. - Vamos trazer um deles para a nave. Miss Peterson, você.

- Esta nave tem uma missão, doutor - lembrou Owens.

- Não faria diferença... - começou Duval, mas logo se interrompeu ante a mão firme de Grant em seu ombro.

- Se não lhe importa, doutor - disse Grant -, não discutamos a esse respeito.

Temos um trabalho a fazer e não vamos parar a marcha ou nos desviar para recolher coisa alguma ou reduzir a velocidade em busca de espécimes. Espero que o senhor compreenda isto e não insista.

À luz incerta e trêmula refletida do mundo arterial exterior, Duval fez uma carranca.

- Ah, está bem - disse ele, sem graça. - De qualquer forma, as coisas já passaram por nós.

- Assim que completarmos este trabalho, Dr. Duval - disse Cora - haverá métodos desenvolvidos para miniaturização indefinida. Poderemos participar de uma verdadeira exploração.

- Sim, acho que tem razão.

- Parede arterial à direita - avisou Owens.

O Proteu efetuara uma longa curva impetuosa e a parede parecia a uns cem pés de distância, agora. O âmbar algo enrugado da camada endotelial que constituía o revestimento interno da artéria estava claramente visível em todos os seus detalhes.

- Ah - disse Duval - que maneira de se verificar uma arteriosclerose. Pode-se contar as placas.

- Seria possível tonsurá-las também, não? - perguntou Grant.

- Naturalmente. Pense no futuro. Uma nave enviada através de um sistema arterial obstruído, desatando e desembaraçando as regiões escleróticas, rompendo-as, escavando e alargando os tubos. Um tratamento bastante caro, porem.

- Talvez se pudesse automatizá-lo - disse Grant. - Talvez se pudesse enviar pequenos robôs para limpar a sujeira. Ou talvez todo ser humano viesse a ser injetado, no início da vida adulta, com um suprimento permanente de limpadores de vasos. . . meu Deus, olhem o comprimento disso.

Tinham-se aproximado mais da parede arterial, e a navegação se tornava mais encrespada na zona de turbulência. Adiante, podiam ver a parede se estendendo ao longo do que pareciam milhas uniformes, antes de mudar de curso.

- O sistema circulatório, contando todos os seus vasos, inclusive os menores, teria, conforme eu já lhe disse antes, umas cem mil milhas de comprimento, se eles fossem alinhados - disse Michaels.

- Nada mau - disse Grant.

- Cem mil milhas em escala não-miniaturizada. Na escala atual, ele tem - parou para pensar, e depois acrescentou: - cerca de três trilhões de milhas de comprimento, a metade de um ano-luz. Viajar através de todos os vasos sanguíneos do corpo de Benes, em nossa situação atual, equivaleria quase a tentar atingir uma estrela.

Michaels olhou em volta, perturbado. Nem a beleza daquilo tudo nem a segurança que até agora experimentavam pareciam servir-lhe de consolo.

Grant tentou ser alegre.

- Pelo menos o movimento browniano não incomoda muito.

- Não - disse Michaels. E depois: - Eu não me sentia à vontade, há pouco, quando discutimos este movimento pela primeira vez. Tampouco Duval, agora a respeito das amostras. Não creio que algum de nós se esteja sentindo realmente bem. - Michaels engoliu em seco. - um capricho de Duval querer parar para colher espécimes.

Sacudiu a cabeça e voltou aos mapas na mesa encurvada contra a parede. A mesa e o salpico móvel de luz sobre ela constituíam uma duplicata da versão bem maior na torre de controle, e da versão menor na nacela de Owens.

- A que velocidade navegamos, Owens? - perguntou.

- Quinze milhas, em nossa escala.

- Claro que em nossa escala - disse Michaels, de mau humor. Levantou a régua e fez um cálculo rápido. - Estaremos no entroncamento daqui a dois minutos. Mantenha a parede a essa distância, quando fizer a curva. Isso o deixará em segurança no meio da ramificação, e você poderá então penetrar suavemente na rede capilar sem novas manobras. Claro?

- Claro.

Grant esperava, observando sempre através da janela. Por um momento colheu a sombra do perfil de Cora e entrou a examiná-lo, mas o panorama visto da janela acabou por dominar o estudo que ele fazia do queixo da moça.

Dois minutos? Como custariam a passar! Dois minutos nessa sensação temporal miniaturizada? Ou dois minutos pelo cronômetro? Girou a cabeça para olhá-lo. Ele anotava 56 e, enquanto o observava, o cronômetro se apagou e então, muito deliberadamente, apareceu um 55 opaco e escurecido.

Houve um súbito arranco e Grant quase foi atirado fora do assento.

- Owens! - gritou. - Que aconteceu?

- Colidimos contra alguma coisa? - perguntou Duval.

Grant caminhou com dificuldade até a escada e tratou de subir.

- Que está errado?

- Não sei. - O rosto de Owens era uma massa contorcida de esforço. - O navio não obedece às manobras.

A voz de Michaels subiu tensa.

- Capitão Owens, corrija o curso. Estamos nos aproximando da parede.

- Eu... sei disso - ofegou Owens. - Caímos numa espécie de corrente.

- Continue tentando. Faça o possível - disse Grant.

Desceu cambaleando, e de costas apoiadas à escada para se firmar contra a violenta agitação da nave, disse:

- Por que haveria uma corrente cruzada aqui? Não estamos seguindo o fluxo arterial?

- Sim - disse Michaels, enfaticamente, com um pálido rosto de cera -, nada nos poderia impelir a uma das margens. - Apontou a parede arterial, muito mais próxima agora e ainda se aproximando. - Deve haver algo errado com os controles. Se batermos na parede e danificá-la, pode formar-se um coágulo e nos fixar ali, ou as células brancas talvez reajam ao estímulo.

- Mas isto é impossível num sistema fechado - disse Duval.

- As leis de hidrodinâmica.

- Um sistema fechado? - As sobrancelhas de Michaels se ergueram. Com esforço, cambaleou até os mapas, depois soltou um rugido: - Não adianta, preciso de mais ampliação e não posso consegui-la aqui. Pelo amor de Deus, Owens, afaste-se desta parede.

- Raios, homem - retrucou Owens -, estou tentando. Já lhe disse que não posso lutar contra a corrente.

- Não a enfrente diretamente, então - gritou Grant. - Deixe a nave aprumar-se e se limite a tentar manter-lhe o curso paralelo à parede.

Estavam agora muito próximos para ver todos os detalhes da parede. Os fios de tecido conectivo que serviam de suporte principal pareciam andaimes, eram quase como arcadas góticas, de cor amarelada e cintilando com uma camada menos espessa do que parecia ser uma substância gordurosa.

Os fios conectivos se distendiam e dobravam-se como se toda a estrutura estivesse a se expandir, tremiam um momento, depois se moviam de novo, a superfície entre os andaimes serpejando enquanto se fechavam. Grant não precisou perguntar para saber que a parede arterial pulsava ao ritmo do coração.

A agitação da nave ficava cada vez pior. A parede se aproximava mais e começava a parecer cor de ardósia. Os fios conectivos se haviam desatado em certos lugares, como se estivessem resistindo a uma corrente muito mais impetuosa do que a do Proteu, e começassem a ceder à pressão. Os fios oscilavam como amarras de uma gigantesca ponte, alcançando a janela e deslizando umedecidos, desprendendo sua cintilante cor amarela do barrote das luzes dianteiras da nave.

A aproximação do fio seguinte fez Cora soltar um grito agudo de terror.

- Vejam lá fora - gritou Michaels.

- A artéria está avariada - disse Duval.

Mas a corrente rugiu em volta dos vívidos contrafortes e arrastou o navio, atirando-o num redemoinho terrível que arremessou a todos contra a parede esquerda.

Grant, que sofrera uma pancada dolorosa no braço esquerdo, agarrou Cora com o outro e tratou de mantê-la firme. Fitando diretamente à sua frente, tentou descobrir o que se passava além da luz cintilante.

- Redemoinho! - gritou. - Voltem aos seus lugares, vocês todos. Amarrem-se neles.

As partículas que compunham os corpúsculos vermelhos ficaram virtualmente imóveis, além da janela, no instante em que foram colhidos na mesma corrente rodopiante, enquanto a parede se manchava de um amarelo inexpressivo.

Duval e Michaels conseguiram chegar às cadeiras e lutavam com a fivela.

- Passagem turbulenta à frente - gritou Owens.

Grant disse apressadamente a Cora: - Volte. Volte ao seu assento.

- Estou tentando - ofegou a moça.

Desesperadamente, embora incapaz de se manter de pé em virtude do selvagem balanço da nave, Grant puxou Cora e depois procurou a fivela.

Era muito tarde. O Proteu fora colhido novamente no remoinho, sendo atirado para cima e para os lados com a força de um bloco carnavalesco.

Grant tratou de agarrar um apoio, num movimento instintivo, e fez um esforço para alcançar Cora. Ela fora lançada ao chão. Os dedos da moça agarraram-se inutilmente no braço da cadeira.

Eles não iam agüentar, pensou Grant, e tentou alcançar Cora desesperadamente, mas estava a uns trinta centímetros de distância. Seu braço já escorregava do apoio. Duval lutava inutilmente no assento, mas a pressão centrífuga prendia-o.

- Agüente-se, Miss Peterson. Tentarei dar-lhe ajuda.

Com esforço, agarrou a fivela, enquanto Michaels observava-os, desamparado, e Owens, preso na nacela, estava completamente fora do quadro.

As pernas de Cora se ergueram em consequência do efeito centrifugo.

- Não consigo.

Grant, à falta de alternativas, soltou o apoio. Escorregou pelo chão, enganchou uma perna na base de uma cadeira, com uma pancada que a entorpeceu, tentou transferir para lá o braço esquerdo, e com o direito segurou Cora pela cintura, no instante em que ela largava a cadeira.

O Proteu rodopiava agora mais rápido, e parecia se inclinar para um lado.

Grant já não podia sustentar a posição forçada do corpo, e sua perna foi afastada violentamente da perna da cadeira, com uma sacudidela. O braço, contundido no choque anterior com a parede, ressentia-se do esforço adicional, doía como se estivesse quebrado. Cora agarrou-se ao ombro de Grant, pelo uniforme, num ato de desespero.

Grant conseguiu grunhir:

- Alguém... tem idéia do que está acontecendo?

Duval, ainda lutando futilmente com a fivela, disse:

- Uma fístula... uma fístula arteriovenosa.

Com um esforço, Grant levantou a cabeça e olhou uma vez mais pela janela.

A parede arterial avariada chegara a um ponto morto. A cintilação amarelada cessou, e um abismo roto e turvo apareceu à frente. Subia e descia conforme a visão restrita de Grant, e corpúsculos vermelhos, bem como outros objetos, desapareciam nele. Até mesmo as bolhas ocasionais e assustadoras das células brancas eram sugadas rapidamente no buraco.

- Faltam poucos segundos - ofegou Grant. - Só alguns... Cora. - Ele dizia-o a si mesmo, ao seu braço contundido e dolorido.

Com uma vibração final que quase atordoou Grant ante a agonia que lhe causava, eles entraram pouco a pouco num estado de repentina calma.

Grant soltou-se e caiu, arquejando, pesadamente. Devagar, Cora encontrou as pernas e se levantou. Duval achou-se livre.

- Mr. Grant, está bem? - E se ajoelhou ao lado de Grant.

Cora também se ajoelhou, tocando delicadamente o braço de Grant, aventurando-se a tentar uma massagem. - Ele fez uma careta de dor.

- Não o toque!

- Está quebrado? - perguntou Duval.

- Não sei dizer. - Cuidadosa e vagarosamente, tentou dobrá-lo, depois, apertou fortemente a palma da mão direita no bíceps esquerdo. - Talvez não.

Mesmo assim, levará semanas para ficar bom.

Michaels também se levantara. Tinha o rosto torcido, quase irreconhecível, de tanto alívio.

- Conseguimos. Estamos inteiros. Como andam as coisas, Owens?

- Em boa ordem, creio. Nem uma luz vermelha no painel. O Proteu agüentou mais do que eu previa. - A voz de Owens refletia orgulho, por si mesmo e pelo navio.

Cora ainda se preocupava com o estado de Grant.

- Você está sangrando! - exclamou, chocada.

- Estou? Onde?

- Aí no lado. O uniforme está manchado.

- Oh, isto. Tive um pequeno desentendimento no Outro Lado. Questão apenas de substituir a bandagem. Francamente, não é nada de grave. Só sangue.

Cora parecia ansiosa, e puxou-lhe o fecho do uniforme.

- Sente-se - disse. - Por favor, procure sentar-se. - Rodeou-lhe o pescoço com um braço e forcejou por erguê-lo, depois tirou-lhe o uniforme pelos ombros, com gentileza a que não faltava uma dose de prática.

- Cuidarei disso - disse ela - ...e muito obrigada. Parece uma tolice, mas muito obrigada.

- Bom, faça o mesmo por mim, algum dia, está bem? Quer me ajudar agora a voltar à cadeira?

Tentou pôr-se de pé, Cora ajudando-o de um lado, Michaels do outro. Duval, depois de lhes atirar um olhar rápido, coxeou até a janela.

- Que acontece agora?

- Uma arterioven... bem, sejamos francos. Uma conexão anormal entre uma artéria e uma pequena veia. Acontece às vezes, em geral devido a trauma físico.

Acho que aconteceu a Benes quando ele foi ferido no automóvel. Representa uma imperfeição, uma espécie de ineficiência, mas neste caso não é nada de sério. É microscópico, um minúsculo redemoinho.

- Minúsculo, isto?

- Naturalmente é um redemoinho gigantesco em nossa escala miniaturizada.

Ele aparecia nos mapas do sistema circulatório, Michaels? - perguntou Grant.

- Deve estar ali. Provavelmente eu o encontraria se pudesse ampliar os mapas na medida exata. O problema é que minha análise inicial teve de ser preparada em três horas e esqueci-o. Não tenho desculpas a dar.

- Muito bem - disse Grant. - Isto significa perda de tempo. Escolha um novo percurso e informe a Owens. Que tempo nos resta, Owens? - Olhou automaticamente o cronômetro ao fazer a pergunta. Leu: 52, e Owens respondeu:

- Cinquenta e dois.

- Tempo de sobra - disse Grant.

Michaels fitava Grant de sobrancelhas levantadas.

- Não há tempo, Grant - disse ele. - Você não entendeu perfeitamente o que se passou. Estamos acabados. Falhamos. Não podemos chegar mais ao coágulo, compreende? Devemos pedir que nos tirem do corpo.

Cora protestou horrorizada.

- Mas passarão dias antes de o navio ser miniaturizado novamente. Benes morrerá.

- Não podemos fazer nada. Estamos agora na veia jugular. Não podemos voltar através da fístula, pois não resistiríamos à corrente, mesmo estando o

coração em fase diastólica, entre pulsações. O único outro percurso, aquele que nos levaria pela corrente venosa, vai ao coração, e constitui suicídio certo.

- Tem certeza? - perguntou Grant, entorpecido.

- Ele está certo, Grant - disse Owens, em voz estridente e triste. - A missão fracassou.

10 - Coração

Um inferno diferente descera sobre a torre de controle. A imagem indicava que a nave quase não havia mudado de posição no vídeo, mas o modelador de coordenação fora criticamente alterado. Carter e Reid giraram ao sinal de um monitor.

- Senhor - o rosto na tela estava agitado. - O Proteu, naturalmente. Eles apanharam uma imagem no Quadrante 23, Nível B.

Reid correu à janela a fim de inspecionar a sala dos mapas. Nada se podia ver a essa distância, é claro, a não ser cabeças debruçadas sobre os mapas, numa concentração obviamente elétrica. Carter enrubesceu.

- Maldição! Não quero saber dessa porcaria de quadrante. Onde estão eles?

- Na veia jugular, senhor, subindo para a veia cava superior.

- Numa veia? - por um instante, as próprias veias de Carter puseram-se em alarmante evidência. - Pelos trovões do inferno, que estão fazendo numa veia?

Reid - trovejou.

Reid correu ao seu encontro.

- Sim, ouvi.

- Como eles entraram numa veia?

- Ordenei aos homens do mapa para tentarem localizar uma fístula arteriovenosa. Elas são raras e difíceis de encontrar.

- E o que...

- Conexão direta entre uma pequena artéria e uma pequena veia. O sangue vaza da artéria para a veia e...

- Eles ignoram onde a nave está?

- Aparentemente sim. E, Carter...

- Que é?

- Eles devem ter enfrentado um problema terrível. Talvez não tenham sobrevivido.

Carter voltou ao painel das telas de televisão. Pressionou um botão.

- Alguma mensagem nova do Proteu?

- Não, senhor - foi a resposta.

- Bem, entre em contato com eles, homem! Arranque qualquer coisa deles! E me transmita a resposta imediatamente.

Houve uma espera agonizante enquanto Carter se imobilizava no espaço de três ou quatro respirações ordinárias. A palavra chegou diretamente.

- Proteu respondendo, senhor.

- Graças a Deus - murmurou Carter. - Leia a mensagem.

- Eles passaram por uma fístula arteriovenosa, senhor. Não podem retornar nem podem avançar. Pedem para sair do corpo, senhor.

Carter bateu os punhos cerrados na mesa.

- Não! Com mil trovões, não!

- Mas general, eles têm razão - disse Reid.

Carter olhou o cronômetro. Estava em 51. Disse, entre lábios trêmulos:

- Eles dispõem de cinquenta e um minutos e permanecerão cinquenta e um minutos lá dentro. Quando esta coisa ali apontar o zero, nós os tiraremos. Nem um minuto antes, a não ser que realizem a missão.

- Mas não há esperança, que inferno! Deus sabe como a nave é fraca.

Vamos matar cinco homens.

- Talvez. Eles correm um risco, nós também. Ficará devidamente registrado que não renunciamos enquanto restava a menor possibilidade matemática de êxito.

Os olhos de Reid estavam frios e todo o seu bigode se eriçou.

- General, o senhor está pensando em seu registro. Se eles morrerem, serei testemunha de que o senhor os manteve lá aquém de uma esperança razoável.

- Correrei este risco também - disse Carter. - Agora, diga-me... você está encarregado da divisão médica. Por que eles não se movem?

- Eles não podem voltar através da fístula contra a corrente. É fisicamente impossível, a despeito das ordens que o senhor possa dar. A gradação da pressão sanguínea não está sob controle do Exército.

- Por que não descobrem outro itinerário?

- Todos os itinerários para o coágulo, a partir da posição atual, passam pelo coração. A turbulência da passagem cardíaca os esmagaria num instante, e não podemos nos arriscar.

- Nós...

- Nós não podemos, Carter. Não por causa da vida dos homens, embora esta seja uma razão ponderável. Se a nave for esmagada, jamais a recuperaremos, e seus fragmentos eventuais se desminiaturizarão, matando Benes também. Se tirarmos os homens agora, tentaremos operar Benes do lado de fora.

- Isto é inútil.

- Tão inútil quanto a situação atual.

Por um momento, Carter meditou. Depois, disse calmamente:

- Coronel Reid, uma pergunta. Sem matar Benes, por quanto tempo conseguiríamos parar-lhe o coração?

Reid fitou-o.

- Não por muito tempo.

- Sei disso. Estou-lhe pedindo um número específico.

- Bem, em seu estado comatoso, e sob resfriamento hipotérmico, e tendo em vista a condição do seu cérebro, eu diria: não mais de sessenta segundos.

Aparentemente.

- Então eles terão de tentar. Quando se elimina o impossível, aquilo que permanece, embora arriscado, embora quase sem esperança, tem de ser tentado.

Quais os problemas envolvendo uma paralisação do coração?

- Nenhum. Pode-se fazer com um estilete, para citar Hamlet. O problema e reanimá-lo depois.

- Este, meu caro coronel, será o seu problema e a sua responsabilidade. - Olhou o cronômetro, que assinalava 50. - Estamos perdendo tempo. Mãos à obra.

Ponha sua equipe cardíaca em ação, que eu instruirei os homens do Proteu.

As luzes foram acesas dentro do Proteu. Michaels, Duval e Cora, parecendo desgrenhados, se reuniram em torno de Grant.

- É isto mesmo - disse Grant. - Vão parar o coração de Benes por meio de choque elétrico, no momento em que nos aproximarmos dele, e o porão de novo em movimento quando nos afastarmos.

- Em movimento de novo! - explodiu Michaels. - Estão malucos? Benes não suportará isto devido ao seu estado.

- Suspeito - disse Grant - que eles consideraram ser esta a única possibilidade de salvar a expedição.

- Se esta é a única possibilidade, então já fracassamos.

- Tenho alguma experiência de cirurgia interna do coração, Michaels - disse Duval. - Pode dar certo. O coração é mais rijo do que supomos. Owens, quanto tempo levaremos a passar pelo coração?

Owens olhou para baixo. - Estava calculando agora mesmo, Duval. Se não houver atrasos, poderemos sair entre cinquenta e cinco e cinquenta e sete segundos.

Duval encolheu os ombros. - Teremos três segundos de sobra.

- Mas é melhor andar depressa - disse Grant.

- Estamos à deriva rumo ao coração, agora mesmo. Engrenei os motores à velocidade plena. De qualquer forma, eu precisava testá-los. Estão pulsando de verdade.

Um estrondo surdo ergueu-se a certa altura, e a sensação de movimento para diante sobrepujou o tremor abafado e errático do movimento browniano.

- Apaguem as luzes - disse Owens. - É melhor descansarem um pouco enquanto eu acalento este bebê.

E as luzes se apagaram. Todos foram novamente à janela, inclusive Michaels.

A aparência do mundo que os cercava mudara completamente. Ainda era um mundo de sangue. Ainda continha todas as partículas, pedaços, fragmentos e agregados moleculares, as plaquetas e os corpúsculos vermelhos, mas a diferença... a diferença.

Esta era a veia cava superior, a principal veia procedente da cabeça e do pescoço, a fim de buscar suprimento de oxigênio. Os corpúsculos vermelhos do sangue estavam privados de oxigênio e agora continham a própria hemoglobina, não oxihemoglobina, essa brilhante combinação vermelha de hemoglobina e oxigênio. A hemoglobina pura tinha uma cor azul-púrpura, e no reflexo errático das ondas luminosas miniaturizadas da nave cada corpúsculo flamejava de azul e verde, freqüentemente entremeados de púrpura. Tudo o mais contribuía à coloração desses corpúsculos não oxigenados.

As plaquetas deslizavam pelo costado, e duas vezes a nave passou, a uma distância das mais gratas, pelas hastes poderosas de uma célula branca, colorida agora por um creme verde-tinto.

Grant fitou uma vez mais o perfil de Cora, erguido, este, numa reverência quase venerável, e parecendo infinitamente misteriosa no azul fantasmagórico.

Ela era a rainha do gelo de alguma região polar iluminada por uma aurora azul-esverdeada, pensou Grant, quixotescamente, e de repente sentiu-se vazio e anelante.

- Glorioso - murmurou Duval. Mas não era para Cora que ele olhava.

- Está pronto, Owens? - perguntou Michaels. - Vou guiá-lo através do coração.

Caminhou para os mapas e acendeu uma luz pequena, suspensa, que imediatamente obscureceu o azul escuro que enchera até então o Proteu de mistério.

- Owens - chamou. - Mapa cardíaco A-2. Aproximação, aurícula direita. Você tem o mapa aí?

- Sim, tenho.

- Já estamos no coração? - perguntou Grant.

- Escutem - disse Michaels, atento. - Não Olhem. Escutem!

Um silêncio sem respiração caiu sobre os tripulantes no interior do Proteu.

Ouviram como que um distante troar de artilharia. Não passava de uma vibração ritmada no chão da nave, vagarosa e medida, mas cada vez mais forte.

Um baque surdo, seguido de um mais surdo ainda; uma pausa, depois uma repetição, mais surda, sempre mais surda.

- O coração! - disse Cora. - É ele.

- Perfeito - disse Michaels. - Está um bocado vagaroso.

- E não podemos ouvi-lo perfeitamente - disse Duval com desgosto. - As ondas sonoras são demasiado fortes para nos afetarem o ouvido. Provocam vibrações secundárias na nave, mas isto não é a mesma coisa. Numa exploração adequada do corpo.

- Algum dia no futuro, doutor - disse Michaels.

- Soa como um canhão - disse Grant.

- Sim, mas se abate como uma barragem. Dois bilhões de batidas em setenta anos de vida - disse Michaels. Mais, até.

- E cada batida - acrescentou Duval - é uma fina barreira separando-nos da Eternidade, dando-nos tempo para selar a paz com.

- Estas pulsações poderão nos enviar direto à Eternidade sem nos dar tempo algum. Calem-se vocês todos. Está pronto, Owens?

- Estou. Pelo menos estou nos controles e tenho o mapa aberto à minha frente. Mas como encontrar o caminho através disto?

- Não podemos nos perder, mesmo querendo. Estamos na veia cava superior, no ponto de junção com a inferior. Certo?

- Sim.

- Muito bem. Dentro de segundos, entraremos na aurícula direita, a primeira câmara do coração - e eles já teriam parado as pulsações cardíacas. Grant, radiografe nossa posição.

Grant estava momentaneamente distraído ante o fascínio do panorama descortinado à frente. A veia cava era a mais larga do corpo, recebendo, na superfície final de seu tubo, todo o sangue do corpo inteiro, exceto dos pulmões. E ao ceder lugar à aurícula, ela se transformava numa vasta câmara retumbante, cujas paredes se estendiam a perder de vista, de modo que o Proteu parecia estar dentro de um oceano escuro e ilimitado. A batida do coração era agora um martelar vagaroso e terrível, e a cada baque surdo a nave parecia erguer-se e tremer.

À segunda chamada de Michaels, Grant voltou à vida e ao radiotransmissor.

- Válvula tricúspide à frente - anunciou Owens.

Os outros olharam. No fim de um longo, longo corredor, viram-na a distância.

Três dobras de um vermelho cintilante, separadas e ondulando, abertas, à medida que se afastavam da nave. Uma entrada apertada abria-se progressivamente, enquanto as cúspides da válvula flutuavam nos seus respectivos lados. Além dela, estava o ventrículo direito, uma das duas principais câmaras.

A corrente sanguínea corria para a cavidade como se atraída por uma sucção poderosa. O Proteu deslizou com ela, a abertura se aproximou e se alargou a um ponto tremendo. A corrente era suave, porém, e a nave cavalgou-a quase sem um tremor.

Em seguida veio o estrondo dos ventrículos, as principais câmaras musculares do coração, que se contraiam em sístole. As folhas da válvula tricúspide retrocederam, rápidas, na direção da nave, unindo-se vagarosamente, num contato úmido e forte que fechou a parede adiante, num longo sulco vertical que se partia em dois, acima.

Era o ventrículo direito que jazia do outro lado da válvula agora fechada.

Quando este ventrículo se contraía, o sangue não podia regurgitar através da aurícula, sendo forçado, portanto, a penetrar na artéria pulmonar.

Grant avisou por sobre o estrondo reverberante: - A próxima pulsação será a última, dizem eles.

- Melhor assim, ou também será a nossa última - comentou Michaels. - Para a frente, Owens, a toda velocidade, no instante em que a válvula se abrir novamente.

Havia agora uma firme determinação no rosto dele, notou Grant distraidamente. O medo desaparecera de Michaels.

Os medidores radiativos que haviam pairado sobre a cabeça e o pescoço de Benes estavam reunidos agora sobre o peito, numa região da qual o cobertor térmico fora afastado. Os mapas do sistema circulatório na parede tinham sido ampliados na área cardíaca e mostravam somente parte do coração, a aurícula direita. A imagem do vídeo mostrando a posição do Proteu descia suavemente à veia cava na direção da aurícula levemente musculada, que se expandira quando eles entraram, e em seguida se contraíra.

A embarcação tinha sido impelida, quase de um salto, através da aurícula, na direção da válvula tricúspide, que se fechou quando ela acabava de atingir-lhe as bordas. Num auscultador osciloscópio, cada batida cardíaca estava sendo traduzida num ondulante raio de luz eletrônica, e analisada atentamente.

O aparelho de eletrochoque estava em posição; e os eletrodos pairavam sobre o peito de Benes.

A pulsação final começou. O feixe de luz eletrônica no osciloscópio começou a se mover para cima. O ventrículo esquerdo estava-se relaxando para outra injeção de sangue e, quando descontraído, a válvula tricúspide se abriria.

- Agora - ordenou o técnico do indicador cardíaco.

Os dois eletrodos desceram sobre o peito, uma agulha num dos indicadores do consolo cardíaco pendeu instantaneamente para o vermelho, e um vibrador soou logo. O coração fora silenciado. O registro osciloscópio nivelou-se.

A mensagem chegou à torre de controle em toda a sua simplicidade: - Coração parado.

Carter acionou o cronometro que tinha nas mãos, e os segundos começaram a correr numa velocidade insuportável.

Cinco pares de olhos examinavam a válvula tricúspide. A mão de Owens estava pronta para a aceleração. O ventrículo relaxou-se e a válvula semilunar no fim da artéria pulmonar, Em algum lugar, devia estar-se fechando. O sangue não poderia retornar ao ventrículo procedente da artéria; a válvula se incumbiria disso.

O som de seu fechamento encheu o ar de uma vibração intolerável.

E à medida que o ventrículo continuava a se relaxar, entrava sangue de outra procedência, da aurícula direita. A válvula tricúspide, voltada para outra direção, começou a flutuar, aberta.

A poderosa e enrugada fenda à frente começou a se alargar, a fazer um corredor, um largo corredor, uma vasta abertura.

- Agora - gritou Michaels. - Agora! Agora!

Suas palavras foram abafadas pela pulsação cardíaca e pelo ruído dos motores. O Proteu atirou-se para a frente, através da abertura e do ventrículo.

Dentro de poucos segundos aquele ventrículo se contrairia e, na furiosa turbulência que se seguiria, a nave seria esmagada como uma caixa de fósforos, matando-os a todos - e, três quartos de hora depois, Benes também estaria morto.

Grant prendeu a respiração. A pulsação diastólica reduziu-se ao silêncio, e agora - nada!

Seguiu-se um silêncio de morte.

- Deixem-me ver! - gritou Duval.

Subiu a escada e sua cabeça emergiu na nacela, o único lugar dentro da nave de onde se descortinava um panorama nítido, desobstruído, da retaguarda.

- O coração parou - disse Duval. - Venham ver.

Cora subiu também, e depois Grant.

A válvula tricúspide pendia meio aberta e flácida. Na sua superfície interna estavam as tremendas fibras conectivas que se projetavam até a superfície interna do ventrículo, fibras que rechaçavam as folhas da válvula quando o ventrículo se relaxava, e que as repunham com firmeza na posição original,

quando a contração do ventrículo as forçava, evitando que as folhas fossem impulsionadas totalmente, e produzindo uma abertura virada em sentido oposto.

- A arquitetura é maravilhosa - disse Duval. - Seria magnífico ver a válvula de perto, deste ângulo.

- Seria decerto a sua última vista, doutor - disse Michaels. Velocidade máxima, Owens, e siga à esquerda, para a válvula semilunar. Temos trinta segundos para sair desta armadilha mortífera.

Se era uma armadilha de morte - e sem dúvida que sim - tratava-se de uma armadilha sombriamente bela. As paredes estavam escoradas por fibras poderosas, que se dividiam em raízes firmemente plantadas nas paredes distantes. Eles tinham a impressão de ver a distância uma gigantesca floresta de árvores cheias de nós e sem folhas, contorcidas e rasgadas num emaranhado complexo que reforçava e firmava o músculo mais vital do corpo humano.

Este músculo, o coração, era uma bomba dupla que tinha de pulsar bem desde antes do nascimento até ao momento final, antes da morte, e o fazia num ritmo uniforme, com um vigor infatigável, sob quaisquer condições. O maior coração no reino animal. O coração de nenhum Outro mamífero batia mais de um bilhão de vezes antes da morte mais retardada, mas após um bilhão de batidas o ser humano estaria apenas no início da idade média, no auge de sua força e energia. Homens e mulheres viviam eventualmente o tempo necessário a uns três bilhões de pulsações.

A voz de Owens fez-se ouvir.

- Restam só dezenove segundos. Dr. Michaels. - Não vejo sinal da válvula.

- Continue firme, com todos os diabos. Estamos no rumo certo. E é melhor que ela esteja aberta.

Grant disse, tenso:

- Ei-la. Não é ela? Aquela abertura?

Michaels levantou os olhos do mapa para lançar um olhar dos mais apressados.

- Sim, é ela. E está parcialmente aberta, o bastante para nos dar passagem.

A pulsação sistólica estava a ponto de se iniciar quando eles pararam o coração. Agora, vocês todos, se agarrem bem. Vamos deslizar pela abertura, mas a batida cardíaca estará logo atrás de nós, e quando ela vier...

- Se vier - disse Owens tranquilamente.

- Quando ela vier - repetiu Michaels - haverá uma terrível onda de sangue.

Teremos de estar o mais longe possível.

Num desespero forçado pela determinação, Owens atirou o navio pela pequena abertura no centro da fresta em forma de crescente ("semilunar", por este motivo) que identificava a válvula fechada.

A sala de cirurgia trabalhava num silêncio tenso. A equipe cirúrgica, inclinada sobre Benes, estava tão imóvel quanto este. O corpo frio de Benes e seu coração parado envolviam a todos numa aura de morte. Somente os incansáveis e trêmulos medidores sensíveis davam sinais de vida.

Na sala de controle, Reid disse:

- Eles já estão fora de perigo. Passaram a válvula tricúspide e seguem um percurso curvo rumo à válvula semilunar. - É um movimento deliberado, enérgico.

- Sim - disse Carter, observando o relógio com uma agonia intensa. - Restam vinte e quatro segundos.

- Já estão chegando.

- Quinze segundos - disse Carter, inexorável.

Os técnicos cardíacos no aparelho de eletrochoque puseram-se furtivamente em posição.

- Entraram na válvula semilunar.

- Seis segundos. Cinco. Quatro.

- Estão passando. - E a estas palavras de Reid, soou o aviso de um vibrador, agourento como a morte.

- Reanimem o coração - foi a ordem dada por um dos locutores. Um botão vermelho foi pressionado. Um regulador de velocidade entrou em ação, e uma

onda ritmada de potencialidade surgiu na tela apropriada, sob a forma de um luminoso movimento oscilante.

O osciloscópio registrador das pulsações cardíacas continuava morto.

O pulso regulador de velocidade foi aumentado, enquanto todos observavam nervosamente.

- Ele tem de recomeçar - disse Carter, cujo corpo se inclinava para a frente, inteiramente tenso.

O Proteu entrou na abertura estreita, que parecia um par de lábios semicerrados e curvados num sorriso gigantesco e indeciso. Roçou a membrana elástica, em cima e embaixo, retrocedeu um pouco quando o ronco dos motores se elevou numa tentativa temporariamente vá de libertar o navio do abraço pegajoso - depois arremeteu livremente.

- Saímos do ventrículo - disse Michaels, enxugando a testa e depois olhando a mão, que estava úmida - e entramos na artéria pulmonar. Prossiga à velocidade máxima, Owens. O coração deve recomeçar a bater dentro de três segundos.

Owens olhou para trás. Só ele podia fazer isto; os outros, presos aos assentos, divisavam unicamente o que se passava à frente.

A válvula semilunar ficara para trás, ainda fechada, com suas fibras constringindo os pontos de ligamentos a sugadores de tecido tenso. A distância, a válvula parecia diminuir, e ainda permanecia fechada.

- O coração ainda não se reanimou - disse Owens. - Não... esperem, esperem. Ai vem ele. - As duas folhas da válvula já se descontraiam; os suportes fibrosos retrocediam, e suas raízes tensas se enrugaram e enfraqueceram.

O orifício se dilatava, o fluxo de sangue aparecia e, sobrepujando-os, o gigantesco "barummmm" da sístole. A maré de sangue colheu o Proteu, impulsionando-o a uma velocidade temerária.

11 - Capilares

A primeira batida do coração quebrou o encanto na torre de controle. Carter levantou as mãos no ar e sacudiu-as numa muda invocação dos deuses.

- Conseguimos, com mil raios. Conseguimos safá-los!

Reid concordou.

- O senhor venceu desta vez, general. Eu não teria tido nervos para ordenar-lhes o percurso através do coração.

O branco dos olhos de Carter estava raiado de sangue.

- Pois eu não teria nervos para não dar a ordem. Agora, se eles puderem resistir à corrente arterial... - a voz dele retumbou no transmissor. - Entrem em contato com o Proteu no instante em que ele diminuir a velocidade.

- Eles voltaram ao sistema arterial, mas não estão indo diretamente para o cérebro, como sabe - disse Reid. - A injeção original foi na circulação sistemática, numa das principais artérias saindo do ventrículo esquerdo para o cérebro. A artéria pulmonar parte do ventrículo direito... e para os pulmões.

- Significa atraso. Sei disto - respondeu Carter. - Mas ainda dispomos de tempo. - Indicou o medidor de tempo, que assinalava 48.

- Está bem, mas seria conveniente ligarmos o ponto de concentração máxima para o centro respiratório.

Fez a mudança necessária, e o interior do posto de respiração tornou-se visível na tela do monitor.

- Qual o índice respiratório? - perguntou Reid.

- Caiu a seis por minuto, coronel. Não pensei que ele conseguisse recobrar a respiração.

- E nós tampouco. Poupe-a. O senhor vai ter preocupações com a nave. Ela não chegará a tempo ao seu setor.

- Mensagem do Proteu - anunciou outra voz. - TUDO BEM... hum, senhor?

Há mais, quer que eu leia?

Carter franziu a testa.

- Naturalmente, pode ler.

- Sim, senhor. Ela diz: DESEJAVA QUE VOCÊ ESTIVESSE AQUI E EU AÍ.

- Bem - disse Carter - responda a Grant que eu desejaria mil vezes que ele...

não, não lhe diga nada. Esqueça isto.

O fim da pulsação cardíaca reduzira o impulso a uma velocidade controlável, e o Proteu voltara a navegar suavemente, com tanta suavidade que se podia sentir o macio e errático movimento browniano.

Grant deu boas-vindas a esta sensação, pois ela só se fazia presente nos momentos calmos, e eram esses momentos calmos que ele desejava.

Todos tinham desapertado as fivelas, e Grant, à janela, viu que a paisagem era essencialmente a mesma da veia jugular. Os mesmos corpúsculos azul-verde violeta dominavam a cena. As paredes distantes eram mais enrugadas, talvez, com as linhas se estendendo na direção do movimento.

Passaram ao longo de uma abertura.

- Aquela não - disse Michaels no consolo, onde trabalhava afanosamente nos mapas. - Pode acompanhar minhas marcações aí, Owens?

- Sim, Doc.

- Está bem. Conte os desvios enquanto eu os marco e depois vire à direita, aqui. Correto?

Grant observou as subdivisões se aproximarem a intervalos cada vez mais curtos, à direita e à esquerda, em cima e embaixo, enquanto o canal em que navegavam se estreitava continuamente, as paredes mais lisas e mais próximas.

- Eu odiaria a possibilidade de me perder neste emaranhado de estradas - disse Grant pensativamente.

- Você não poderia perder-se - disse Duval. - Nesta parte do corpo, todas as estradas levam aos pulmões.

A voz de Michaels se tornava progressivamente monótona.

- Para cima e à direita agora, Owens. Siga em frente, e depois dobre o quarto à esquerda.

- Nada de outra fístula arteriovenosa, Michaels - disse Grant.

Michaels encolheu os ombros impacientemente, demasiado absorvido para dar resposta.

- Não é provável - disse Duval. - Encontrar duas por acidente é muito azar.

Além disso, estamos nos aproximando dos capilares.

A velocidade do fluxo sanguíneo se reduzira tremendamente, e em consequência a do Proteu.

- O vaso sanguíneo está-se estreitando, Dr. Michaels - disse Owens.

- Era de se esperar. Os capilares são os mais finos de todos os vasos, inteiramente microscópicos. Mantenha o rumo, Owens.

A luz do farol principal podia-se ver que as paredes, à medida que se encolhiam, perdiam os sulcos e rugas e se tornavam lisas. A cor amarelada se esmaecia numa nata e depois ficava absolutamente incolor.

Estavam seguindo um inequívoco desenho de mosaicos, interrompido por polígonos arqueados, cada um com uma área ligeiramente mais turva no centro.

- Como é bonito - disse Cora. - Podem-se ver as células individuais da parede capilar. Olhe, Grant. - Depois, como se recordasse de súbito: - Como está o seu flanco?

- Está bem. Ótimo, na verdade. Você aplicou uma bandagem muito eficiente, Cora. Acho que nossa camaradagem ainda permite que eu a trate pelo seu primeiro nome, não?

- Acho que eu não gostaria de me opor a isto.

- Além do que seria inútil.

- Como está o seu braço?

Grant tocou-o cautelosamente.

- Dói como o diabo.

- Sinto muito.

- Nada de lamentações. Apenas... quando a ocasião chegar... seja muito, muito agradecida. - Os lábios de Cora se apertaram um pouco e Grant acrescentou apressado. - Não ligue, esta é a minha maneira de fingir despreocupação. E você, como se sente?

- Muito bem. Meu lado dói um pouco, mas é coisa passageira. E não estou ofendida. Escute, Grant.

- Quando você fala, eu escuto, Cora.

- As bandagens não constituem o último avanço médico, como sabe, nem são panacéia universal. Você tratou de evitar infecção?

- Pus um pouco de iodo.

- Bom, você consultará um médico quando sairmos?

- Duval?

- Você bem sabe o que eu quero dizer.

- Está bem - disse Grant. - Prometo.

E voltou à contemplação da paisagem das células-mosaico. O Proteu arrastava-se agora, avançando às polegadas pelos capilares. À luz de seus barrotes, formas escuras espalhavam-se sobre as células.

- A parede parece translúcida - disse Grant.

- Não é de surpreender - respondeu Duval. - Aquelas paredes têm menos de dez milésimos da espessura de uma polegada. São também inteiramente porosas.

A vida depende do material que penetra naquelas paredes e igualmente nas paredes finas que alinham os alvéolos.

- Quais?

Por um momento, olhou Duval em vão. O cirurgião parecia mais interessado no que fitava do que na pergunta de Grant. Cora tratou de preencher a lacuna.

- O ar entra nos pulmões através da traquéia. Você sabe, a traqueia-artéria.

Esta se divide, a exemplo dos vasos sanguíneos, em tubos cada vez menores, até que finalmente alcança as câmaras microscópicas profundamente enquistadas no pulmão, onde o ar que entra é isolado do interior do corpo por uma membrana estreita, uma membrana tão estreita como esta dos capilares. As câmaras são os alvéolos. Existem cerca de seiscentos milhões de alvéolos nos pulmões.

- Um mecanismo complicado.

- Um mecanismo magnífico. O oxigênio traspassa a membrana alveolar e a membrana capilar também. Chega ao fluxo sanguíneo, e antes de poder voltar, os corpúsculos vermelhos do sangue já o apanharam. Nesse ínterim, o dióxido de carbono viaja na outra direção, do sangue para os pulmões. O Dr. Duval está observando para ver o que acontece. Por isso não lhe respondeu.

- Não há necessidade de desculpas. Sei o que é estar-se absorvido numa coisa para excluir outra. - Sorriu abertamente. - Receio que as absorções do Dr.

Duval não sejam as minhas.

Cora pareceu constrangida, mas um grito de Owens impediu-lhe a resposta.

- Bem em frente! - avisou. - Vejam o que vem ai.

Todos os olhos se voltaram. Um corpúsculo azul-esverdeado movia-se aos trancos, à frente deles, raspando as bordas vagarosamente contra as paredes dos capilares, de cada lado. Uma onda cor de palha aparecia nas beiras e depois mergulhava, até que toda a cor mais escura desaparecia.

Outros corpúsculos azul-esverdeados que passavam por ele mudavam de cor. As luzes externas da nave colhiam somente a cor de palha que, a distância, se aprofundava num vermelho-alaranjado.

- Conforme você vê - disse Cora, excitada -, quando eles absorvem oxigênio, a hemoglobina se transforma em oxihemoglobina e o sangue se ilumina de vermelho. Será levado agora ao ventrículo esquerdo do coração, e o rico sangue oxigenado será dali bombeado para o corpo inteiro.

- Você quer dizer que teremos de voltar novamente através do coração - disse Grant, preocupado.

- Ah, não. Agora que estamos no sistema capilar, temos condições de ultrapassá-lo. - Mas não demonstrava tanta certeza na voz.

- Olhem aquela maravilha. Olhem aquela graça de Deus - disse Duval.

- Trata-se apenas de uma troca de gás - disse Michaels grosseiramente. - Um processo mecânico executado por forças ocasionais da evolução durante um período de três bilhões de anos.

Duval virou-se furiosamente.

- Está querendo dizer que isto é coisa acidental? Que este mecanismo maravilhoso, levado à perfeição em milhares de detalhes e revestido de uma sábia precisão, é produzido por nada mais que uma mera colisão de átomos?

- Exatamente o que eu queria dizer. - respondeu Michaels.

A essa altura os dois, enfrentando-se numa exasperação beligerante, olharam para cima, rapidamente, ante o som repentino e rouquenho de um vibrador.

- Que diabo... - começou a dizer Owens.

Apertou desesperadamente um botão, mas uma agulha num dos instrumentos caía com rapidez para uma linha vermelha horizontal. Desligou o vibrador e chamou Grant.

- Que é?

- Algo errado. Teste o Manual imediatamente.

Grant seguiu apressado o dedo que apontava, enquanto Cora o atropelava.

- Há uma agulha na zona vermelha de perigo debaixo de uma coisa marcada TANQUE ESQUERDO. Obviamente o tanque esquerdo está perdendo pressão.

Owens grunhiu e olhou para trás.

- E como. Estamos formando bolhas de ar no sistema sanguíneo. Grant, suba aqui rapidamente.

Ele desapertou a fivela. Grant arrastou-se até a escada, e cedeu passagem a Owens, que desceu meio espremido. Cora tentou divisar as bolhas através da pequena janela dos fundos.

- Bolhas de ar na corrente sanguínea podem ser fatais - disse ela.

- Não desta espécie - Duval se apressou a esclarecer. - Em nossa escala de miniaturização, produzimos bolhas muito pequenas para provocar dano.

- Mas não se esqueça do perigo que isso constitui para Benes - disse Michaels. - Nós precisamos de ar.

Owens chamou Grant, que estava sentado nos controles.

- Deixem as coisas como estão, mas observe qualquer sinal vermelho a bordo.

A Michaels, ele disse, ao passar:

- Deve ser alguma válvula queimada. Não consigo pensar em mais nada.

Voltou á nacela e abriu um painel com um rápido puxão numa extremidade, usando um pequeno instrumento que retirara do bolso do uniforme. O labirinto de fios e interruptores surgiu numa complexidade assustadora.

Os dedos hábeis de Owens tatearam-nos rapidamente, testando e eliminando com uma facilidade e uma rapidez somente possíveis para quem projetara a nave. Pegou uma chave, abriu-a rapidamente e deixou-a fechar-se, depois se inclinou para examinar os controles auxiliares embaixo das janelas, na proa.

- Deve ter havido algum dano do lado de fora, quando batemos na artéria pulmonar, ou quando o sangue arterial nos envolveu.

- A válvula é aproveitável?

- Sim. Estava um pouco fora de alinhamento. Alguma coisa deslocou-a, talvez um dos impulsos do movimento browniano. Recoloquei-a no lugar e ela já não dará dor de cabeça, mas...

- Mas o quê? - perguntou Grant.

- Receio que ela tenha sido dilacerada. Não dispomos de ar suficiente para completar a jornada. Se este fosse um submarino ortodoxo, bastaria subirmos à superfície para renovar o suprimento de ar.

- Mas então, que faremos agora? - perguntou Cora.

- Superfície. É tudo o que nos resta fazer. Pediremos para nos tirarem agora mesmo, ou a nave ficará incontrolável dentro de dez minutos e morreremos sufocados em mais cinco.

Caminhou para a escada. - Dê-me o comando, Grant. Vá para o transmissor e informe-os das novidades.

- Espere. Temos alguma reserva de ar?

- Já acabou. Inteiramente. Desapareceu. De fato, quando aquele ar se desminiaturizar, terá um volume muito maior que o de Benes. E o matará.

- Não, não pode ser - disse Michaels. - As moléculas miniaturizadas do ar que perdemos passarão através dos tecidos e sairão. Muito pouco dele restará no corpo, no momento da desminiaturização. Mesmo assim, receio que Owens esteja certo. Não podemos prosseguir.

- Mas esperem - disse Grant. - Por que não podemos subir à superfície?

- Eu já disse... - começou Owens, impaciente.

- Não me refiro a sair daqui. Refiro-me à verdadeira superfície. Ali. Bem ali.

Temos diante de nossos olhos corpúsculos do sangue absorvendo oxigênio. Não podemos fazer o mesmo? Restam somente duas finas membranas entre nós e um oceano de ar. Vamos buscá-lo.

- Grant tem razão - disse Cora.

- Não, não tem - disse Owens. - Que pensa que somos nós? Estamos miniaturizados, com pulmões do tamanho de um fragmento de bactéria. O ar do outro lado dessas membranas é ar não-miniaturizado. Cada molécula de oxigênio naquele ar é tão grande que quase se pode vê-la, a maldita. Acha que podemos introduzi-las em nossos pulmões?

Grant parecia embaraçado.

- Mas...

- Não podemos esperar, Grant. Você tem de entrar em contato com a sala de controle.

- Ainda não. Você não disse que este navio foi concebido originalmente para pesquisas no fundo do mar? A que estaria ele destinado embaixo da água?

- Pretendíamos miniaturizar espécimes submarinos para transportá-los à superfície e investigá-los com calma.

- Bem, então você deve ter equipamento de miniaturização a bordo. Você não o retirou à noite passada, não foi?

- Naturalmente nós os temos. Mas somente numa pequena escala.

- Para que precisaríamos de uma escala maior? Se introduzirmos ar no miniaturizador, poderemos reduzir o tamanho das moléculas e encher nossos tanques de ar.

- Não dispomos de tempo para isto - interrompeu Michaels.

- Se o tempo se esgotar, pediremos então que nos retirem. Até lá, tentaríamos. Você tem periscópio a bordo, Owens?

- Sim - Owens parecia completamente confuso ante as frases rápidas e nervosas de Grant.

- Poderíamos introduzir um tubo desses nos capilares e nas paredes dos pulmões sem prejudicar Benes?

- Em nossa escala, eu diria que sim - disse Duval.

- Então não haverá problema. Estenderemos o periscópio do pulmão para o miniaturizador da nave, e ligaremos um tubo do miniaturizador para a câmara de reserva de ar. Pode improvisar isto?

Owens meditou por um momento, pareceu animar-se e disse:

- Sim, creio que sim.

- Quando Benes inalar, haverá pressão suficiente para encher os tanques.

Lembrem-se de que a distorção do tempo fará com que os minutos gastos nesta operação pareçam mais longos do que na escala não-miniaturizada. De qualquer forma, temos de tentar.

- Concordo - disse Duval. Devemos tentar. Por todos os meios. Agora!

- Obrigado pelo apoio, doutor - disse Grant.

Duval balançou a cabeça, depois disse:

- Outra coisa: se isto vai ser tentado, não vamos confiar a tarefa a um homem só. Seria melhor Owens permanecer nos comandos. Eu e Grant sairemos.

- Ah - disse Michaels. - Eu estava pensando só onde você queria chegar.

Agora vejo. Quer uma oportunidade de exploração no aberto.

Duval enrubesceu, mas Grant deu-se pressa em apartear:

- Não importa o motivo, a sugestão é boa. Na verdade, seria melhor sairmos todos. Exceto Owens, naturalmente. O periscópio está na popa, parece-me.

- No compartimento para depósito - disse Owens. Ele voltara aos controles e fitava a paisagem em frente. - Se você já viu um periscópio, não tem por que se enganar.

Grant entrou apressado no compartimento, viu o tubo imediatamente e procurou o equipamento de mergulho submarino. Então parou, horrorizado, e gritou:

- Cora!

Ela surgiu num instante.

- Que aconteceu?

Grant tentou não explodir. Era a primeira vez que ele olhava a moça sem um apreciativo comentário interior sobre sua beleza. Por um momento, sentiu-se apenas agoniado. Apontou e disse:

- Olhe para aquilo.

Ela olhou e voltou para ele um rosto branco.

- Não compreendo.

O laser sobre a mesa de trabalho oscilava, frouxo, num gancho, sem a cobertura plástica.

- Vocês não se preocuparam em protegê-lo?

- Eu o fiz! - disse Cora, com um violento aceno de cabeça. - Eu o amarrei!

Juro. Meu Deus...

- Então como poderia ele...

- Não sei. Como me seria possível responder a isto?

Duval estava atrás dela, de olhos apertados e rosto severo.

- Que aconteceu ao laser, Miss Peterson?

Cora voltou-se para enfrentar seu novo interrogador.

- Não sei. Por que vocês todos se viram contra mim? Vou examiná-lo agora mesmo. Vou testá-lo.

- Não! - trovejou Grant. - Guarde-o e tomar providências para que ele não fique mais batendo por aí. Temos de obter oxigênio antes de fazer outra coisa.

Começou a distribuir os uniformes de mergulhador.

Owens descera da nacela. Disse:

- Os controles da nave estão fechados. Não queremos ser arrastados daqui para algum vaso capilar... meu Deus, o laser!

- Não comece você também - gritou Cora, os olhos agora nadando em lágrimas.

- Agora, Cora, não se torture em demasia - disse Michaels rudemente. - Depois cuidaremos disso. - O laser deve ter-se afrouxado no remoinho. Um acidente, é claro.

- Capitão Owens - disse Grant -, ligue esta extremidade do periscópio ao miniaturizador. Os demais queiram vestir os uniformes. Espero que alguém me mostre logo como entrar no meu. Nunca vesti isto antes.

- Não há engano? Eles de fato não se movem? - perguntou Reid.

- Não, senhor - veio a voz do técnico. - Estão nos limites exteriores do pulmão direito e pararam ali.

Reid virou-se para Carter.

- Não posso explicar isto.

Carter parou um instante as idas e voltas enfurecidas e atirou um olhar ao cronômetro, que marcava 42. - Já gastamos um quarto do tempo disponível e estamos mais longe daquele danado coágulo do que quando começamos. Já deveríamos ter chegado lá.

- Aparentemente - disse Reid com frieza - estamos trabalhando sob o signo do azar.

- Não me sinto inclinado a fantasias, coronel.

- Nem eu. Mas que posso fazer mais a fim de satisfazê-lo?

- Pelo menos descubra o que os prende ali. - Fechou o circuito apropriado e disse: - Entrem em contato com o Proteu.

- Suponho que se trata de alguma dificuldade mecânica - disse Reid.

- Você supõe! - exclamou Carter com sarcasmo. - Pois eu não suponho que eles tenham parado para um tranquilo exercício natatório.

12 - Pulmão

Os quatro - Michaels, Duval, Cora e Grant - vestiam agora os trajes de natação, bem ajustados, confortáveis e de um branco antisséptico. Cada um tinha cilindros de oxigênio amarrados às costas, uma lâmpada na testa, nadadeiras nos pés e um transmissor e receptor de rádio respectivamente na boca e no ouvido.

- É uma espécie de salto ornamental - disse Michaels, ajustando o capacete - e nunca pratiquei este esporte. Fazer a primeira tentativa no sistema circulatório de alguém.

O rádio da nave começou a bater.

- Não é melhor responder? - perguntou Michaels.

- E travar uma longa conversa? - disse Grant com impaciência. - Haverá tempo para conversas quando terminarmos. Aqui, ajude-me aqui.

Cora colocou o elmo de plástico na cabeça de Grant e prendeu-o no lugar adequado. A voz de Grant, desfigurada imediatamente na versão distorcida do pequeno rádio, soou no ouvido dela:

- Obrigado, Cora.

Ela fez-lhe um triste aceno de cabeça.

Um a um desceram pela escotilha. O ar precioso tinha de ser consumido, forçando-se o plasma sanguíneo para fora da comporta, de cada vez.

Grant encontrou-se chapinhando num fluido que não era tão claro quanto a água que se encontraria numa praia meio poluída. Estava cheio de entulho flutuante, partículas e pedaços de matéria. O Proteu tomava metade do diâmetro do vaso capilar, e corpúsculos vermelhos roçavam-no ao passar. Periodicamente, plaquetas menores deslizavam, ocasião em que sobrava mais espaço.

- Se as plaquetas se romperem contra o Proteu, podemos formar um coágulo - disse Grant inquieto.

- É possível - disse Duval -, mas não seria perigoso aqui num vaso capilar.

Podiam ver Owens dentro da nave. Ele levantou a cabeça e revelou uma face ansiosa. Fez um aceno e moveu a mão sem entusiasmo, tentando esquivar-se e virar o corpo a fim de continuar visível entre os corpúsculos infindáveis que passavam. Pôs o capacete de seu traje natatório e falou no transmissor.

- Acho que está tudo certo. De qualquer forma, fiz o melhor que podia. Estão prontos? Posso libertar o periscópio?

- Vá em frente - disse Grant.

O tubo saiu da escotilha como uma cobra de uma cesta de faquir ao som de flautas. Grant apanhou-o.

- Oh, inferno - disse Michaels, numa espécie de suspiro. Então, mais alto, e num tom que parecia saturado de aflição, disse: - Pensem como o furo deste periscópio é estreito. Parece tão grosso quanto o braço de um homem, mas que é um braço de homem em nossa escala?

- E dai? - disse Grant, secamente. Conseguira segurar firmemente o periscópio e se pusera em movimento, com ele, na direção da parede capilar, a despeito da dor no bíceps esquerdo. - Segurem firme, vocês aí, e me ajudem a puxá-lo.

- Não há salvação mesmo - disse Michaels. - Não compreende? Devia ter pensado nisso antes: o ar não entrará através desta coisa.

- O quê?

- Pelo menos, não com rapidez suficiente. As moléculas de ar não-miniaturizadas são muito grandes comparadas à abertura deste periscópio. Você espera que o ar penetre através de um tubo finíssimo que mal se pode ver num microscópio?

- O ar estará sob pressão pulmonar.

- Que importa? Já ouviu por acaso um vagaroso escape de ar num pneu de automóvel? O buraco através do qual o ar escapa num pneu não é provavelmente menor do que este e está sob pressão consideravelmente maior do que o pulmão pode provocar. Mesmo assim, é um escapamento vagaroso. Diabo! - Michaels fez uma careta lúgubre - eu devia ter pensado nisto antes.

Grant trovejou:

- Owens!

- Estou ouvindo. Não arrebente um tímpano ainda vivo.

- Não se incomode comigo. Você ouviu Michaels?

- Sim, ouvi.

- Ele tem razão? Você é a coisa mais próxima de um técnico em miniaturização que possuímos. Ele está certo?

- Bem, sim e não.

- E que diabo significa isto?

- Significa, sim, que o ar entrará através do periscópio muito vagarosamente, a menos que ele seja miniaturizado, e significa, não, que não haveria problemas se eu conseguisse miniaturizá-lo. Posso estender o campo de ação através do periscópio e miniaturizar o ar do outro lado, depois sugá-lo pelo periscópio.

- Essa extensão não nos afetaria? - interpôs Michaels.

- Não, tenho tudo pronto para um máximo de miniaturização, e já estamos lá.

- E que me diz do sangue e do tecido pulmonar circundantes? - perguntou Duval.

- Há um limite seletivo - admitiu Owens. - Este é um pequeno miniaturizador, mas posso confiná-lo ao gás, isto é, à substância de baixa densidade. É possível a ocorrência de alguns estragos. Espero que eles não sejam sérios.

- Então teremos mesmo de arriscar - disse Grant. - Vamos com isto. Não podemos perder tempo.

Com quatro pares de braços rodeando o periscópio e quatro pares de pernas empurrando-o, ele atingiu a parede capilar. Por um instante, Grant hesitou:

- Teremos de atravessar a parede. Duval!

Os lábios de Duval curvaram-se num curto sorriso.

- Não há necessidade de se recorrer ao cirurgião. Num nível microscópico, como este, você faria bem o serviço. Não requer perícia.

Duval tirou uma faca de uma pequena bainha no peito e olhou-a. Certamente ela tem bactérias miniaturizadas. Eventualmente elas serão desminiaturizadas no fluxo sanguíneo, mas as células brancas se encarregarão de eliminá-las. De qualquer forma, não é nada de patogênico, espero.

- Por favor, mãos à obra, doutor - disse Grant, nervoso.

Duval deu um golpe firme entre duas das células que compunham a parede capilar. Surgiu uma fenda. A espessura da parede devia ser de um décimo-milésimo de polegada no mundo em geral, mas na presente escala miniaturizada a espessura somava várias jardas. Duval penetrou na fenda e forçou passagem, rompendo fios de cimento intercelular e cortando mais. A parede foi perfurada, por fim, e as células apartaram-se como os lábios de uma ferida recém-aberta.

Através da ferida eles viram outro conjunto de células, que Duval golpeou com habilidade e precisão. Ele voltou e disse:

- Trata-se de uma abertura microscópica. Não se poderia falar em perda de sangue.

- Em perda de espécie alguma - disse Michaels enfaticamente. - O derrame vem de outra forma.

Na verdade, uma bolha de ar parecia inchar na abertura. Cresceu mais um pouco e depois parou.

Michaels pôs a mão na bolha. Uma porção de sua superfície cedeu, mas a mão não foi além.

- Tensão superficial! - disse ele.

- De que se trata agora? - perguntou Grant.

- Tensão superfcial, garanto-lhe. Na superfície de qualquer líquido existe uma espécie de efeito pelicular. Num ser do tamanho de um homem, de um homem não-miniaturizado, o efeito é muito pequeno para se notar, mas os insetos podem andar sobre superfícies líquidas devido a isto. Em nosso estado miniaturizado, o efeito é um pouco mais forte. Não seremos capazes de cruzar a barreira.

Michaels retirou a faca e mergulhou-a na superfície de contato fluido-gasosa, da maneira como Duval, um momento antes, operara nas células. A faca forçou a superfície num ponto, depois penetrou.

- É como cortar borracha fina - disse Michaels, arquejando um pouco.

Golpeou para baixo, e uma abertura apareceu brevemente, fechando-se quase imediatamente, curando-se a si própria.

Grant tentou a mesma coisa, forçando a mão através da abertura antes que ela se fechasse. Estremeceu um pouco enquanto as moléculas de água se fechavam.

- É dificil abri-las.

Duval disse tristemente:

- Se você calculasse o volume dessas moléculas de água em nossa escala, ficaria atônito. Podia-se decifrá-las com uma lente de mão. De fato.

- De fato - disse Michaels - você lamenta não ter trazido uma lente de mão.

Mas eu lhe diria, Duval, que você não ia ver muita coisa. Você ampliaria as propriedades das ondas, bem como as propriedades das partículas de átomos e partículas subatômicas. Mas tudo que você visse, inclusive mediante o reflexo da luz miniaturizada, seria demasiado nebuloso para lhe trazer resultado.

- É por isso que nada parece realmente nítido? Pensei que fosse porque vemos as coisas através do plasma sanguíneo - disse Cora.

- O plasma é um fator, certamente. Mas, além dele, a textura geral do universo se torna maior à medida que nós nos comprimimos. É como olhar-se de perto uma antiquada fotografia de jornal. Veem-se os pontos mais claramente, e ela se torna nebulosa.

Grant estava prestando pouca atenção à conversa. Seu braço penetrara na superfície e com ele tentava abrir espaço para introduzir o outro braço e a cabeça.

Por um momento o fluido fechou-se sobre o pescoço, e ele se sentiu sufocado.

- Segure minhas pernas - pediu.

- Estão seguras - disse Duval.

Metade do corpo de Grant penetrara agora, e ele pôde olhar através da fresta que Duval fizera nas paredes.

- Muito bem. Puxem-me agora. - Desceu e a superfície se fechou atrás com um estalo. - Agora - disse ele - vejamos o que se pode fazer com o periscópio.

Vamos lá.

Era inteiramente inútil. A ponta mais grossa do periscópio não chegou a fazer um orifício na pele firme e unida das moléculas de água da bolha de ar. As facas cortavam a pele em tiras, e partes do periscópio penetravam, mas no instante em que a superfície era libertada, a tensão pelicular se impunha e o periscópio retrocedia. Michaels arquejava de esforço.

- Não creio que conseguiremos realizar a tarefa.

- Temos de conseguir - disse Grant. - Olhe, vou entrar. Quando vocês empurrarem o periscópio, eu o agarrarei pela extremidade e puxarei.

- Você não pode entrar ali, Grant - disse Duval. - Será sugado e se perderá.

- Podemos utilizar uma corda - disse Michaels. – Olhe Grant! - apontou o rolo de corda no quadril esquerdo de Grant. - Duval, leve esta ponta para a nave e amarre-a. Em seguida introduziremos Grant.

Duval pegou a ponta que lhe estendiam, ainda hesitante, e nadou de volta ao navio.

- Mas como você retornará? - perguntou Cora. - Suponhamos que não consiga vencer de novo a tensão pelicular.

- Vencerei, sim. Além disso, não piore a situação levantando o problema número dois enquanto o problema número um ainda não foi resolvido.

Owens, dentro da nave, observou nervosamente Duval se aproximar nadando.

- Precisam de mais duas mãos ali? - perguntou.

- Creio que não. Você é indispensável aqui, no miniaturizador. - Amarrou a corda numa pequena argola no costado metálico da nave e acenou o braço. - O.K.

Grant.

Grant correspondeu ao aceno. Sua segunda penetração na superfície de contato foi mais rápida, pois agora ele dispunha de jeito. Primeiro uma fenda, depois um braço (ai, o bíceps contundido), depois o outro, em seguida, um impulso vigoroso contra a superfície, com os braços, e um impulso com os pés providos de nadadeiras - e ele saiu do outro lado como uma semente de melão de entre o polegar e o indicador.

Encontrou-se entre as duas paredes viscosas do corte intercelular. Olhou o rosto de Michaels, claramente visível, mas um tanto distorcido através da superfície de contato.

- Introduza o periscópio, Michaels.

Através da superfície, conseguiu avançar lentamente as pernas, numa das mãos a faca. Foi então que a extremidade grossa de metal do periscópio apareceu parcialmente. Grant ajoelhou-se e agarrou-a. Apoiando as costas num dos lados da fenda e os pés contra o outro, puxou. A superfície de contato levantou-se também, aderindo a tudo em volta. Grant abriu caminho para a frente, ofegante:

- Empurrem! Empurrem!

O periscópio passou, a princípio, sem impedimentos. Dentro do tubo, o fluido apegava-se, imóvel.

- Vou levantá-lo agora e introduzi-lo no alvéolo - disse Grant.

- Quando chegar ao alvéolo, tenha cuidado - advertiu Michaels. - Não sei até que ponto será afetado pela inalação e expiração, mas talvez enfrente um furacão.

Grant subia, puxando o periscópio, que utilizava como alavanca, e impulsionando os pés no tecido macio e dócil. Sua cabeça ultrapassou a parede alveolar - e, de repente, ele entrou num outro mundo. A luz do Proteu penetrava através do que lhe parecia uma vasta espessura de tecido, e na sua silenciosa intensidade, o alvéolo era uma caverna tremenda, com paredes que brilhavam úmidas e frias.

Ao redor, penhascos e pedras arredondadas, de todos os tamanhos e cores, cintilavam, iridescentes, enquanto o insuficiente reflexo da luz miniaturizada

lhes emprestava um esplendor falsamente belo. Ele viu, então, que as beiras das pedras permaneciam enevoadas, mesmo sem a presença de fluido vagarosamente turbilhonante.

- Este lugar está cheio de penhascos - disse Grant.

- Poeira e partículas, posso imaginar - chegou a voz de Michaels. - Poeira e partículas. O legado de vivermos na civilização, de respirarmos ar impuro. Os pulmões constituem via de uma só mão: inalamos poeira, mas não conseguimos expeli-la novamente.

- Será que você consegue sustentar o periscópio acima da cabeça? - interrompeu Owens. - Não quero que o fluido o obstrua... agora!

Grant ergueu-o. - Avise-me quando já tiver bastante, Owens.

- Avisarei.

- A coisa está funcionando?

- Certamente. Ajustei o campo estroboscopicamente, de modo que o ar entra em rápidos jorros conforme o... bem, não importa. O importante é que o campo não esteja a uma distância capaz de afetar líquidos ou sólidos, mas possa miniaturizar gases em alto nível. Consegui estender o campo miniaturizador além de Benes, na atmosfera da sala de operação.

- Isto é seguro? - perguntou Grant.

- É a única maneira de conseguirmos bastante ar. Precisamos de ar mil vezes superior ao contido nos pulmões de Benes, e miniaturizá-lo. Se é seguro?

Bom Deus, estou sugando-o através dos tecidos de Benes, sem lhe afetar, inclusive, a respiração. Oh, se pelo menos eu tivesse um periscópio mais largo... - A voz de Owens soou excitada e alegre como a de um jovem no seu primeiro encontro amoroso.

A voz de Michaels chegou ao ouvido de Grant:

- Você está sendo afetado pela respiração de Benes?

Grant olhou rapidamente para a membrana alveolar. Ela parecia estirar-se e esticar-se sob seus pés, por isso ele supôs estar testemunhando o fim vagaroso de uma inspiração. (Vagarosa, em todo o caso; mais vagarosa por causa da

hipotermia; mais vagarosa ainda devido à distorção temporal provocada pela miniaturização.)

- Vai tudo bem - respondeu. - Nenhum efeito ate agora.

Mas então um vagaroso ruído estridente fez-se sentir no ouvido de Grant.

Cresceu gradativamente, e Grant verificou que a exalação de ar começava.

Concentrou-se, agarrando-se com mais firmeza ao periscópio.

Owens disse, cheio de júbilo:

- Está funcionando lindamente. Jamais se tentou algo parecido.

O movimento de ar começava a ser percebido por Grant, enquanto os pulmões prosseguiam na sua contração vagarosa, e o ruído da exalação se tornava mais audível. Grant sentiu as pernas subirem do chão alveolar. Numa escala ordinária - ele não ignorava - a corrente de ar nos alvéolos era indetectavelmente suave, mas na escala miniaturizada transformava-se em autêntico tornado.

Grant segurou-se desesperado ao periscópio, trançando nele braços e pernas. O periscópio foi impelido para cima, e com ele, Grant. As pedras - na realidade partículas de poeira - se afrouxaram e rolaram um pouco.

O vento parou vagarosamente, então, quando a exalação atingiu o ponto máximo, Grant soltou o periscópio com alívio.

- Como andam as coisas, Owens? - perguntou.

- Quase tudo pronto. Aguente-se mais uns segundos, está bem?

- Okay.

Contou para si mesmo: vinte... trinta. . . quarenta. A inalação estava começando e as moléculas de ar colidiam contra ele. A parede alveolar distendia-se novamente, e ele cambaleou.

- Pronto! - gritou Owens. - Pode voltar.

- Puxem o periscópio - ordenou Grant. - Rápido, antes que Benes inicie outra expiração.

Começou a descer - e eles puxaram. A dificuldade apareceu somente quando a boca do periscópio se aproximou da superfície de contato. Prendeu-se ali, por um momento, como se estivesse num atoleiro, e depois passou com um pequeno ribombo da película superficial adjacente.

Mas Grant esperara demais. Com o periscópio já recolhido, ele fez um movimento como para mergulhar na fenda, até o fundo da superfície de contato, mas o início da exalação cercou-o de vento e fê-lo tropeçar. Por um momento...

ele se viu entalado entre as partículas de poeira, e na tentativa de se libertar esfolou levemente uma canela. (Ferir uma canela contra uma partícula de poeira, eis algo digno de contar aos netos.)

Onde estava ele? Sacudiu a corda, libertando-a de um obstáculo qualquer nas pedras, e puxou-a com firmeza. Seria mais fácil segui-la de retorno à fenda.

A corda coleou no alto da pedra e Grant, apoiando os pés na saliência, subiu rapidamente. A exalação forte ajudou-o, e ele chegou ao alto da pedra quase sem nenhuma sensação do esforço dispendido. Ali em cima, muito menos. A fenda, sabia, estava bem do outro lado da pedra, e ele a teria alcançado sem problemas se a expiração não tivesse tornado o trajeto mais simples e (por que não admitir?)

mais excitante.

A pedra resvalou sob seus pés, quando o vento da exalação atingiu o auge, e Grant libertou-se. Por um instante ele se sentiu solto no ar, a fenda adiante, onde ele esperava encontrá-la. Bastava-lhe somente esperar que a exalação cessasse, durante um segundo ou dois, para mergulhar rapidamente na fenda, na corrente sanguínea - e chegar à nave.

Mas enquanto pensava nisso, sentiu-se sugado violentamente para cima, a corda saltou inteiramente livre da fenda que, num piscar de olhos, perdeu-se de vista.

O periscópio fora recolhido da fenda alveolar e Duval puxava-o para a nave.

- Onde está Grant? - perguntou Cora ansiosamente.

- Lá em cima - disse Michaels, espreitando.

- Por que não desce logo?

- Ele vai descer. Está olhando a paisagem, imagino. - Espreitou uma vez mais. - Benes está exalando. Assim que terminar a exalação, Grant não terá problemas.

- Não seria bom segurar a corda e puxá-lo?

Michaels ergueu um braço e antecipou-se a Cora.

- Se fizer isto, puxando a corda quando uma inalação começar, você poderá feri-lo. Ele nos dirá o que fazer em caso de necessidade.

Inquieta, Cora esperou, e depois se precipitou em direção à corda.

- Agora - disse. - Quero...

Nesse instante, a corda torceu-se e escapou para cima, cintilando ao desaparecer através da abertura.

Cora gritou, atirando-se em desespero contra a abertura. Michaels foi-lhe no encalço.

- Você nada pode fazer - arquejou. - Não seja tola.

- Mas não podemos deixá-lo ali. Que lhe acontecerá?

- Ele pedirá auxílio pelo rádio.

- O rádio talvez se tenha partido.

- E por que iria partir-se?

Duval juntou-se a eles, dizendo, um tanto chocado:

- Pelo que observei, a corda escapou. Mal posso acreditar.

Todos os três olharam desesperançados para cima.

Michaels chamou:

- Grant! Grant! Está me ouvindo?

Grant subiu às cambalhotas, a corda inútil ainda atada ao cinto e saltando em redor dele. Seus pensamentos eram tão agitados quanto a linha de voo. Não posso voltar, era o pensamento dominante. Não posso voltar. Mesmo mantendo contato pelo rádio, não poderei reunir-me à equipe.

Ou poderia?

- Michaels, Duval! - chamou.

Nada houve a princípio, depois um ruído fraco e rápido nos ouvidos, e um som grasnante, distorcido, que podia ser um "Grant!".

Ele tentou novamente.

- Michaels! Está-me ouvindo? Está-me ouvindo?

Novamente o som grasnante. Não entendeu nada.

Em algum lugar, dentro de sua mente tensa, surgiu um pensamento calmo, como se o intelecto de Grant tivesse encontrado tempo para uma anotação serena. Se as ondas luminosas miniaturizadas eram mais penetrantes do que as ondas comuns, então as ondas de rádio miniaturizadas pareciam menos penetrantes.

Pelo visto, pouco se sabia acerca do estado de miniaturização. Era uma infelicidade do Proteu e de seus tripulantes serem pioneiros num reino literalmente desconhecido; sem dúvida esta era a viagem mais fantástica do mundo.

E dentro desta viagem, Grant achava-se agora numa fantástica subviagem por sua própria conta e risco, arremessado através do que parecia milhas de espaço no interior de uma microscópica câmara de ar no pulmão de um homem agonizante.

Movia-se lentamente. Alcançou o topo do alvéolo e entrou na haste tubular que sustentava a câmara. A luz remota do Proteu era obscura. Poderia, então, acompanhar a luz? Tentaria movimentar-se numa direção que lhe parecia mais certa?

Tocou a parede da haste tubular e agarrou-se nela, como uma mosca no papel pega-moscas. E adejou, a princípio, tão desamparado quanto uma mosca.

As pernas e um braço estavam grudados à parede. Ele parou e forçou-se a pensar. A exalação se completara e a inalação ia começar. A corrente de ar o forçaria para baixo. Pois vamos esperá-la!

Sentiu o vento começar a soprar e o ruído rápido nos ouvidos.

Vagarosamente, libertou o braço e inclinou o corpo na direção do vento, O vento impeliu-o para baixo e as pernas soltaram-se também.

Agora ele estava caindo, precipitando-se de uma altura que, em sua escala miniaturizada, era montanhosa. Do ponto de vista não-miniaturizado, ele não ignorava que devia estar descaindo como uma pluma, mas na realidade sentia estar-se precipitando verticalmente. Tratava-se, no entanto, de uma queda suave, não acelerada, pois as grandes moléculas de ar (quase tão grandes que podiam ser vistas, dissera Michaels) tinham de ser arredadas enquanto ele caia, e isto desviava a energia que de outra forma provocaria aceleração.

Uma bactéria, não maior do que ele, podia cair de tal altura em segurança, mas ele, um ser humano miniaturizado, era feito de cinquenta trilhões de células miniaturizadas, e esta complexidade tornava-o excessivamente frágil, a ponto, talvez, de ser quebrado em partículas de poeira miniaturizada.

Automaticamente, enquanto pensava nessas coisas, ergueu as mãos num gesto instintivo de defesa, quando a parede alveolar se aproximou rodopiante.

Sentiu o contato resvalante, a parede estava encharcada e ele chocou-se violentamente, depois de ficar grudado por um momento. A velocidade da queda fora atenuada.

Embaixo novamente. Em algum lugar, embaixo, uma pinta de luz, um ponto infinitesimal piscou, atraindo-lhe a atenção. Manteve os olhos fixos nele, com uma esperança selvagem.

Ainda embaixo. Firmou os pés com força a fim de evitar um aforamento de pedras-pó. Contornou-as e encontrou uma área esponjosa. Caiu de novo. Agitou-se selvagemente, numa tentativa de avançar até o pontinho de luz que percebera ao cair e que lhe dava esperanças de êxito. Não tinha certeza de nada.

Desceu, rolando, a lombada inferior da superfície alveolar. Amarrou a corda ao redor de um conjunto de rochedos e segurou-se nela.

O ponto minúsculo de luz transformara-se num pequeno clarão, a uns cinquenta pés de distância, segundo pensou. Ali devia estar a abertura, e, embora próxima, provavelmente ele não a teria encontrado sem a orientação da luz.

Esperou que a inalação cessasse. No curto intervalo de tempo antes da exalação, tinha de chegar lá.

Antes que a inalação parasse por completo, ele já deslizava e cambaleava no espaço que o separava da fenda. A membrana alveolar distendeu-se no instante final da inalação, e então, mantendo-se em suspenso, nesse ponto, durante alguns segundos, começou a perder a tensão quando os primeiros instantes da exalação se iniciaram.

Grant mergulhou na fenda, que cintilava de luz. Meteu-se na superfície de contato, que ricocheteou como borracha. Uma faca abriu um talho, uma mão apareceu e agarrou-lhe o tornozelo, num aperto firme. Foi puxado para baixo no instante em que o vento em cima começava a soar-lhe nos ouvidos.

Estava embaixo, outras mãos lhe agarravam as pernas. Estava de volta aos capilares. Grant respirou em arquejos longos e trêmulos. Finalmente, disse:

- Obrigado! Segui a luz! Foi o único recurso.

- Não conseguimos ouvi-lo pelo rádio - disse Michaels.

Cora sorria-lhe.

- Foi idéia do Dr. Duval. Fez o Proteu mover-se até a abertura e incidiu o holofote diretamente nela. Além disso, ampliou a abertura a golpes de faca.

- Vamos voltar à nave - disse Michaels. - Já gastamos quase todo o tempo que nos era permitido.

13 - Pleura

- Está chegando uma mensagem, Al - gritou Reid.

- Do Proteu? - Carter correu à janela.

- Bem, não de sua esposa.

Carter acenou a mão com impaciência.

- Depois. Depois. Guardem suas gracinhas e nós as ouviremos depois, uma a uma. Okay?

A notícia chegou logo.

- Senhor, o Proteu diz: PERIGOSA PERDA DE AR. REABASTECIMENTO EFETUADO PLENO SUCESSO.

- Reabastecimento? - gritou Carter.

Reid disse, intrigado:

- Acho que eles se referem aos pulmões. Estão nos pulmões, e isso significa milhas cúbicas de ar, em sua escala. Mas...

- Mas o quê?

- Eles não podem utilizar aquele ar. Não está miniaturizado.

Carter olhou exasperado para o coronel. Depois ladrou no transmissor:

- Repita a última frase da mensagem.

- REABASTECIMENTO EFETUADO PLENO SUCESSO.

A última palavra é mesmo "sucesso"?

- Sim, senhor.

- Fale com eles e confirme.

A Reid, falou:

- Se eles dizem "sucesso", suponho que o Conseguiram.

- O Proteu tem um miniaturizador a bordo.

- Então foi assim que eles fizeram. Teremos uma explicação mais tarde.

A voz saiu das comunicações.

- Mensagem confirmada, senhor.

- Eles estão avançando? - perguntou Carter, fazendo outro contato.

Uma curta pausa, e depois:

- Sim, senhor. Estão avançando ao longo do revestimento pleural.

Reid sacudiu a cabeça. Olhou o cronômetro, que marcava 37, e disse:

- A pleura é uma membrana dupla ao redor dos pulmões. Eles devem estar avançando no espaço entre elas, uma estrada ampla, uma estrada preferencial, direta ao pescoço.

- E eles estarão onde estavam há meia hora - observou Carter. - E depois?

- Eles podem voltar a um vaso capilar e abrir caminho novamente para a artéria carótida, a fim de encurtar tempo ou podem ignorar o sistema arterial, entrando no sistema linfático, o que envolve outros problemas. Michaels é o piloto.

Acho que ele saberá o que fazer.

- Você pode adverti-los? Pelo amor de Deus, nada de protocolos.

Reid sacudiu a cabeça.

- Não sei qual o trajeto mais aconselhável, e ele está no cenário. Portanto, é melhor juiz quanto às condições que o navio enfrentar outro talude arterial.

Teremos de entregar-lhes a decisão, general.

- Gostaria de saber o que fazer - disse Carter. - Céus, eu assumiria a responsabilidade se soubesse o que fazer com razoável possibilidade de êxito.

- É exatamente o que sinto - disse Reid. - Por isso, declino de assumir responsabilidades.

Michaels examinava os mapas.

- Está bem, Owens, esta direção não me agrada, mas paciência. Estamos aqui e fizemos uma abertura. Vamos penetrar na fenda.

- Para os pulmões? - disse Owens, espantado.

- Não, não. - Michaels levantou-se do assento, impaciente, e subiu a escada, fazendo a cabeça sobressair na nacela. - Entraremos no revestimento pleural.

Nivele a nave que eu o orientarei.

Cora ajoelhou-se ao lado da cadeira de Grant.

- Como conseguiu escapar?

- Foi uma trabalheira - disse Grant. - Depois, com uma nota de impaciência na voz: - Eu ainda penso: por que diabo estou aqui?

- Sem dúvida você não ignora... - disse Cora.

- Não, ignoro. Vocês todos são movidos por motivações específicas, não por palavras vagas. Owens está testando a nave, Michaels está pilotando uma viagem através do corpo humano, Duval está admirando a obra de Deus e você.

- Sim...

- Você está admirando Duval - disse Grant com suavidade.

Cora enrubesceu.

- Ele é digno de admiração, sem dúvida. Você sabe, depois que ele sugeriu que o holofote da nave iluminasse a passagem, a fim de lhe servir de guia, não fez comentários. Não lhe disse uma palavra sequer. Ele é assim mesmo. Salva a vida de alguém, depois o trata casualmente com rudeza, e o que fica é a rudeza, não a sua boa ação. Mas isto não altera o que ele é.

- Não, não modifica. Mas dissimula as coisas.

- Bom, em todo o caso vou trabalhar um pouco no laser.

Ela olhou de esguelha para Michaels, que acabava de voltar ao assento.

- O laser? Bom Deus, eu o tinha esquecido. Faça o possível para que ele não fique seriamente avariado, está bem?

A animação que a alegrara durante a conversa morreu então.

- Ah, claro, se depender de mim.

Caminhou para os fundos. Os olhos de Michaels seguiram-na.

- Que há com o laser?

Grant sacudiu a cabeça.

- Ela vai testá-lo agora.

Michaels pareceu hesitar antes de fazer a próxima observação. Sacudiu a cabeça levemente. Grant observou-o, mas nada disse. Michaels sentou-se e falou:

- Que acha da nossa situação no momento?

Grant, até então absorvido em Cora, olhou para as janelas. Elas pareciam estar passando entre duas paredes que quase tocavam o Proteu dos lados, brilhando numa cor amarelada e construídas de fibras paralelas, quais grossos troncos de árvores empilhados lado a lado.

O fluido que os cercava era claro, livre de células e objetos, quase livre de detritos. Parecia mergulhado numa calma absoluta, e o Proteu se encarneirava através dele, numa tosquia regular e rápida que somente o abafado movimento browniano interrompia um pouco.

- O movimento browniano - disse Grant - está mais forte agora.

- O fluido aqui é menos viscoso do que o plasma sanguíneo, por isso o movimento é menos amortecido. Mas não ficaremos aqui por muito tempo.

- Nesse caso, vejo que não estamos na corrente sanguínea.

- Assim lhe parece? Este é o espaço entre as dobras da membrana pleural que reveste os pulmões. A membrana deste lado está fixada nas costelas. Se deseja saber os nomes, elas são denominadas pleura parietal e pleura pulmonar, respectivamente.

- Nada de denominações.

- Eu sabia disso. Estamos agora numa película de umidade lubrificadora entre as pleuras. Quando os pulmões se expandem, durante a inalação de ar, ou se contraem durante a expiração, comprimem as costelas e este fluido amortece e suaviza o contato. É uma película tão fina que as dobras das pleuras são

comumente tidas como em contato num corpo saudável, mas, sendo elas do tamanho de um germe, podemos colear entre as dobras, através da película de fluido.

- Quando a parede pulmonar mover-se ao longo da caixa de costelas não seremos afetados?

- Seremos alternadamente impulsionados de leve para a frente e para trás.

Nada capaz de causar transtornos.

- Ah! - disse Grant. - Estas membranas têm algo a ver com pleurisia?

- Certamente que têm. Quando as pleuras são infectadas e inflamadas, a respiração se torna uma agonia, e a tosse...

- Que acontecerá se Benes tossir?

Michaels encolheu os ombros.

- Em nossa atual posição, creio que seria fatal. Seríamos despedaçados. Mas não há motivos para tosse. Ele se encontra sob hipotermia, profundamente narcotizado, e suas pleuras - acredite no que lhe digo - estão em boas condições.

- Mas se nós as irritarmos.

- Somos muito pequenos para isto.

- Tem certeza?

- Podemos falar somente em termos de probabilidades. A possibilidade de uma tosse agora é reduzidíssima para nos preocupar.

O rosto de Michaels estava perfeitamente calmo.

- Percebo - disse Grant, e olhou para trás a ver o que Cora fazia.

Ela e Duval estavam na sala de trabalho, as duas cabeças inclinadas, perto uma da outra, sobre o banco. Grant levantou-se e foi à porta. Michaels acompanhou-o.

Numa seção de vidro opalescente, iluminada debaixo por uma luz de um branco leitoso, o laser jazia desmontado, cada parte brilhando metalicamente contra a luz.

- Quais são as avarias agora? - perguntou Duval, incisivo.

- Só estas peças, doutor, e este fio detonador, que está quebrado. É tudo.

Pensativamente, Duval parecia contar as partes, tocando-as com um dedo delicado, movendo-as.

- Então a chave do problema está neste transistor avariado. O que significa não haver agora maneira de se queimar a lâmpada, e isto é o fim do laser.

Grant interrompeu.

- Existem peças sobressalentes?

Cora ergueu os olhos. Seu olhar desviou-se, culpado, dos olhos firmes de Grant.

- Nada referente ao chassi. Teríamos trazido um segundo laser, mas quem poderia ter... se ele não se tivesse afrouxado...

Michaels disse sombriamente:

- Está falando sério, Dr. Duval? O laser está imprestável?

Uma nota de impaciência surgiu na voz de Duval.

- Falo sempre sério. Agora, não me importunem. - Parecia engolfado em pensamentos.

Michaels encolheu os ombros.

- Mais isto, agora. Passamos pelo coração, enchemos nossas câmaras de ar no pulmão, e tudo para nada. Não adianta prosseguir.

- Por que não? - perguntou Grant.

- Naturalmente podemos prosseguir a jornada, tratando-se de aptidão física.

Mas o problema não é este, Grant. Sem um laser, nada se pode fazer.

- Dr. Duval - disse Grant -, existe alguma maneira de efetuar a operação sem o laser?

- Estou pensando - explodiu Duval.

- Então eu compartilho de seus pensamentos - retrucou Grant na mesma moeda.

Duval ergueu a vista.

- Não, não há maneira de se fazer a operação sem o laser.

- Mas operações foram efetuadas durante séculos e séculos sem laser.

O senhor perfurou a parede pulmonar com a faca, isto foi uma intervenção cirúrgica.

Não poderia remover o coágulo com a sua faca?

- Claro que sim, mas não sem prejudicar o nervo e pôr em perigo um lóbulo inteiro do cérebro. O laser é incrivelmente mais delicado que uma faca. Neste caso particular, uma faca seria carniçaria comparada a um laser.

- Mas o senhor pode salvar a vida de Benes com a faca, não é?

- Creio que sim, ou melhor, talvez. Mas não posso necessariamente salvar-lhe a mente. De fato, eu diria, quase com certeza, que uma operação com uma faca provocaria em Benes graves deficiências mentais. É isto o que deseja?

Grant coçou o queixo.

- Nosso objetivo é o coágulo. Quando chegarmos lá, se tudo o que tivermos for uma faca, o senhor usará a faca, Duval. Se perdermos nossas facas, o senhor se utilizará de seus dentes, Duval. Se não o fizer, eu o farei. Podemos falhar, mas não desistir. Enquanto isso, pensemos neste raio de coisa.

Atirou-se entre Duval e Cora e apanhou o transistor, do tamanho da ponta de seu dedo polegar.

- É o avariado?

- É - disse Cora.

- Se ele for fixado ou substituído, você conseguiria fazer o laser funcionar?

- Sim, mas não há maneira de fixá-lo.

- Suponhamos que você tenha outro transistor mais ou menos do mesmo tamanho e força, e um fio bastante fino. Poderia uni-los?

- Creio que sim. Mas isso requer precisão absoluta.

- Talvez você não pudesse, mas que me diz o senhor, Dr. Duval? Seus dedos de cirurgião seriam capazes disso, a despeito do movimento browniano.

- Eu tentaria, com o auxílio de Miss Peterson. Mas não temos peças.

- Sim, temos. Posso fornecê-las.

Grant apanhou uma pesada chave de fenda metálica e regressou decididamente ao compartimento da frente. Foi ao rádio e, sem hesitação, começou a desatarraxar o painel. Michaels surgiu atrás dele e segurou-lhe o cotovelo.

- Que está fazendo, Grant?

Grant libertou-se num repelão.

- Estou arrancando as tripas.

- Quer dizer que vai desmantelar o rádio?

- Preciso de um transistor e de um fio.

- Mas ficaremos sem comunicações com o mundo exterior.

- E daí?

- E como nos comunicaremos quando chegar o momento de sairmos de Benes... Grant?

Grant disse, impaciente:

- Não. Eles podem nos acompanhar através da nossa radiatividade O rádio só serve para conversa fiada e podemos passar sem ele. Temos de passar, na verdade. É uma opção entre o rádio ou a morte de Benes.

- Pelo amor de Deus, homem, chame Carter e apresente o problema.

Grant pensou um pouco. - Eu o chamarei, mas só para lhe dizer que não haverá mais mensagens.

- E se ele lhe der ordens para preparar a evacuação.

- Recusarei.

- Mas se ele lhe ordenar...

- Ele pode retirar-nos à força, mas sem minha cooperação. Enquanto estivermos a bordo do Proteu, tomarei as decisões de caráter político. Já fomos longe demais para recuar, portanto iremos à frente, até o coágulo, quaisquer que sejam as ordens de Carter.

Carter gritou:

- Repita a última mensagem.

- DESMONTANDO RÁDIO PARA CONSERTAR LASER. ESTA ÚLTIMA MENSAGEM.

- Estão cortando as comunicações - disse Reid, incrédulo.

- Que diabo aconteceu ao laser? - perguntou Carter.

- Não me pergunte.

Carter sentou-se pesadamente.

- Quer mandar subir café, Don? Se eu soubesse o que ia enfrentar, teria pedido um uísque duplo com soda, e depois mais duas doses. Estamos azarados!

Reid fez sinal para o café.

- Sabotagem, talvez - disse.

- Sabotagem?

- Sim, e não banque o inocente, general. O senhor antecipou a possibilidade desde o início, se não, por que mandou Grant?

- Depois do que acontecera a Benes a caminho daqui...

- Eu sei. E particularmente não confio em Duval nem na moça.

- Eles são firmes - disse Carter com uma careta. - Têm de ser. Todos aqui têm o direito de ser. Não há meios de instituir uma segurança para a segurança.

- Exato. Método algum de segurança produz certeza absoluta.

- Todas essas pessoas trabalham aqui.

- Grant, não - disse Reid.

- Hein?

- Grant não trabalha aqui. É um estranho.

Carter sorriu com uma contorção.

- Ele é agente do governo.

- Eu sei. Mas os agentes podem ter duas caras. Você colocou Grant no Proteu e uma maré de má sorte principiou - ou qualquer coisa parecida...

O café chegara.

- Isto é ridículo - disse Carter. - Conheço o homem. Ele não me é estranho.

- Quando o viu pela última vez? Que sabe de sua vida particular?

- Esqueça isto. É impossível. - Mas Carter misturou creme no café com uma inquietação visível.

- Muito bem - disse Reid. - Eu estava apenas pensando em voz alta.

- Eles ainda estão na pleura?

- Sim.

Carter olhou o cronômetro, que indicava 32, e sacudiu a cabeça num gesto de frustração.

Grant tinha diante de si os fragmentos do rádio. Cora olhou os transistores um a um, virou-os, sopesou-os, parecendo quase espreitar dentro deles.

- Este aqui - disse ela, hesitante - pode servir, mas é muito espesso.

Duval examinou o fio sob a luz opalescente e colocou o fragmento avariado do fio original perto dele, comparando-os com olhos sombrios.

- É o mais parecido - disse Grant. - Você terá de fazê-lo funcionar.

- É fácil dizer isto - disse Cora. - Você pode me dar uma ordem desta, mas não ao fio. Por mais que lhe grite, ele não trabalhará.

- Está bem. Está bem. - Grant tentou pensar, e nada conseguiu.

- Esperem um pouco - disse Duval. - Com sorte, talvez eu possa reduzir-lhe a espessura. Miss Peterson, quer trazer-me um bisturi número onze?

Colocou o fio do que tinha sido a radiotelegrafia de Grant (agora literalmente o rádio) em dois pequenos tornos, e ajeitou um espelho de aumento diante dele.

Empunhou o escalpelo que Cora lhe deu e vagarosamente começou a raspar.

Sem erguer a vista, disse:

- Tenha a bondade de voltar à sua cadeira, Grant. Você não pode ajudar espiando por cima do meu ombro.

Grant hesitou um pouco, depois surpreendeu o olhar de apelo de Cora. Sem dizer nada, voltou ao assento. Michaels, na sua cadeira, saudou-o sem graça:

- Cirurgião em ação. O bisturi está em sua mão e seu caráter temperamental chega ao auge. Não perca tempo, zangando-se com ele.

- Não estou zangado com ele.

- Naturalmente que está, a menos que se sinta disposto a me revelar que resignou à raça humana. Duval tem o dom - um dom concedido pela graça de Deus, conforme ele diria - de hostilizar pessoas com uma só palavra, um olhar rápido, um gesto. E como se isto não bastasse, ainda há a senhorita.

Grant virou-se para Michaels, com nítida impaciência.

- Que há com a senhorita?

- Vamos, Grant. Deseja uma conferência sobre rapazes e moças?

Grant franziu a testa e se afastou.

Michaels disse em voz macia, mas triste:

- Você está num dilema a respeito dela, não é?

- Que dilema?

- Ela é uma moça bonita, muito simpática. Mas você está profissionalmente cheio de suspeitas.

- E daí?

- E daí? Que aconteceu ao laser? Foi um acidente?

- Pode ter sido.

- Sim, pode ter sido. - A voz de Michaels era um cochicho. - Mas foi mesmo?

Grant cochichou também, depois de atirar um olhar rápido sobre o ombro.

- Está acusando Miss Peterson de sabotar a missão?

- Eu? Claro que não. Não tenho provas. Mas suspeito que você a acusa em sua consciência e não quer admitir o fato. Daí o dilema.

- Por que Miss Peterson?

- Por que não? Ninguém lhe prestaria atenção se a visse brincando com o laser. É o campo da moça. E se ela pretendesse fazer sabotagem, gravitaria naturalmente na área da missão em que se sentisse mais em casa - o laser.

- O que provocaria suspeita imediata e automática, como parece ter acontecido - disse Grant, com algum calor.

- Bom, vejo que você está zangado.

- Olhe - disse Grant. - Estamos numa nave relativamente pequena e você pensa que todos são trazidos de olho, sob observação constante dos outros, mas não é verdade. Andamos tão absorvidos com os problemas da jornada que um de nós podia ter ido ao depósito e feito o que quisesse com o laser, sem ser percebido. Você ou eu, por exemplo. Eu não o teria visto. Você não me teria visto.

- Ou Duval?

- Ou Duval. Não o excluí. Também pode ter sido um simples acidente.

- E a sua corda que se soltou? - Outro acidente?

- Está disposto a sugerir outra coisa?

- Não, não estou. Posso assinalar algumas coisas, se você estiver preparado para ouvi-las.

- Não estou, mas diga sempre.

- Era Duval que segurava a corda.

- E aparentemente fez um nó precário, suponho - disse Grant. - Mesmo assim havia considerável tensão na linha. Considerável.

- Um cirurgião devia saber dar nós.

- Que absurdo. Nós cirúrgicos não se parecem com nós de marinheiro.

- Talvez. Por outro lado, talvez o nó fosse feito deliberadamente para se desatar. Ou talvez fosse desatado a mão.

Grant concordou com um aceno de cabeça.

- Está bem. Mas aqui, também, todos tinham a atenção presa no que se passava. Você ou Duval, ou Miss Peterson, poderia ter voltado à nave, desfeito o nó e retornado sem ser percebido. Mesmo Owens poderia ter descido da nacela com esse propósito.

- Sim, mas Duval teve a melhor oportunidade. Pouco antes de você se desgarrar, ele voltou à nave, levando o periscópio. Disse que a corda se soltou quando ele a examinava. Sabemos, por depoimento próprio, que ele estava no lugar certo no tempo certo.

- E também podia ser acidente. Qual o motivo de Duval? O laser já fora sabotado, e tudo que ele podia conseguir ao desapertar a corda seria pôr-me em perigo de vida. Se a missão já falhara, por que então se preocupar comigo?

- Ah, Grant! Ah, Grant! - Michaels sorriu e sacudiu a cabeça.

- Muito bem, fale. Não fique resmungando.

- Suponhamos que a senhorita se encarregou de destruir o laser. E suponhamos que o interesse de Duval estivesse especificamente em você.

Suponhamos que ele quisesse livrar-se de você, com prejuízos secundários para a missão.

Grant fitou-o sem falar. Michaels prosseguiu.

- Talvez Duval não esteja inteiramente devotado ao trabalho a ponto de não observar que sua assistente se interessa por você. Você é um rapaz simpático, Grant, e salvou-a de ferimentos graves durante o remoinho, talvez lhe tivesse salvado a vida. Duval observou isto, e também deve ter notado a reação dela.

- Não houve reação. Ela não está interessada em mim.

- Observei-a quando você se perdeu no alvéolo. Ela ficou louca. O que ficou óbvio para todos deve ter sido óbvio para Duval, muito antes... que ela está caída por você. E ele, por tal motivo, pode ter querido livrar-se de você.

Grant mordeu o lábio inferior, pensativo, depois disse:

- Muito bem. E a perda de ar? Foi um acidente, também?

Michaels encolheu os ombros.

- Não sei. Suspeito que você esteja querendo sugerir a responsabilidade de Owens.

- Ele podia ter provocado a coisa. Conhece a nave. Projetou-a. Mais do que ninguém, podia mexer nos controles. E somente ele percebeu o defeito.

- Perfeito. Perfeito.

- Nesta linha de raciocínio - prosseguiu Grant com uma raiva crescente -, que me diz da fístula arteriovenosa? Foi um acidente, ou você sabia onde ela estava?

Michaels reclinou-se no assento e pareceu estupefato.

- Nossa, eu não tinha pensado nisto! Dou-lhe minha palavra, Grant: sentado aqui, pensei sinceramente que nada apontava especificamente em minha direção.

Pensei que eu podia ser suspeito de ter avariado o laser ou desfeito o nó da corda ou aberto a válvula da câmara de ar quando ninguém estava olhando. Mas em cada caso destes, era mais provável que outra pessoa o fizesse. A fístula, admito, só podia ter sido coisa minha.

- Perfeito.

- Exceto, naturalmente, que eu ignorava a localização da fístula. Mas não posso provar isto, posso?

- Não.

- Já leu histórias de detetive, Grant?

- Li algumas na juventude. Agora...

- Sua profissão estraga o divertimento. Sim, posso bem imaginar. Mas, como sabe, nas histórias de detetives tudo é muito simples. Um indício aponta para uma pessoa, apenas uma, e só o detetive o percebe, mais ninguém. Na vida real, ao que parece, o indício aponta para todos.

- Ou para nada - disse Grant com firmeza. - Poderemos estar defrontando uma série de acidentes e desgraças.

- Poderemos - concedeu Michaels.

Mas não soou convincentemente. Nem convenceu.

14 - Linfáticos

A voz de Owens veio da nacela.

- Dr. Michaels, olhe à frente. Aquela é a via lateral?

Sentiam que o Proteu reduzira a marcha.

- Conversamos fiado - murmurou Michaels. - Eu devia estar atento.

Imediatamente à frente surgiu um tubo menos amplo. As paredes finas que defrontavam os expedicionários eram enrugadas, quase se desvanecendo ao longe. A abertura mal dava para a passagem do Proteu.

- Aí mesmo - gritou Michaels. - Pode entrar.

Cora levantara-se do banco de trabalho para observar o panorama, maravilhada, mas Duval permaneceu onde estava, ainda trabalhando, com uma paciência infinita, incansável.

- Deve ser um vaso linfático - disse ela.

Entraram e as paredes cercaram-nos, não mais espessas do que as dos capilares que haviam deixado atrás. A exemplo dos capilares, as paredes eram constituídas claramente de células sob a forma de polígonos achatados, cada um com um núcleo arredondado ao centro. O fluido pelo qual navegavam era idêntico ao fluido da cavidade pleural, emitindo uma luz amarelada ante o holofote do Proteu, e emprestando um resplendor amarelo às células. Os núcleos tinham cor mais profunda, alaranjada.

- Ovos escaldados! - disse Grant. - Parecem exatamente com ovos escaldados! - E depois: - Que é um linfático?

- De certa forma, um sistema circulatório auxiliar - disse Cora, antecipandose. - O fluido sai espremido dos reduzidíssimos capilares e se espalha pelo corpo e entre as células. Trata-se do fluído intersticial. Escorre por tubozinhos, ou linfáticos, abertos nas extremidades, conforme você vê agora. Estes tubos se combinam gradualmente em tubos mais largos, até que os mais largos ficam do tamanho de veias. Toda a linfa.

- É o fluido que nos cerca? - perguntou Grant.

- Sim. Toda a linfa é coletada no maior vaso linfático, o conduto torácico, que deságua na veia subclavicular, na parte superior do peito, e assim a linfa é devolvida ao principal sistema circulatório.

- E por que entramos no sistema linfático?

Michaels inclinou-se para trás, o trajeto momentaneamente traçado.

- Bem - interrompeu -, são águas tranquilas. Não se sente aqui o efeito do bombeamento cardíaco. Pressões musculares e tensões movimentam o fluido, e Benes não está em condições de sofre-las, agora. Portanto, contamos com uma jornada calma até o cérebro.

- Então, por que não iniciamos a viagem pelos linfáticos?

- São muito pequenos. Uma artéria constitui alvo muito mais adequado a uma inoculação hipodérmica. Ademais, esperava-se que a corrente arterial nos conduzisse ao destino em poucos minutos. Isto não aconteceu, e o retorno agora a uma artéria nos atrasaria muito. Na artéria estaríamos sujeitos a uma agitação que a nave já não seria capaz de suportar.

Desdobrou novo conjunto de mapas e perguntou:

- Owens, está seguindo o Mapa 72-D?

- Sim, Dr. Michaels.

- Verifique se está acompanhando o roteiro que tracei. Ele nos possibilitará um mínimo de dificuldades.

- Que é aquilo? - disse Grant.

Owens levantou a vista e franziu a testa.

- Reduza a velocidade - gritou.

O Proteu foi desacelerado vigorosamente. Através de uma porção da parede do tubo que se alargava uma massa informe projetava-se, leitosa, granular, e algo ameaçadora. Mas enquanto olhavam, ela se encolheu e sumiu.

- Prossiga - disse Michaels. E para Grant: - Tive medo que aquela célula branca se aproximasse, mas felizmente ela foi embora. Algumas células brancas são formadas nos nódulos linfáticos, constituindo importante barreira contra doenças. Eles formam não somente células brancas, mas também anticorpos.

- E que são anticorpos?

- Moléculas de proteínas que têm a capacidade de se combinar especificamente com várias substâncias estranhas que invadem o corpo: germes, toxinas, proteínas externas.

- E conosco?

- Também, em circunstâncias apropriadas, segundo suponho.

Cora voltou à conversa.

- As bactérias são aprisionadas nos nódulo s, que servem de campo de batalha entre elas e as células brancas. Os nódulos incham e se tornam dolorosos. Como você sabe, as crianças apresentam o que se denomina de glândulas intumescidas, nas axilas ou embaixo do queixo.

- Mas trata-se na realidade de nódulo s linfáticos intumescidos.

- Perfeito.

- Parece uma boa idéia sairmos logo nos nódulos de linfa - disse Grant.

- Somos pequenos - disse Michaels. - O sistema anticorpos de Benes não é sensibilizado por nós, e há somente uma série de nódulos que precisamos atravessar. Depois teremos uma navegação tranquila. É um risco, naturalmente, mas tudo o que fazemos agora constitui risco. Ou - ele perguntou, desafiante - pretende tomar uma decisão política, ordenando-me sair do sistema linfático?

Grant sacudiu a cabeça.

- Não. A não ser que alguém sugira melhor alternativa.

- Ali está - disse Michaels, cutucando Grant delicadamente. - Vê?

- A sombra lá na frente?

- Sim. Este tubo linfático é um dos vários que entram no nódulo, que é uma massa esponjosa de membranas e passagens tortuosas. O lugar está cheio de linfócitos.

- Que são esses?

- Um dos tipos de células brancas. Não nos incomodarão, espero. Uma bactéria do sistema circulatório chega a um nódulo linfático, eventualmente, e não consegue penetrar nos canais estreitos e retorcidos.

- Nós podemos?

- Nós nos movemos deliberadamente, Grant, e com um fim em vista, enquanto a bactéria anda às cegas. Você verá a diferença. Uma vez aprisionada no nódulo, a bactéria é agarrada pelos anticorpos ou, se estes falharem, por células brancas mobilizadas para a luta.

A sombra estava próxima. A coloração áurea da linfa se escurecia e enevoava. Bem em cima parecia haver uma parede.

- Tem o roteiro, Owens? - perguntou Michaels.

- Tenho, e vai ser fácil tomar um canal errado.

- Mesmo assim, lembre-se que neste instante estamos navegando geralmente para cima. Mantenha o gravitômetro o mais firme que puder, e será difícil errar.

O Proteu fez uma curva fechada e de repente tudo se tornou cinzento.

O holofote parecia colher apenas uma sombra de um cinza mais profundo ou mais claro. Surgia às vezes uma haste ocasional, mais curta que a nave e muito mais estreita, grupos de objetos esféricos, reduzidíssimos, e com bordas felpudas.

- Bactérias - murmurou Michaels. - Com tantos detalhes é difícil reconhecer a espécie exata. Não é estranho? Detalhes demasiados.

O Proteu seguia agora mais vagarosamente, acompanhando quase com hesitação os suaves desvios e meandros do canal. Duval chegou à porta da sala de trabalho.

- Que está acontecendo? Não posso consertar esta coisa se a nave não mantiver curso firme. O movimento browniano piorou.

- Desculpe, doutor - disse Michaels, friamente. - Estamos passando por um nódulo linfático, e isto é o melhor que podemos fazer.

Duval, parecendo zangado, voltou-lhe as costas.

Grant inclinou-se para perscrutar.

- Aquilo ali está ficando confuso, Dr. Michaels. Que é aquela substância com aparência de alga ou qualquer coisa que o valha?

- Fibras reticulares - disse Michaels.

- Dr. Michaels - chamou Owens.

- Sim?

- A substância fibrosa está engrossando. Não posso manobrar através dela sem lhe causar ferimentos.

Michaels pareceu pensativo.

- Não se preocupe. Se houver ferimento, ele será mínimo.

Um grupo de fibras soltou-se quando o Proteu o cutucou, deslizou, passou pela janela e desapareceu no costado. O fato repetiu-se com maior frequência.

- Tudo certo, Owens - disse Michaels, encorajador. - O corpo pode reparar o dano sem problemas.

- Não me preocupo com Benes - disse Owens. - Estou preocupado é com o navio. Se esta substância entupir os escapes, o motor aquecerá. E ela está aderindo a nós. Ouve a diferença no ruído do motor?

Grant nada percebeu, e sua atenção desviou-se novamente para o exterior. A nave singrava através de uma floresta de gavinhas. Elas exibiam, cintilantes, uma espécie de marrom ameaçador à luz do holofote.

- Estaremos livres em breve - disse Michaels, mas havia uma nota definida de ansiedade em sua voz.

O caminho clareou um pouco e agora Grant sentia realmente uma diferença no ruído dos motores, quase uma rouquidão maior, como se o nítido eco de gases escapando pelos exaustores estivesse abafado e asfixiado.

- Obstáculo à frente! - gritou Owens.

Houve uma colisão empapada de uma haste de bactéria com a nave. A substância da bactéria espalhou-se sobre a curva da janela, voltou à forma primitiva e saltou, deixando uma mancha que se desvaneceu lentamente.

Havia outras à proa.

- Que está acontecendo? - perguntou Grant, assustado.

- Acho - disse Michaels -, acho que estamos testemunhando a reação dos anticorpos ante a presença de bactérias. As células brancas não estão envolvidas na luta. Vejam! Observem as paredes das bactérias. Não é fácil de se ver devido ao reflexo da luz miniaturizada, mas olhem bem.

- Não, nada vejo.

A voz de Duval soou atrás deles.

- Não vejo nada, tampouco.

Grant voltou-se.

- Ajustou o fio, doutor?

- Ainda não. Não consigo trabalhar nesta confusão. O laser terá de esperar.

Que história é esta de anticorpos?

- Já que o senhor não está trabalhando, vamos apagar as luzes internas.

Owens! - chamou Michaels.

As luzes foram apagadas, restando a iluminação de fora, um brilho fantasmagórico marrom-cinza que mergulhou o rosto de todos na sombra.

- Que se passa lá fora? - perguntou Cora.

- É o que estou tentando explicar - disse Michaels. - Observem as bordas das bactérias.

Grant esforçou-se apertando os olhos. A luz era trêmula e cintilante.

- Você se refere àqueles objetos pequenos que parecem balas de rifles de ar comprimido?

- Exatamente. São moléculas anticorpos. Proteínas, como sabe, e bastante grandes para serem visíveis em nossa escala dimensional. Há uma ali perto.

Vejam!

Um dos pequenos anticorpos passara rodopiando pela janela. Visto de perto não parecia absolutamente uma bala de rifle de ar comprimido. Parecia ser mais

largo do que isto, uma pequena massa entrançada de espaguete, vagamente esférica. Fios finos, visíveis somente como leves cintilações luminosas, projetavam-se aqui e ali.

- O que eles fazem? - perguntou Grant.

- Cada bactéria tem uma parede celular distintiva, feita de grupamentos atômicos específicos enganchados de maneira específica. Para nós, as várias paredes parecem lisas e sem traços; mas se fôssemos menores ainda - na escala molecular, ao invés da escala bacteriana - veríamos que cada parede tem um molde de mosaico, e que este mosaico é diferente e distintivo de cada espécie bacteriana.

Os anticorpos aderem a este mosaico, e uma vez cobertas as porções-chave da parede a célula bacteriana está perdida, é o mesmo que se tapar o nariz e a boca de um homem, e levá-lo à morte.

- Pode-se ver os anticorpos se agrupando. Como... como é horrível - disse Cora, excitada.

- Lamenta a sorte das bactérias, Cora? - perguntou Michaels, sorrindo.

- Não, mas os anticorpos parecem tão viciosos, pela maneira como agarram a presa.

- Não lhes dê emoções humanas - disse Michaels. - São apenas moléculas, movendo-se às cegas. Forças interatômicas os impelem contra aquelas porções da parede onde eles aderem, e os prendem ali, é um processo análogo à atração de um magneto contra uma barra de ferro. Você diria que o ímã ataca o ferro viciosamente?

Sabendo agora o que procurar, Grant pôde ver o que acontecia. Uma bactéria, movendo-se cegamente através de uma nuvem de anticorpos flutuantes, parecia atraí-los, grudá-los em si própria. Dentro de instantes sua parede estava coberta de anticorpos. Estes se alinharam lado a lado, suas projeções parecidas com espaguete enlaçando-a como tentáculos.

- Alguns anticorpos parecem diferentes - disse Grant. - Não tocam a bactéria.

- Os anticorpos são específicos - disse Michaels. - Cada um é destinado a ajustar-se ao mosaico de um tipo particular de bactéria, ou de uma molécula protéica particular. Agora mesmo, a maioria dos anticorpos adere às bactérias

que nos cercam. A presença dessas bactérias particulares estimulou a rápida formação desta variedade específica de anticorpos. Como esta estimulação se processa, ainda não sabemos.

- Céus - disse Duval. - Olhem para aquilo.

Uma das bactérias estava agora solidamente revestida de anticorpos, que haviam aderido a todas as suas irregularidades, de forma que ela parecia exatamente como antes, mas com uma camada penugenta, espessa.

- Uma aderência perfeita - disse Cora.

- Não, aquela não. Não está vendo que as ligações intermoleculares das moléculas do anticorpo produzem uma espécie de pressão sobre a bactéria? Isto nunca ficou esclarecido no microscópio eletrônico, que só nos mostra objetos mortos.

Um silêncio caiu sobre a tripulação do Proteu, que ultrapassava, vagaroso, a bactéria. O revestimento anticorpo pareceu aumentar e endurecer, e a bactéria estremeceu. O revestimento cresceu e apertou de novo, e de súbito a bactéria se enrugou em colapso. Os anticorpos se uniram, e o que tinha sido um bastonete tornou-se um ovóide liso.

- Eles mataram a bactéria. Espremeram-na até à morte - disse Cora com repulsa.

- Notável - murmurou Duval. - Que arma de pesquisa temos no Proteu!

- Tem certeza de estarmos a salvo dos anticorpos? - perguntou Grant.

- Tudo indica que sim. Não somos a espécie de coisa para a qual se destinam os anticorpos - respondeu Michaels.

- Tem certeza? Tenho a impressão de que eles podem ser destinados a qualquer forma, desde que devidamente estimulados.

- Acho que você tem razão. Mas sem dúvida não os estimulamos.

- Mais fibras à proa, Dr. Michaels - avisou Owens. - Estamos bem arranjados com esta substância. Ela nos reduz a velocidade.

- Estamos quase fora do nódulo, Owens - disse Michaels.

Ocasionalmente uma bactéria retorcida bateu contra a nave, que estremeceu, mas a luta acabou logo, levando a bactéria a pior. O Proteu movia-se aos trancos, abrindo caminho entre as fibras.

- Adiante - disse Michaels. - Mais um desvio à esquerda e estaremos no sistema linfático eferente.

- Estamos rastejando nas fibras - disse Owens. - O Proteu parece um cão felpudo.

- Quantos nódulos linfáticos teremos até o cérebro? - perguntou Grant.

- Mais três. Um deve ser evitável. Não estou certo.

- Não podemos fazer isto. Perderemos muito tempo. Não chegaremos a tempo com mais três nódulos iguais a este. Não haveria... alguns atalhos?

Michaels sacudiu a cabeça.

- Nenhum que não crie problemas piores do que enfrentamos agora. Não tenho dúvidas de que ultrapassaremos os nódulos. As fibras serão rechaçadas, e se não pararmos para observar a guerra bacteriana poderemos ir mais depressa.

- E adiante - disse Grant, numa carranca - daremos com uma batalha envolvendo células brancas.

Duval dirigiu-se aos mapas de Michaels e disse: - Onde estamos agora, Michaels?

- Exatamente aqui - disse Michaels, observando minuciosamente o cirurgião.

Duval pensou um momento e disse:

- Deixe-me ver. Estamos agora no pescoço, não?

- Sim.

Grant pensou: no pescoço? Exatamente onde tinham começado. Olhou o cronômetro. Marcava 28. Mais da metade do tempo se fora, e eles tinham retrocedido ao ponto de partida.

- Não poderíamos evitar esses nódulos fazendo um desvio aqui e rumando para dentro do ouvido? Dali ao coágulo a distância é mínima.

Michaels enrugou a testa e suspirou.

- No mapa parece ótimo. Faz-se uma marcação rápida e está-se no destino, em segurança. Mas já pensou no que significa passar por dentro do ouvido?

- Não. O quê?

- O ouvido, meu caro doutor, é um aparelho para concentração e ampliação de ondas sonoras, conforme eu não precisaria de lhe dizer. O mais leve som, o mais leve som do exterior, provocará intensas vibrações dentro do ouvido. Em nossa escala miniaturizada essas vibrações seriam fatais.

Duval parecia pensativo.

- Sim, percebo.

- O ouvido interno está sempre vibrando? – perguntou Grant. - Mas eles podem nos acompanhar. Verão que estamos seguindo para dentro do ouvido.

Compreenderão a necessidade de silêncio.

- Será mesmo?

- E por que não? - disse Grant impaciente. - Em sua maioria são médicos.

Compreendem bem tais assuntos.

- Pretende correr o risco?

Grant olhou em torno.

- Que vocês acham?

- Seguirei o trajeto que me for dado, mas não o traçarei - disse Owens.

- Não estou certo - disse Duval.

- Pois eu estou. Sou contra - disse Michaels.

Grant olhou rapidamente para Cora, que ficou sentada em silêncio.

- Muito bem - disse ele. - A responsabilidade é minha. Direto ao ouvido interno. Trace a rota, Michaels.

- Olhe aqui...

- A decisão está tomada, Michaels. Trace a rota.

Michaels enrubesceu e depois encolheu os ombros. Owens disse friamente.

- Temos de fazer uma volta brusca no ponto que vou indicar agora.

- A não ser que haja silêncio, que o limiar do ouvido não seja afetado por som algum. Mesmo assim, em nossa escala, detectaríamos provavelmente alguns movimentos suaves.

- Piores que o movimento browniano?

- Talvez não.

- O som tem de vir do exterior, não é? - disse Grant. - Se passarmos pelo ouvido interno, as pulsações do motor da nave ou o som de nossas vozes não o afetarão, certo?

- Sim, estou certo que sim. O ouvido interno não é sensível às nossas vibrações miniaturizadas.

- Nesse caso, se as pessoas na sala do hospital mantiverem silêncio completo...

- De que forma os instruiremos a este respeito? - perguntou Michaels.

Depois, quase brutal: - Você demoliu o rádio, e agora não podemos nos comunicar com eles.

15 - Ouvido

Carter levantou a xícara, distraído. Pingos transbordaram e caíram em uma perna. Ele percebeu, mas não fez caso.

- Como, mudaram de rumo?

- Eu diria que eles sentiram a perda de tempo no nódulo linfático e não quiseram enfrentar outros nódulos - disse Reid.

- Muito bem. Para onde estão indo agora?

- Ainda não estou seguro, mas parecem rumar para o ouvido interno, o que não tenho certeza de aprovar.

Carter pousou a xícara e empurrou-a para um lado. Não chegara a levá-la aos lábios.

- Por que não? - Relanceou um olhar ao cronômetro. O número era 27.

- Será difícil. Teremos de manter silêncio.

- Por quê?

- Você é capaz de imaginar, não é, Aí? O ouvido reage ao som. O caracol vibra. Se o Proteu estiver perto, vibrará também, podendo ser destruído.

Carter inclinou-se para frente, na cadeira, fitando o rosto calmo de Reid.

- Por que diabo eles estão indo para lá, então?

- Acho que julgaram ser este o caminho mais curto, a esta altura. Ou quem sabe estão loucos. Não podemos descobrir, pois eles destruíram o rádio.

- Já estão lá? - perguntou Carter. - Quero dizer, no ouvido interno?

Reid apertou um botão e fez uma pergunta rápida. Depois voltou-se.

- Entraram agora mesmo.

- Os homens na sala de cirurgia compreendem a necessidade de silêncio?

- Acho que sim.

- Ah, você acha. De que adianta achar?

- O Proteu não ficará muito tempo no ouvido.

- Ficará o tempo suficiente para um desastre. Escute, diga àqueles homens lá embaixo... não, é muito tarde para nos arriscarmos. Dê-me um pedaço de papel e chame alguém de lá. Qualquer pessoa. Qualquer um.

Um homem do serviço de segurança, armado, entrou e fez uma saudação.

- Cale-se - disse Carter, aborrecido. Não retribuiu à saudação. Rabiscara no papel em letras de imprensa: SILENCIO! SILENCIO ABSOLUTO ENQUANTO O PROTEU ESTIVER NO OUVIDO.

- Leve isto - disse ao homem da segurança. - Entre na sala de cirurgia e mostre a cada pessoa. Certifique-se de que todos o leem. Se fizer algum barulho, eu o matarei. Se disser uma só palavra, eu lhe arrancarei as tripas. Compreende?

- Sim, senhor - disse o homem, mas parecia confuso e alarmado.

- Adiante. Apresse-se. Maldição, tire os sapatos.

- Senhor?

- Tire os sapatos. Entre naquela sala só de meias.

Da sala de observação eles contaram os intermináveis segundos até que o soldado descalço entrou na sala de cirurgia. Ele passou de um médico a outro, e deste à enfermeira, estendendo o papel diante de seus olhos e erguendo um polegar na direção da sala de controle. Todos acenavam com a cabeça, calados.

Ninguém se moveu do lugar. Por um momento, tinha-se a impressão de que uma paralisia geral prendia a todos na sala.

- Obviamente eles compreendem - disse Reid. - Mesmo sem instruções.

- Dou-lhe minhas congratulações - disse Carter selvagemente. - Agora, escute: comunique-se com os homens nos controles. Cigarras, campainhas, gongos, nada disto deve soar. E também nada de holofotes giratórios. Não quero ouvir ninguém resmungando.

- Dentro de alguns minutos o Proteu atravessará o ouvido.

- Talvez sim e talvez não - disse Carter. - Suma.

Reid obedeceu.

O Proteu entrara numa ampla região de puro líquido. Exceto por alguns anticorpos que brilhavam aqui e ali, nada havendo, tirante o resplendor do holofote do navio abrindo caminho através da linfa amarelada.

Um som abafado embaixo do caracol do ouvido untou a nave, como se esta deslizasse contra uma tábua de lavar roupa. Depois, novamente. E novamente.

- Owens - disse Michaels - quer apagar as luzes da cabina?

Imediatamente o exterior saltou mais iluminado.

- Estão vendo? - perguntou Michaels.

Os outros olharam. Grant não viu nada.

- Estamos no conduto coclear - disse Michaels. - Dentro do pequeno tubo espiralado do ouvido interno que ouve por nós. Este aí ouve por Benes. Reage ao som de diferentes formas. Veem?

Agora Grant via. Era quase como uma sombra no fluido, uma grande sombra achatada vibrando atrás deles.

- É uma onda sonora - disse Michaels. - De certa maneira, pelo menos. Uma onda de compressão que emitimos com nossa luz miniaturizada.

- Isto significa que alguém está falando? - perguntou Cora.

- Oh, não. Se alguém estivesse falando ou fazendo algum som real, esta coisa ondearia como um terremoto. Mesmo em silêncio absoluto, a cóclea recolhe sons: o bater distante do coração, o sangue rolando pelas veiazinhas e artérias do ouvido, e assim por diante. Vocês já taparam o ouvido com uma concha e ouviram o som do oceano? Pois o que ouviram, antes de tudo, foi o som de seu próprio oceano, o sistema circulatório.

- Isto é perigoso? - perguntou Grant.

Michaels encolheu os ombros.

- Não pior do que é... se ninguém falar.

Duval, de volta à sala de trabalho, e inclinado uma vez mais sobre o laser, disse:

- Por que reduzimos a velocidade? Owens!

- Alguma coisa errada - disse Owens. - O motor está morrendo, não sei o motivo.

Tinham a sensação progressiva de descerem num elevador, enquanto o Proteu percorria, vagarosamente, o conduto. Atingiram o fundo com uma leve vibração, e Duval pousou o bisturi.

- O que aconteceu agora?

Owens falou ansiosamente.

- O motor está superaquecido e não consigo para-lo. Penso.

- O quê?

- Deve ter sido consequêncía daquelas fibras reticulares, o diabo das algas.

Com certeza entupiram as válvulas de ventilação. Não consigo pensar em outra coisa.

- Você pode soprá-las? - perguntou Grant, tenso.

Owens sacudiu a cabeça.

- Não há a menor possibilidade. São orifícios de influxo. Sugam para dentro.

- Bem, neste caso só resta uma coisa a fazer - disse Grant. - Terão de ser limpas pelo lado de fora, o que significa novo mergulho. - Com a sobrancelha franzida, ele começou a entrar nas roupas de mergulhador.

Cora olhava ansiosamente pela janela.

- Há anticorpos lá fora - anunciou.

- Não muitos - disse Grant.

- E se eles atacarem?

- É improvável - disse Michaels, tranquilizador. - Eles não são sensíveis à forma humana. E desde que os tecidos de que são formados não sejam ofendidos, os anticorpos provavelmente permanecerão passivos.

- Percebo - disse Grant, mas Cora sacudiu a cabeça.

Duval, que escutara por um instante, inclinou-se a fim de examinar o fio que estava desbastando, e compará-lo com o fio original; depois, pensativo, girou-o na mão a fim de padronizar as irregularidades.

Grant saiu pela escotilha no ventre da nave e caminhou pela superfície inferior da parede da cóclea, que tinha uma elasticidade de borracha macia. Olhou tristemente para a nave. Esta já não era o límpido e liso objeto metálico de antes.

Parecia peludo, felpudo.

Atirou-se à linfa, nadando na direção da proa. Owens tinha razão. Os orifícios de influxo estavam obstruídos de fibras. Grant pegou uma porção e puxou. Elas se soltaram com dificuldade, muitas rompendo-se na superfície dos filtros de ventilação. A voz de Michaels chegou ao pequeno receptor.

- Como vai a coisa?

- Danadamente fétida - disse Grant.

- Vai demorar muito? O cronômetro está marcando 26.

- Acho que vou demorar um pouco. - Grant puxou desesperadamente, mas a viscosidade da linfa retardava-lhe os movimentos, e a tenacidade das fibras parecia redobrar.

Dentro da nave, Cora disse nervosamente:

- Por que não saímos para ajudá-lo?

- Bem... - começou Michaels, em dúvida.

- Pois eu vou. - Ela apanhou o equipamento.

- Está bem - disse Michaels. - Irei também. Owens deve ficar nos controles.

- E acho melhor eu ficar aqui também - disse Duval. - O conserto está quase concluído.

- Naturalmente, Dr. Duval - disse Cora. E ajustou a máscara natatória.

A tarefa só era facilitada pelo fato de três deles estarem se agitando na proa do navio, todos os três agarrando desesperadamente as fibras, puxando-as, soltando-as na corrente vagarosa. O metal dos filtros começava a aparecer, e Grant dilatou algumas peças recalcitrantes da válvula.

- Espero que isto não cause dano. Owens, que acontecerá se algumas fibras caírem dentro das válvulas?

A voz de Owens soou-lhe no ouvido.

- Elas ficarão carbonizadas no motor e o entupirão. A limpeza será desagradável, quando voltarmos.

- Se conseguirmos voltar, não me importo de desmontar este navio fedorento.

- Grant empurrou as fibras que estavam na superfície do filtro e puxou as que sobressaíam. Cora e Michaels fizeram o mesmo.

- Estamos acabando - disse Cora.

- Mas ficamos mais tempo na cóclea do que esperávamos. A qualquer momento, algum som... - disse Michaels.

- Cale-se - disse Grant irritado - e termine o serviço.

Carter fez menção de quem ia arrancar os cabelos, depois se arrependeu.

- Não, não, NÃO! - gritou. - Eles pararam de novo.

Apontou a mensagem escrita num pedaço de papel e deu um passo na direção de uma das telas de televisão.

- Pelo menos o homem lembrou-se de não falar - disse Reid. - Por que acha que eles pararam?

- Como diabo vou saber? - Talvez tenham parado para um cafezinho. Talvez decidissem tomar um banho de sol. Talvez a moça... - Interrompeu-se. - Bem, não sei. Tudo que sei é que nos restam somente vinte e quatro minutos.

- Quanto mais tempo eles ficarem no ouvido, mais aumenta o risco de algum brincalhão fazer barulho... espirrar...

- Você tem razão. - Carter pensou um pouco, depois disse suavemente: - Oh, pelo amor de Deus. As soluções simples sempre nos escapam. Chame aquele mensageiro.

O homem da segurança entrou novamente. Não fez a saudação.

- Você ainda está sem sapatos? - perguntou Carter. - Okay. Leve isto e mostre a uma das enfermeiras. Ainda recorda a promessa de ser destripado?

- Sim, senhor.

A mensagem dizia: ALGODÃO NOS OUVIDOS DE BENES.

Carter acendeu um charuto e observou através da janela de controle o homem da segurança entrar, hesitar um momento, depois avançar com rapidez, bamboleando-se, na direção de uma das enfermeiras. Ela sorriu, ergueu os olhos para Carter e fez um círculo do polegar com o indicador.

- Tenho de pensar em tudo - queixou-se Carter.

- O algodão amortecerá o ruído. Não o evitará - disse Reid.

- Antes pouco do que nada - disse Carter.

A enfermeira tirou os sapatos e, em duas passadas, chegou a uma das mesas. Cuidadosamente, abriu uma caixa de algodão absorvente e desenrolou duas dobras. Colocou uma porção numa mão e agarrou mais um bocado com a outra. O algodão não se rompeu logo. Ela puxou com mais força. A mão voou, batendo numa tesoura sobre a mesa.

A tesoura caiu da mesa, batendo no chão duro. O pé da enfermeira voou desesperadamente atrás da tesoura, conseguindo alcançá-la, mas não antes que ela arrancasse um som agudo e metálico como o soluço de um anjo caído.

O rosto da enfermeira enrubesceu, adquirindo a aparência de um terror mortal; todos na sala voltaram-se para fitá-la, e Carter, largando o charuto, caiu na cadeira.

- Acabou-se!

Owens ligou o motor e delicadamente testou os controles. A agulha no medidor de temperatura, que estivera na zona de perigo quase desde a entrada no conduto coclear, estava descendo.

- Tudo bem. Acabaram aí?

A voz de Grant soou-lhe no ouvido.

- Limpeza concluída. Apronte-se para partir. Vamos entrar.

E neste momento, o universo pareceu desabar. Era como se um punho batesse contra o Proteu, que subiu. Owens agarrou-se a um painel, desesperadamente, em busca de apoio, ouvindo um trovão distante.

Embaixo, Duval, também desesperadamente, agarrou-se ao laser, tentando protegê-lo contra um mundo enlouquecido.

Fora, Grant sentiu-se subir no ar, como se na crista de um vagalhão.

Sacudiu-se aqui e ali, e mergulhou contra a parede do conduto coclear. Chocou-se frouxamente contra a parede, que parecia desmoronar.

Em algum lugar, num segmento miraculosamente calmo de seu cérebro, Grant sabia que na escala comum a parede respondia com rápidas vibrações de amplitude microscópica a algum som áspero, mas esse pensamento foi sepultado na rudeza do choque.

Grant tentou, desesperado, localizar o Proteu, mas colheu somente um lampejo de seu holofote contra uma seção distante da parede.

Cora fora atirada contra uma saliência do Proteu, no momento da vibração.

Instintivamente, ela agarrou-se, e durante um momento cavalgou a nave, como se esta fosse um cavalo bravio. A respiração ficou entrecortada, e quando a mão se soltou, Cora saiu derrapando pelo chão da membrana sobre a qual a nave repousara.

O holofote da nave iluminou o caminho à frente, e embora ela tentasse, horrorizada, frear sua arremetida, não o conseguiu. Também de nada lhe teria valido enterrar os pés no chão a fim de deter uma avalancha.

Estava sendo impulsionada, sabia, para uma seção do órgão de Corti, o centro básico da audição. Entre os componentes do órgão figuravam células peludas; quinze mil ao todo. Divisava algumas agora, cada uma delas com seus delicados cílios microscópicos bem altos. Certo número delas vibrava, suavemente, segundo o grau e intensidade das ondas sonoras introduzidas no ouvido, e ali amplificadas.

Mas isto só podia ser considerado em algum curso de fisiologia, isto eram frases usadas no universo das dimensões normais. Ali, o que ela via era um precipício abrupto, e, além dele, uma série de altas, graciosas colunas, movendo-se

de forma imponente, não de todo em uníssono, mas primeiro uma, depois outra, como se uma onda oscilante encrespasse a estrutura inteira.

Cora continuou derrapando e precipitou-se no abismo, num mundo de colunas e paredes vibratórias. A lâmpada do capacete lampejou, errática, enquanto ela tombava. Sentiu o puxão de alguma coisa na roupa, e bracejou contra um objeto firmemente elástico. Balançou de cabeça para baixo, com receio que a projeção que a aparara cedesse, precipitando-a ainda mais no fundo.

Girou nesta direção, depois naquela, enquanto a coluna contra a qual se agarrava, um microscópico cílio de uma célula peluda do órgão de Corti, continuava a oscilar majestosamente.

Tentava respirar agora, e ouviu seu nome. Alguém chamava-a.

Cuidadosamente ela emitiu um som lamentoso. Encorajada pelo som de sua voz, gritou da forma mais aguda que pôde:

- Socorro! Vocês ai! Socorro!

O primeiro choque devastador passara, e Owens já controlava o Proteu num mar ainda encapelado. O som, o que quer que ele fosse, devia ter sido intenso, mas ecoara e morrera depressa. Isto, apenas isto, os salvara. Se o som continuasse por mais um pouco...

Duval, com o laser sob um braço e sentado com as costas contra uma parede e as pernas fincadas desesperadamente num banco, gritou:

- Tudo bem?

- Acho que resistimos - ofegou Grant. - Os controles respondem.

- Seria melhor partirmos logo.

- Temos de recolher os outros.

- Oh, sim - disse Duval. - Tinha-me esquecido. - Cuidadosamente ele oscilou, espalmou uma das mãos no chão, a fim de se firmar, e ergueu-se vagarosamente.

Ainda apertava o laser. - Vamos pescá-los.

Owens chamou:

- Michaels! Grant! Miss Peterson!

- Estou entrando - respondeu Michaels. - Penso que fiquei quebrado.

- Espere - gritou Grant. - Não vejo Cora.

O Proteu estava firme, agora, e Grant, respirando pesadamente, e sentindo mais do que um leve tremor, nadava fortemente para o holofote.

- Cora! - chamou.

Ela respondeu numa voz aguda:

- Socorro! Vocês aí! Socorro!

Grant olhou em torno, para todas as direções. Gritou, desesperado:

- Cora! Onde está você?

A voz dela em seu ouvido falou:

- Não posso dizer exatamente. Fui colhida entre as células peludas.

- Onde estão elas? Michaels, onde ficam as células peludas?

Grant conseguiu divisar Michaels aproximando-se da nave, de outra direção, seu corpo, uma sombra escura na linfa, sua pequena lâmpada abrindo uma estreita faixa diante da cabeça.

- Espere, deixe orientar-me primeiro. - Sacudiu-se rapidamente, depois gritou:

- Owens, vire o holofote num ângulo reto.

A luz espalhou-se e Michaels disse:

- Por aqui! Owens, siga-me! Precisamos de luz.

Grant acompanhou Michaels, que se movia rapidamente, e viu o precipício e as colunas à frente.

- Ali dentro? - perguntou, incerto.

- Deve ser - retrucou Michaels.

Estavam à beira do abismo, com a nave atrás deles e o farol perscrutando a fila cavernosa de colunas, que ainda oscilavam delicadamente.

- Não a vejo - disse Michaels.

- Pois eu vejo - disse Grant, apontando. - Não é aquela ali? Cora! Mova o braço a fim de nos certificar.

Ela acenou.

- Está bem. Vou buscar você. Subirá num instante.

Cora esperou - e sentiu um toque no joelho, uma sensação fraca e suave, como se a asa de uma mosca a tivesse roçado. Olhou o joelho, mas nada viu.

Houve outro toque perto do ombro, depois mais outro.

E de repente, ela viu-as, somente algumas - as bolinhas de lã, com seus filamentos trêmulos e inquiridores. As moléculas de proteína dos anticorpos. Era quase como se elas explorassem a superfície de Cora, verificassem, provassem o gosto, decidindo se ela era inofensiva ou não. Havia apenas algumas, mas outras estavam saindo de entre as colunas. Com o holofote do Proteu brilhando embaixo, Cora pôde vê-las claramente, no reflexo cintilante da luz miniaturizada. Cada filamento brilhava qual raio de sol farejador.

- Depressa! Estou cercada de anticorpos - gritou Cora. Na memória ela via claramente os anticorpos cobrindo a célula bacteriológica, encrespando-a completamente, depois esmagando-a quando as forças intermoleculares agregavam os anticorpos.

Um anticorpo tocou-lhe o cotovelo e agarrou-se ali. Ela sacudiu o braço, enojada e horrorizada, de forma que todo o seu corpo se retorceu e recuou para a coluna. O anticorpo não se desprendeu. Outro se lhe juntou, aderindo à pele, filamentos entrelaçados.

- Anticorpos - murmurou Grant.

- Ela deve ter ofendido o tecido circunjacente e alertou-os - disse Michaels.

- Eles podem fazer-lhe algum mal?

- Imediatamente, não. Não estariam sensibilizados por ela. Os anticorpos não são deliberadamente destinados à forma humana. Mas alguns aderirão ao acaso, estimulando a formação de outros. Em seguida, haverá um enxame.

Grant podia vê-los agora, já enxameando, dispondo-se ao redor de Cora qual nuvem de mosquitos ao redor de um fruto.

- Michaels, volte ao submarino. Basta um para se arriscar. Eu a tirarei dali, de qualquer maneira. Se não conseguir, vocês três levarão o que restar de nós dois para a nave. Não nos podemos desminiaturizar aqui, haja o que houver.

Michaels hesitou, depois disse:

- Tenha cuidado - e voltou, apressado, ao Proteu.

Grant continuou a descer na direção de Cora. A turbulência causada pela sua aproximação fez os anticorpos girarem e dançarem rapidamente.

- Vamos salvá-la, Cora - arquejou.

- Oh, Grant. Rápido.

Ele puxava-a desesperadamente pelos cilindros de oxigênio, que se haviam prendido numa coluna. Fios espessos de matéria viscosa gotejavam da ruptura; talvez fosse isto o que deflagrara a chegada dos anticorpos.

- Não se mova, Cora. Deixe-me... ah! - O tornozelo de Cora foi colhido entre duas fibras, e ele separou-as. - Agora, venha comigo.

Ambos executaram uma meia cambalhota e começaram a se afastar.

O corpo de Cora estava coberto de anticorpos, mas a massa maior fora deixada atrás. Então, seguindo quem sabia qual a espécie de equivalente de aroma na escala microscópica, os anticorpos começaram a persegui-los; a principio, poucos, depois muitos, por fim o enxame inteiro.

- Jamais escaparemos - ofegou Cora.

- Escaparemos, sim - disse Grant. - Ponha toda a sua força nos músculos.

- Mas eles ainda estão grudados. Tenho medo, Grant.

Grant olhou-a por sobre o ombro, depois tombou ligeiramente. As costas dela ficaram meio cobertas por um mosaico de bolas de lá. Eles haviam aderido bem à natureza da superfície de Cora, pelo menos naquela parte do corpo.

Esfregou apressadamente as costas de Cora, mas os anticorpos achataram-se ao toque e voltaram à forma primitiva. Alguns começavam agora a provar e "saborear" o corpo de Grant.

- Mais rápido, Cora!

- Mas não posso...

- Tem de poder. Pendure-se em mim, quer?

Lançaram-se para cima, sobre as bordas do precipício, rumo ao Proteu que os aguardava.

Duval ajudou Michaels a subir pela escotilha.

- Que está acontecendo lá fora?

Michaels tirou o capacete, ofegante.

- Miss Peterson ficou presa nas Células de Mensen. Grant está tentando desprendê-la, mas os anticorpos fervilham ao redor.

Os olhos de Duval se escancararam.

- Que podemos fazer?

- Ignoro. Talvez ele consiga trazê-la nas costas. Do contrário, teremos de prosseguir.

- Mas não podemos abandoná-los ali - disse Owens.

- Naturalmente que não - disse Duval. - Teremos de voltar lá, os três, e... - Depois, asperamente: - Por que voltou aqui, Michaels? Por que não os ajudou?

Michaels olhou hostilmente para Duval.

- Porque eu não seria de utilidade alguma. Não tenho os músculos de Grant, nem seus reflexos. Seria um estorvo. Se quiser ajudar, desça dai.

- Temos de trazê-los, vivos ou... ou... de outra forma - disse Owens. - Eles estarão se desminiaturizando dentro de um quarto de hora.

- Está bem, então - gritou Duval. - Ponhamos os trajes de mergulhador e saiamos daqui.

- Espere - disse Owens. - Eles estão vindo. Vou abrir a escotilha.

A mão de Grant agarrou-se com firmeza à roda da escotilha, enquanto a luz de sinalização brilhou, vermelha, acima dela. Dedilhou os anticorpos nas costas de Cora, espremendo as fibras de um, parecidas com lã, entre o polegar e o indicador, sentindo-lhe a maciez esponjosa, que logo se transformou num caroço rijo. Ele pensou: isto é uma cadeia peptidea.

Lembranças obscuras dos cursos no colégio vieram à tona. Uma ocasião, ele fora capaz de escrever a fórmula química de uma porção de uma cadeia peptídea - e, agora, eis ali a coisa real. Será que, dispondo de um microscópio, veria os átomos individuais? Não, Michaels dissera que estes não se cotonizariam, por mais que se tentasse.

Levantou a molécula anticorpo. Ela grudou-se fortemente, a princípio, depois soltou-se, sugando no vazio. Moléculas vizinhas, que se lhe encadeavam, também se desprenderam. Um pedaço inteiro ficou livre e Grant afastou-o com uma sacudidela. Elas permaneceram unidas e voltaram, buscando o ponto de contato.

Não tinham cérebros, nem mesmo o cérebro mais primitivo, e era um erro julgá-las monstros, ou rapinantes, ou mesmo moscas. Eram apenas moléculas com átomos dispostos de forma a aderirem à superfície que se adaptava às suas por meio da ação cega de forças interatômicas. Uma frase emergiu nos recessos da memória de Grant: forças de Van der Waals. Nada mais. Continuou esfregando a penugem nas costas de Cora. Esta gritou:

- Estão voltando, Grant. Vamos entrar logo na escotilha.

Grant olhou para trás. Os anticorpos avançavam, sentindo-lhes a presença.

Elos e cadeias deles arremetiam-se sobre a orla do precipício, e desciam na direção geral de Cora e Grant, quais cobras cegas.

- Temos de esperar um pouco... - disse Grant. A luz se tornou verde. - Está bem. Agora. - E girou a roda, desesperado.

Os anticorpos estavam todos em volta deles, mas visando principalmente Cora. Por ela já estavam sensibilizados, e agora demonstravam muito menor hesitação. Grudavam-se e se uniam, abarcando-lhe os ombros e estendendo sua lanugem pelo abdôme. Hesitaram sobre a curva tridimensional e irregular dos seios, como se ainda não os tivessem descoberto.

Grant não tinha tempo para ajudar Cora na sua luta inútil para agarrar os anticorpos. Abriu a escotilha, empurrou Cora pela abertura, com anticorpos e tudo, e mergulhou atrás. A escotilha mal dava para dois.

Forçou a porta da escotilha, enquanto os anticorpos continuavam a brotar. A porta fechou-se sobre a elasticidade dos anticorpos, mas a resistência básica de centenas deles obstruiu a porta no fim. Grant inclinou as costas contra a pressão daquela resistência, e tratou de girar a roda que colocava a porta no lugar.

Uma dúzia de pequenas bolas de lá, tão macias e quase acariciantes quando vistas separadamente, se insinuou debilmente na fenda onde a escotilha encontrava a parede. Mas centenas de outras, livres, enchiam o fluido ao redor deles. A pressão do ar estava empurrando o fluido para fora, e o ruído de escapamento enchia os ouvidos, mas no momento Grant se preocupava somente em desprender os anticorpos. Alguns aderiam ao seu peito, mas isso não importava. A cintura de Cora estava sepultada sob montes deles, bem como as costas. Eles tinham formado uma sólida faixa ao redor de seu corpo, dos seios às coxas.

- Eles estão apertando, Grant - disse Cora.

Ele percebeu, pela expressão dela, a agonia que estava sentindo, e observou o esforço que ela fazia para falar. A água vazava rapidamente, mas não podiam esperar. Grant martelou a porta interna.

- Eu... Eu... não posso res... - ofegou Cora.

A porta abriu-se, o fluido que ela ainda represava espalhou-se pelo corpo principal da nave. A mão de Duval, enfiando-se pela abertura, pegou o braço de Cora e puxou-a. Grant seguiu-a.

- Valha-me Deus, Olhem só para eles - disse Owens. Com uma expressão de desgosto e náusea, começou a desprender os anticorpos, enquanto Grant fazia o mesmo.

Um fio desprendeu-se, depois outro, e mais outro. Meio sorridente, Grant disse:

- Agora é fácil. Basta esfregá-los.

Todos se entregavam a esta tarefa. Os anticorpos caíam na polegada, se tanto, de fluido sobre o chão da nave, e se moviam fracamente.

- Eles foram destinados a agir no fluido do corpo, naturalmente - disse Duval.

- Uma vez cercados pelo ar, a atração molecular muda de natureza.

- Enquanto permanecerem fora. Cora...

Cora respirava profundamente, em ofegos trêmulos. Delicadamente, Duval tirou-lhe o capacete, mas foi o braço de Grant que ela agarrou, ao romper, de súbito, em lágrimas.

- Eu tive tanto medo - soluçou.

- Eu também - assegurou-lhe Grant. - Quer parar de pensar que é uma desgraça ter medo? Há um objetivo no medo, como sabe. - Ele lhe afagava o cabelo, vagarosamente. - Faz a adrenalina correr, de forma que se pode nadar muito mais depressa e resistir muito mais tempo. Um eficiente mecanismo do medo é material básico do heroísmo.

Duval afastou Grant, com impaciência, para um lado.

- Sente-se bem, Miss Peterson?

Cora respirou com gosto e disse, com um esforço, mas em voz firme:

- Estou muito bem, doutor.

- Temos de sair daqui - disse Owens. Estava novamente na nacela. - Praticamente o tempo já se esgotou.

16 - Cérebro

Na sala de controle, os receptores de televisão pareceram ressuscitar.

- General Carter.

- Sim, que é agora?

- Eles estão avançando novamente, senhor. Saíram do ouvido e navegam rapidamente para o coágulo.

- Ah! Sobreviveram! - Olhou o cronômetro, que marcava 12. - Doze minutos. - Vagamente, olhou em volta, à procura do charuto, e descobriu-o no chão, onde caíra. Deu um passo para lá, apanhou-o, viu que estava amassado e atirou-o longe, com desgosto. - Doze minutos. Eles ainda podem conseguir, Reid?

Reid estava afundado na cadeira, parecendo liquidado.

- Podem, sim. Talvez consigam mesmo destruir o coágulo. Mas...

- Mas...

- Mas não sei se poderão sair a tempo. Não poderemos contar com o cérebro para retirá-los, como sabe. Se fosse possível, teríamos, antes de tudo, operado o coágulo. Isto significa que eles terão de ir ao cérebro, e depois voltar a algum ponto onde possam ser removidos. Se não...

Carter falou, hostil:

- Mandei pedir duas xícaras de café e um charuto, e acabei não bebendo um só gole nem tirando uma tragada...

- Estão chegando à base do cérebro, senhor - anunciaram.

Michaels voltara ao mapa. Grant estava ao seu lado, olhando as complexidades que se desdobravam diante de si.

- Este aí é o coágulo?

- Sim - disse Michaels.

- Parece uma longa distância. Temos somente doze minutos.

- Não é tão longe quanto parece. Temos navegação tranquila agora.

Estaremos na base do cérebro em menos de um minuto, e dali, num ápice...

Houve um súbito espocar de luz ao redor da nave. Grant ergueu os olhos, atônito, e viu, fora, uma tremenda parede de luz leitosa, de bordas invisíveis.

- O tímpano - disse Michaels. - Do outro lado está o mundo exterior.

Uma saudade pungente, quase insuportável, envolveu Grant. Ele quase havia esquecido a existência de um mundo lá fora. Parecia-lhe, no momento, que toda sua vida ele a passara viajando sem fim através de um mundo sinistro de tubos e monstros, num navio fantasma, pelo sistema circulatório... Mas ei-la ali, a luz do mundo exterior, filtrando-se através do tímpano.

Inclinando-se sobre o mapa, Michaels disse:

- Você me ordenou, nas células peludas, que voltasse à nave, não foi, Grant?

- Sim, Michaels. Eu queria você na nave, não nas células peludas.

- Então diga isto a Duval. A atitude dele.

- Por que se preocupa? A atitude dele é sempre desagradável, não?

- Pois desta vez foi insultante. Não pretendo ser um herói.

- Serei testemunha a seu favor.

- Obrigado, Grant. E... olho em Duval.

Grant riu.

- Naturalmente.

Duval se aproximou, quase como se adivinhando que falavam dele, e disse bruscamente:

- Onde estamos, Michaels?

Michaels olhou-o com expressão amarga e respondeu:

- Estamos em vias de entrar na cavidade subaracnoide. Bem na base do cérebro - acrescentou, na direção de Grant.

- Muito bem. Suponho que passaremos perto do nervo oculomotor.

- Perfeito - disse Michaels. - Se isto lhe dá uma melhor perspectiva do coágulo, então assim o faremos.

Grant afastou-se e inclinou a cabeça para entrar no depósito, onde Cora estava deitada numa cama estreita.

Ela fez menção de se levantar, mas ele ergueu a mão.

- Não. Fique aí. - E sentou-se ao lado, com os braços ao redor dos joelhos levantados. Sorriu-lhe.

- Sinto-me bem agora - disse ela. - Estou só vadeando aqui.

- Por que não? Você é a mais linda preguiçosa que já vi na minha vida.

Vamos vadear juntos por um minuto, se você não considerar impróprio.

Ela sorriu em troca.

- Seria difícil para mim queixar-me de seus avanços. Afinal de contas, você parece ter-se dedicado a me salvar a vida.

- Tudo isto é parte de uma campanha sutil e astuta para fazê-la devedora a meu respeito.

- E sou mesmo. Decididamente.

- Gosto de vê-la agradecida, mas trata-se de minha profissão. Por isto me enviam em missões perigosas. Lembre-se, eu tomo decisões importantes e cuido de emergências.

- Mas não é tudo, é?

- É bastante - protestou Grant. - Introduzo periscópios nos pulmões, puxo algas das válvulas de ventilação e, acima de tudo, salvo mulheres bonitas.

- Mas isto não é tudo, é? Você está aqui para espionar o Dr. Duval, não é verdade?

- Por que diz isto?

- Porque é verdade. Os mais altos escalões da CMDF não confiam no Dr.

Duval. Jamais confiarão.

- E por que motivo?

- Porque ele é um homem dedicado, completamente inocente e completamente envolvido no trabalho. Ofende os outros não porque queira, mas porque, honestamente, não sabe que está ofendendo. Ignora que existam outras coisas além do seu trabalho.

- Nem mesmo assistentes bonitas?

Cora enrubesceu.

- Acho... nem mesmo assistentes. Mas ele valoriza meu trabalho, realmente, gosta do que faço.

- Ele continuaria, decerto, a valorizar seu trabalho, se alguém mais valorizasse você?

Cora desviou os olhos, depois prosseguiu com firmeza:

- Mas ele não é desleal. Um dos maiores problemas é que ele favorece o livre intercâmbio de informações com o Outro Lado, e só prega isto por não saber como guardar suas opiniões. Então, quando os outros discordam, ele lhes diz quão tolos lhe parecem.

Grant fez um aceno.

- Sim, posso bem imaginar. E isto faz com que todos o amem, pois as pessoas adoram ser chamadas de tolas.

- Bem, é o jeito dele.

- Olhe. Não fique sentada aqui se preocupando. Não desconfio de Duval, pelo menos mais do que desconfio dos outros.

- Michaels desconfia.

- Sei disso. Michaels tem momentos em que desconfia de todos, dentro e fora da nave. Desconfia até de mim. Mas asseguro-lhe que só dou a tais coisas a atenção que elas merecem.

Cora parecia ansiosa.

- Quer dizer que Michaels julga que eu avariei deliberadamente o laser? Que o Dr. Duval e eu... juntos...

- Julgo que ele vê nisto uma possibilidade.

- E você, Grant?

- Também julgo uma possibilidade.

- Mas acredita nela?

- É uma possibilidade, Cora. Uma entre muitas. Algumas possibilidades são melhores que outras. Deixe essas preocupações comigo, querida.

Antes que ela pudesse responder, ambos ouviram a voz de Duval erguer-se raivosa:

- Não, não, não. Está fora de questão, Michaels. Não quero que um imbecil me diga o que devo fazer.

- Imbecil! Quer que lhe diga o que você é, seu filho...

Grant partiu para lá, tendo Cora nos calcanhares.

- Parem com isto, vocês dois. Que é que há?

Duval virou-se e disse, fumegando:

- Consertei o laser. O fio foi desbastado à grossura adequada, ajustou-se ao transistor e foi colocado no lugar. Eu estava dizendo isto a este imbecil aqui. - Virou o rosto para Michaels e confirmou: - Imbecil, está dito - depois prosseguiu: - porque ele me perguntou.

- Muito bem, então - disse Grant. - Qual é o problema?

- O que este filho de uma cadela está dizendo não significa nada - disse Michaels, acalorado. - Ele juntou algumas coisas. Eu também poderia fazer isto.

Qualquer um, de fato. Como pode saber que o laser vai funcionar?

- Porque sei. Trabalhei doze anos com laseres. Sei quando eles funcionam.

- Bem, então, mostre-nos, doutor. Dê-nos um pouco das suas luzes. Utilize-o!

- Não! Ou ele funciona ou não funciona. Se não funciona, não posso ligá-lo em circunstância alguma, pois já fiz o que era possível e ninguém mais aqui resolveria o caso. Isto significa que é melhor esperarmos até chegar ao coágulo e

ver então se ele não funciona. Mas se funciona, e funcionará, deve permanecer por enquanto em condições. Não sei quanto tempo ele durará: umas doze descargas, no máximo. Pretendo poupá-las para o coágulo. Não vou desperdiçar uma só delas aqui. Não quero que a missão fracasse porque testei o laser.

- Pois eu lhe digo que você tem de testar o laser - falou Michaels. - Se não o fizer, eu juro, Duval, que quando regressarmos farei com que o expulsem da CMDF, e o reduzirei a pedacinhos tão pequenos...

- Cuidarei disso quando voltarmos. Nesse ínterim, o laser é meu e farei o que quiser com ele. Você não me pode dar ordens que não desejo cumprir, e tampouco Grant.

Grant sacudiu a cabeça.

- Não lhe estou ordenando que faça nada, Dr. Duval.

Duval acenou rapidamente e se afastou.

Michaels olhou-o.

- Eu o ensinarei.

- Ele tem razão neste caso, Michaels - disse Grant. - Tem certeza de não ter se aborrecido por questões pessoais?

- Por que ele me chamou de covarde e imbecil? Será que devo adorá-lo por causa disso? Se tenho ou não animosidade pessoal contra ele, isto não importa.

Considero-o um traidor.

- Isto não é verdade - disse Cora, zangada.

- Duvido - disse Michaels friamente - que você seja testemunha válida neste caso. Mas não importa. Estamos indo para o coágulo e veremos Duval em ação.

- Se funcionar - disse Michaels. - E se funcionar, eu não ficaria surpreso se ele matasse Benes... não por acidente.

- Ele removerá o coágulo, se o laser funcionar - disse Cora.

Carter tirou o paletó e enrolou as mangas da camisa. Estava mergulhado na cadeira, na base da espinha, e tinha um segundo charuto, recém-aceso, na boca.

Não soltava baforadas.

- No cérebro? - perguntou.

O bigode de Reid parecia molhado, afinal. Enxugou os olhos.

- Praticamente no coágulo. Eles pararam.

Carter olhou o cronômetro, que marcava 9. Sentia-se esgotado, sem energia, sem adrenalina, sem nervosismo, sem vida. Disse:

- Acha que eles conseguirão?

Reid sacudiu a cabeça.

- Não, não creio.

Em nove minutos, talvez dez, os homens, nave e tudo, cresceriam diante de seus olhos, explodindo o corpo de Benes, se não saíssem a tempo.

Carter pensou no que os jornais fariam da CMDF se este projeto falhasse.

Ouviu os discursos de todos os políticos da terra e dos políticos do Outro Lado.

Quanto tempo levaria a CMDF a se recobrar? Quantos meses, anos, para reconquistar a confiança perdida?

Exausto, começou a redigir mentalmente a carta de demissão.

- Entramos no cérebro - anunciou Owens com uma excitação controlada.

Apagou novamente as luzes da nave e todos olharam para frente, num instante de deslumbramento que punha tudo o mais, inclusive o clímax da missão, fora de seus pensamentos.

- Que maravilha - murmurou Duval. - O píncaro supremo da Criação.

Grant, por um momento, sentiu isto. Certamente o cérebro humano era o objeto mais intensamente complicado, reunido no menor volume possível, em todo o universo.

Havia um silêncio cercando-os. As células que eles viam eram cheias de massas, irregulares, com dendritos fibrosos ressaltando aqui e ali, qual sarça.

Enquanto flutuavam no fluido intersticial, ao longo de passagens entre as células, viam os dendritos se enlaçarem em cima, e por um momento passaram sob o que parecia galhos retorcidos de um renque de antiquíssimas árvores numa floresta.

- Vejam, elas não se tocam - disse Duval. - Pode-se ver claramente os sinapses; sempre aquele vácuo que deve ser atravessado quimicamente.

- Elas parecem estar cheias de luzes - disse Cora.

- Mera ilusão - disse Michaels, ainda com uma ponta de raiva na voz. - O reflexo da luz miniaturizada dá essa impressão. Não há relação alguma com a realidade.

- Como sabe? - perguntou Duval imediatamente. - Este é um campo importante ao estudo. O reflexo da luz miniaturizada tende a variar sutilmente com a estrutura dos conteúdos moleculares das células. Essa espécie de reflexo, segundo penso, se transformará num instrumento dos mais poderosos para o estudo dos detalhes microscópicos da célula. Talvez as técnicas oriundas desta nossa missão sejam muito mais importantes do que o que acontece a Benes.

- Já está se desculpando antecipadamente, doutor? - perguntou Michaels.

Duval corou.

- Explique-se.

- Agora não, senhores - disse Grant. - Nem mais uma palavra.

Duval soltou uma respiração profunda e virou as costas, dirigindo-se à janela.

- De qualquer forma - disse Cora - estão vendo as luzes? Observem lá em cima. Observem como aquele dendrito se torna compacta.

- Estou vendo - disse Grant.

Os reflexos geralmente brilhantes não cintilavam, como ocorria comumente em outras partes do corpo, ao acaso, neste ponto e naquele, transformando a visão inteira numa densa nuvem de pirilampos. Ao invés disso, uma cintilação corria veloz ao longo do dendrito, uma nova começava antes que a anterior completasse o percurso.

- Sabem com que isto se assemelha? - perguntou Owens.

- Já viram filmes de antiquados anúncios luminosos com luz elétrica? Com ondas de luz e sombra movendo-se numa estrutura?

- Sim - disse Cora. É exatamente com o que se assemelha. Mas por quê?

- Uma onda de despolarização percorre uma fibra nervosa quando ela é estimulada. As concentrações de íons mudam; íons de sódio entram na célula.

Isto altera a intensidade da carga dentro e fora e baixa o potencial elétrico. De alguma forma isto deve afetar o reflexo da luz miniaturizada - exatamente o ponto que eu estava salientando - e o que vemos é a onda de despolarização - explicou Duval.

Agora que Cora assinalara o fato, ou talvez porque penetrassem mais profundamente no cérebro, a onda móvel de cintilações podia ser vista por toda parte, movimentando-se ao longo das células, subindo e descendo fibras, retorcendo-se num sistema incrivelmente complexo que parecia, à primeira vista, estar fora de qualquer ordem, e que, no entanto, dava uma impressão de ordem.

- O que vemos - disse Duval - é a essência da humanidade. As células são o cérebro físico, mas aqueles clarões movediços representam o pensamento, a mente humana.

- Aquela essência? - disse Michaels, rudemente. - Eu teria pensado que se tratava da alma. Onde está a alma humana, Duval?

- Só porque eu não posso apontá-la, você pensa que ela não existe? - perguntou Duval. - Onde está o gênio de Benes? Você está no cérebro dele. Pois bem, aponte-lhe o gênio.

- Basta - disse Grant.

Michaels advertiu Owens.

- Estamos quase chegando. Entre nos capilares, na junção indicada. Depois vá em frente.

Duval falou pensativamente.

- Esta é que é a coisa terrível. Não estamos apenas na mente de um homem.

Isto que nos cerca é a mente de um gênio científico; alguém que eu poria quase no mesmo nível de Newton.

Ficou silencioso um instante, depois citou:

"Onde se ergue a estátua De Newton, com seu rosto prismático e silente.

O índice marmóreo de uma mente.."

Grant interrompeu com um cochicho reverente:

"para sempre singrando sozinho os mares estranhos do pensamento."

Novamente um silêncio curto, e Grant disse:

- Será que Wordsworth pensou alguma vez nisto, ou não teria pensado, ao falar de "mares estranhos do pensamento"? Este aí é o mar literal do pensamento, não é? E estranho, também.

- Eu não o julgava do tipo poético, Grant - disse Cora.

Grant concordou.

- Todo músculos, nada de cérebro. Assim sou eu.

- Não se ofenda à toa.

- Já que os senhores acabaram de resmungar poesia, queiram olhar adiante - disse Michaels.

E apontou. Estavam novamente na corrente sanguínea, mas os corpúsculos vermelhos (de cor azulada) vagavam sem qualquer movimento definido, tremendo ligeiramente em resposta ao movimento browniano. Em cima, uma sombra.

Uma floresta de dendritos mostrava-se através das paredes transparentes dos capilares, cada galho fino com sua linha de cintilações percorrendo-o, porém agora mais vagarosamente e ainda com maior lentidão. E após um certo ponto, já não havia cintilações.

O Proteu parou. Por um instante ou dois, reinou silêncio, até que Owens disse tranquilamente:

- É o nosso destino, parece-me.

Duval concordou com um aceno.

- Sim. O coágulo.

17 - Coágulo

- Observem como a ação do nervo para no coágulo - disse Duval. - Trata-se de uma prova visível da avaria do nervo, possivelmente irreversível. Eu não seria capaz de garantir que salvaríamos Benes agora, mesmo removendo o coágulo.

- Bem pensado, doutor - disse Michaels. - Isto o isenta, não é?

- Cale-se, Michaels - disse Grant friamente.

- Vamos aos trajes de mergulho, Miss Peterson - disse Duval. - A coisa tem de ser feita já. E feche bem a roupa. Os anticorpos estão sensibilizados pela sua superfície normal, e deve haver alguns por aqui.

Michaels sorriu cansadamente.

- Não se preocupem. É tarde demais. Apontou o cronômetro, que efetuava então a mudança vagarosa de 7 para 6. – Provavelmente vocês não concluirão a operação a tempo de nos permitir a saída pela veia jugular. Mesmo com a remoção do coágulo, seremos desminiaturizados aqui mesmo, e Benes morrera.

Duval não parou de vestir o escafandro. Tampouco Cora.

- Bem, ele não ficará pior do que ficaria se não o operarmos - disse Duval.

- Não, mas nós ficaremos. Aumentaremos vagarosamente a princípio.

Levaremos talvez um bom minuto a atingir um tamanho que atrairá a atenção de uma célula branca do sangue. Há milhões delas ao redor do lugar do ferimento.

Seremos tragados.

- E daí?

- Duvido que o Proteu ou nós possamos vencer a pressão física exercida pela compressão dentro de um vacúolo digestivo de uma célula branca. Não em nossa escala miniaturizada, e não depois do navio e de nós já termos esgotado o prazo. Continuaremos a nos expandir, mas quando readquirirmos a dimensão normal, será na condição de um navio esmagado e de seres humanos esmagados. Você faria melhor partindo daqui, Owens, o mais depressa possível, rumo ao ponto de remoção.

- Acalme-se - interrompeu Grant, irado. - Owens, de quanto tempo necessitaremos até o ponto de remoção?

Owens respondeu com desânimo:

- Dois minutos.

- Isto nos deixa quatro minutos. Talvez mais. Não é verdade que a desminiaturização após sessenta minutos constitui estimativa cautelosa? Não poderíamos continuar miniaturizados mais um pouco, se o campo persistir além do esperado?

- Talvez - disse Michaels -, mas não se engane. Um minuto a mais. Dois minutos no lado de fora. Não podemos bater o Princípio da Incerteza.

- Muito bem. Dois minutos. E a desminiaturização não levará mais tempo do que presumimos?

- Pode durar um minuto ou dois, se tivermos sorte - disse Duval.

Owens interrompeu.

- É devido à natureza ocasional da estrutura básica do universo. Com sorte, se tudo correr bem.

- Mas apenas um minuto ou dois, no máximo - disse Michaels.

- Muito bem - disse Grant. - Dispomos de quatro minutos, mais talvez dois minutos extras, mais talvez um minuto de desminiaturização vagarosa antes de prejudicarmos Benes. São sete minutos em nosso tempo comprido, distorcido.

Adiante, Duval.

- Seu louco, você vai é matar Benes e matar-nos também - gritou Michaels. - Owens, volte ao ponto de remoção.

Owens hesitou.

Grant moveu-se rapidamente para a escada e subiu à nacela. Disse calmamente:

- Desligue as máquinas, Owens. Desligue-as. - O dedo de Owens moveu-se para uma chave, pairou sobre ela. A mão de Grant estendeu-se rapidamente e pôs a chave na posição de DESLIGAR, com um gesto enérgico. - Agora desça.

Vamos para baixo.

Puxou Owens do assento, ajudando-o a decidir-se, e ambos desceram. Isso tudo durou poucos segundos, e Michaels observou-os de boca aberta, muito surpreso para se mover.

- Que diabo você fez? - perguntou.

- A nave vai ficar aqui mesmo - disse Grant - até que a operação termine.

Agora, Duval, apresse-se.

- Apanhe o laser, Miss Peterson - disse Duval. Ambos já envergavam os escafandros. Cora parecia tristemente costurada e granulosa.

- Devo estar um espetáculo - disse ela.

- Estão loucos vocês todos? - gritou Michaels. - Não há tempo. Isto é suicídio.

Escutem-me. - Ele quase espumava de ansiedade. - Vocês não completarão a tarefa.

- Owens, abra a escotilha - ordenou Grant.

Michaels atirou-se para frente, mas Grant agarrou-o, fê-lo rodopiar e disse:

- Não me obrigue a feri-lo, Dr. Michaels. Meus músculos latejam e eu não pretendo usá-los, mas se tiver de bater, baterei firme, e prometo quebrar-lhe o maxilar.

Michaels ergueu os punhos, quase num gesto de quem se prepara para aceitar o desafio. Mas Duval e Cora já tinham desaparecido na escotilha, e Michaels, vendo-os partir, tornou-se quase suplicante.

- Escute, Grant, não vê o que está acontecendo? Duval matará Benes. Muito fácil. Um desvio do laser e quem notará a diferença? Se você fizer o que lhe digo, deixaremos Benes vivo, sairemos e faremos nova tentativa amanhã.

- Ele pode não estar vivo amanhã, e não poderemos ser miniaturizados dentro de certo tempo, segundo me disseram.

- Ele pode não estar vivo amanhã, mas, sem dúvida, estará morto se não pararmos Duval. Outras pessoas podem ser miniaturizadas amanhã, se não estivermos em condições.

- E outro navio? Nenhum, a não ser o Proteu, seria utilizável.

Michaels começou a guinchar.

- Grant, eu lhe digo que Duval é um agente inimigo.

- Não acredito.

- Por quê? Porque ele é tão religioso? Porque vive cheio de atitudes piedosas? Acaso não se trata do disfarce que ele escolheu? Ou você estaria influenciado pela amante dele, pela inqualificável.

- Não termine a frase, Michaels! Agora, ouça. Não há provas de que ele seja agente inimigo, nem motivos para eu acreditar nisso.

- Mas estou lhe contando...

- Eu sei que está. Mas eu creio ser você o agente inimigo, Dr. Michaels.

- Eu?

- Sim. Não disponho de prova autêntica, tampouco; nada que possa ser levado a um tribunal de justiça, mas assim que o pessoal da segurança se encarregar de você, a evidência surgirá, não tenho dúvida.

Michaels afastou-se de Grant e olhou-o com horror.

- Naturalmente, vejo agora. Você é o agente, Grant. Owens, não percebe?

Houve diversas oportunidades para nos safarmos em segurança, quando ficou óbvio que a missão não teria êxito, como não terá. Ele nos manteve aqui o tempo todo. Por isso trabalhou tanto para reabastecer o suprimento de ar no pulmão. Por isso... ajude-me, Owens. Socorro.

Owens permaneceu irresoluto.

- O cronômetro vai passar para 5 - disse Grant. - Temos agora mais três minutos. Dê-me três minutos, Owens. Você sabe que Benes não viverá a menos que o coágulo seja removido dentro de três minutos. Vou sair para ajudá-los, e você manterá Michaels imobilizado. Se eu não voltar quando o relógio marcar 2, saia daqui e salve-se com o navio. Benes morrerá e talvez morramos também.

Mas você se salvará e denunciará Michaels.

Ainda desta feita, Owens nada disse.

- Três minutos - insistiu Grant. E começou a vestir o escafandro.

O cronômetro marcava 5.

Owens falou finalmente:

- Três minutos, então. Perfeito. Mas somente três minutos.

Michaels sentou-se exausto.

- Você vai deixá-los matar Benes, mas fiz o que pude. Minha consciência está tranquila.

Grant abriu caminho através da escotilha.

Duval e Cora nadaram rapidamente na direção do coágulo, ele levando o laser, ela a unidade energética.

- Não estou vendo células brancas, e o senhor?

- Não as procuro - disse Duval bruscamente.

Olhou pensativo para frente. O feixe de luz do holofote da nave e as lâmpadas que eles tinham nos capacetes estavam enfraquecidos pelo entrelaçamento de fibras que parecia encerrar o coágulo bem no outro lado do ponto em que os impulsos do nervo pareciam parados. A parede da arteriola tinha sido esfolada pelo ferimento, e não estava inteiramente bloqueada pelo coágulo, que abraçava a seção das fibras nervosas e das células, fortemente.

- O importante é romper o coágulo e libertar a pressão, sem tocar no nervo - murmurou Duval. - Deixando somente uma crosta básica para sustentar a arteríola tapada. Vejamos agora. - Manobrou em busca de melhor posição, e levantou o laser. - Se esta coisa funcionar.

- Dr. Duval, lembre-se de me ter dito que o ataque mais econômico seria pelo lado de cima.

- Lembro-me perfeitamente - disse Duval de mau humor - e pretendo agir com precisão.

Apertou o gatilho do laser. Por um segundo, um raio fino de luz consistente saiu do aparelho.

- Funciona - disse Cora, satisfeita.

- Desta vez, sim. Mas terá de funcionar várias vezes.

Por um momento, o coágulo foi realçado contra o insuportável brilho do raio laser, e uma linha de pequenas bolhas formou e marcou o caminho. Agora, a escuridão era mais espessa que antes.

- Feche um olho, Miss Peterson, para que a retina não requeira ressensitização.

Novamente o raio laser. Quando este acabou, Cora fechou o olho aberto e abriu o fechado. Exclamou, excitada:

- Está funcionando, Dr. Duval. Agora o resplendor avança progressivamente.

A área escura está-se iluminando.

Grant alcançou-os, a nado.

- Como vão as coisas, Duval?

- Nada más. Se eu puder cortá-lo transversalmente agora e libertar a pressão num ponto-chave, acho que o conduto nervoso ficará desobstruído.

E nadou para um lado. Grant advertiu-o:

- Temos menos de três minutos.

- Não me aborreça - disse Duval.

- Está tudo bem, Grant - disse Cora. - Ele conseguirá. Michaels deu trabalho?

- Um pouco. Owens o mantém sob guarda.

- Sob guarda?

- Questão de cautela..

Dentro do Proteu, Owens atirava olhares rápidos para fora.

- Quero ser amaldiçoado se percebo o que fazer - murmurou.

- Limite-se a ficar sentado aqui enquanto os criminosos agem - disse Michaels sarcástico. - Será responsabilizado por isto, Owens.

Owens ficou silencioso.

- Você não pode acreditar que eu seja um agente inimigo - disse Michaels.

- Não estou acreditando em nada. Vamos esperar o sinal dos dois minutos, e se eles não tiverem regressado, partiremos. Que há de errado nisso?

- Muito bem - disse Michaels.

- O laser está funcionando. Vejo o clarão. E você sabe...

- O quê?

- O coágulo. Vejo a cintilação da ação nervosa na direção em que ela não aparecia antes.

- Pois eu não - disse Michaels, perscrutando o exterior.

- Estou vendo - disse Owens. - Garanto-lhe que está funcionando. E eles retornarão. Parece que você se enganou, Michaels.

Michaels encolheu os ombros.

- Muito bem, tanto melhor. Se eu estiver errado e Benes sobreviver, não exigirei mais nada.

-Somente... - A voz dele subiu, alarmada. - Owens!

- Que é?

- Há alguma coisa errada na escotilha. O louco do Grant devia estar tão nervoso que se esqueceu de fechá-la adequadamente. Ou agiu de propósito?

- Mas que há de errado? Não vejo nada.

- Está cego? Não vê o fluido se infiltrando? Olhe a junção.

- A umidade permanece ali desde que Cora e Grant se livraram dos anticorpos. Não se recorda.

Owens inclinou-se para olhar pela escotilha, e a mão de Michaels, fechando-se em torno da chave de fenda que Grant utilizara para abrir o painel do rádio, caiu, pesada, sobre a cabeça de Owens.

Com uma exclamação abafada, Owens tombou de joelhos, Michaels bateu de novo, numa febre de impaciência, e começou a introduzir a figura flácida no escafandro. O suor caía-lhe da cabeça calva, em grandes gotas. Abrindo a escotilha, atirou Owens dentro. Rapidamente, deixou a escotilha encher-se de água, depois abriu a porta exterior, pelo controle do painel, perdendo um momento precioso enquanto o identificava.

Em outras circunstâncias, ele teria agora movimentado bruscamente o navio, a fim de dar a impressão de que Owens fora atirado fora, mas não havia tempo.

Não havia tempo, pensou, não havia tempo.

Freneticamente, subiu à nacela e estudou os controles. Algo teria de ser acionado para ligar o motor. Ah, ali! Um tremor de triunfo percorreu-o enquanto sentia o distante ressoar dos motores.

Olhou à frente, para o coágulo. Owens tinha razão. Um clarão luminoso descia por toda a extensão de um longo processo nervoso que até então permanecera no escuro. Duval dirigia o raio laser, emitindo chamas curtas a intervalos rápidos.

- Acho que já está acabado, doutor - disse Grant. - O tempo corre.

- Estou quase concluindo. O coágulo se desintegrou. Só mais uma porção.

Ah... Mr. Grant, a operação teve êxito.

- E dispomos talvez de apenas três minutos para sair, talvez dois. Voltemos à nave, agora...

- Alguém mais está aqui - disse Cora.

Grant voltou-se, e arremeteu para a figura que nadava sem destino.

- Michaels! - gritou. E depois: - Não, é Owens. O que...

- Não sei - disse Owens. - Ele me feriu, acho. Não sei como vim parar aqui.

- Onde está Michaels?

- Na nave, sup.

- Os motores da nave foram ligados! - gritou Duval.

- O quê! - disse Owens, espantado. - Quem...

- Michaels - disse Grant. - Obviamente ele deve estar nos controles.

- Por que abandonou a nave, Grant? - perguntou Duval, irado. - o que me pergunto agora. Esperava que Owens...

- Sinto muito - disse Owens. - Não o julgava realmente um agente inimigo.

Não era capaz de dizer...

- O problema é que eu não estava completamente certo disto. Agora, naturalmente.

- Um agente inimigo - disse Cora com horror.

A voz de Michaels soou.

- Vocês aí, recuem. Em dois minutos as células brancas chegarão, e a essa altura estarei longe. Lamento, mas vocês tiveram oportunidade de vir comigo.

A nave movia-se em ângulo, fazendo uma larga curva.

- Ele acelerou os motores ao máximo - disse Owens.

- E penso que se dirige para o nervo - disse Grant.

- Exatamente isto, Grant - chegou a voz de Michaels, inflexível. - Um pouco dramático, não acha? Primeiro, arruinarei o trabalho deste santo de pau oco, Duval, não tanto pelo prazer de destruí-lo, mas para atrair ao local um enxame de células brancas. Elas cuidarão de vocês imediatamente.

- Escute! Pense! Por que faz isto? Pense no seu país! - gritou Duval.

- Estou pensando na humanidade - gritou Michaels, furiosamente. - O importante é conservar os militares fora do quadro. A miniaturização ilimitada em suas mãos destruirá a Terra. Vocês não veem, seus loucos, que...

O Proteu avançava diretamente para o recém-liberto processo nervoso.

- O laser! - disse Grant desesperado. - Deem-me o laser!

Tirou o instrumento das mãos de Duval, à força.

- Onde é o gatilho? Não importa, já o descobri.

Apontou para cima, tentando interceptar a nave crepitante.

- Dê-me força máxima, Cora. Força total!

Apontou cuidadosamente, e um feixe de luz, da grossura de um lápis, emergiu do laser e bruxuleou.

- O laser acabou com a carga, Grant - disse Cora.

- Tome-o, então. - Acho que atingi o Proteu.

Era difícil dizer. Na escuridão generalizada nada podia ser visto.

- Você destruiu o leme, parece-me - disse Owens. - Matou o meu navio.

Atrás da máscara, as faces de Owens estavam subitamente úmidas.

- Seja o que for - disse Duval - a nave não parece sob controle.

O Proteu sacudia-se, na verdade, o holofote subindo e descendo, num arco amplo. Investiu, chocou-se com a parede da arteríola, errou o nervo por questão de milímetros e mergulhou numa floresta de dendritos; ficou preso e soltou-se, depois prendeu-se de novo, até que se imobilizou ali, uma bolha de metal encravada entre fibras espessas e lisas.

- Errou o nervo - disse Cora.

- Mas causou avarias sérias - rosnou Duval. - Isso pode gerar novo coágulo...

ou talvez não. Espero que não. De qualquer modo, as células brancas não vão demorar. É melhor partirmos.

- Para onde? - perguntou Owens.

- Se seguirmos o nervo óptico, poderemos chegar ao olho dentro de um minuto ou menos. Acompanhem-me.

- Não podemos abandonar a nave - disse Grant. - Ela se desminiaturizará.

- Bem, não podemos levá-la conosco - disse Duval. - Não resta alternativa senão salvar nossas vidas.

- Talvez ainda possamos fazer algo - insistiu Grant. - Quanto tempo nos resta?

Duval disse enfaticamente:

- Nenhum. Creio que estamos começando agora a nos desminiaturizar. Num minuto ou menos teremos uma massa capaz de atrair a atenção de uma célula branca.

- Desminiaturizando? Agora? Não sinto isto.

- Não sente porque não quer. Veja que os arredores estão ligeiramente menores do que pareciam. Vamos embora.

Duval lançou rápido olhar em volta, para se orientar.

- Sigam-me - disse novamente, e começou a nadar.

Cora e Owens seguiram-no, após um instante de hesitação, Grant fez o mesmo.

Ele tinha falhado. Em última análise, falhara porque, não estando inteiramente convencido de que Michaels era agente inimigo, com base numa argumentação incerta, ele havia vacilado. Transformara-se, pensou amargamente, num imbecil incapaz de desempenhar a missão.

- Mas eles não se movem - disse Carter selvagemente. - Continuam parados no coágulo. Por quê? Por quê? Por quê? - O cronômetro marcava 1.

- É muito tarde para eles saírem agora - disse Reid. Uma mensagem chegou através da unidade eletroencefalográfica. - Senhor, os dados REEG indicam que o cérebro de Benes está voltando à função normal.

- Então a operação teve êxito - gritou Carter. - Por que continuam parados?

- Não temos como saber.

O cronômetro movia-se para o 0, e um alarma estridente soou. O guincho encheu o quarto inteiro com o tinido da condenação. Reid ergueu a voz para se fazer ouvir.

- Temos de tirá-los.

- Benes morrera.

- Se não os tirarmos, Benes morrerá também.

- Se houver alguém fora da nave, não poderemos fazê-lo sair.

Reid encolheu os ombros.

- Nada está ao nosso alcance. As células brancas os matarão, ou eles se desminiaturizarão incólumes.

- Mas Benes morrerá.

Reid inclinou-se para Carter e gritou:

- Nada se pode fazer, ouviu? Nada? Benes está morto! Pretende matar inutilmente mais cinco pessoas?

Carter pareceu encolher-se.

- Dê a ordem! - disse. Reid foi ao transmissor. - Removam o Proteu - disse calmamente, depois foi à janela que se abria sobre a sala de operação.

Michaels estava, quando muito, meio consciente, quando o Proteu aquietou-se nos dendritos. A súbita arremetida que se seguira ao clarão do laser – devia ter sido o laser - atirara-o contra o painel, com grande força. A única sensação que ele tinha, agora, do braço direito, era de dor terrível. Devia ter-se quebrado. Uma seção da parede fora penetrada, e a abertura estava fechada apenas pela tensão de superfície do plasma.

O ar que ele soltara o manteria vivo durante um minuto ou dois que restavam antes da desminiaturização. Já agora parecia aos seus sentidos atordoados que os cabos dos dendritos tinham-se estreitado. Já que não poderiam encolher-se, então é que ele se estava expandindo, muito vagarosamente, a princípio.

No seu tamanho normal, cuidaria do braço. Os outros seriam mortos pelas células brancas, e o assunto arranjava-se. Ele diria, diria... algo que explicasse o navio avariado. De qualquer forma, Benes estaria morto e a miniaturização indefinida morreria com ele. Haveria paz... paz...

Observou os dendritos, enquanto seu corpo permanecia atirado sobre o painel dos controles. Conseguiria mover-se? Estaria paralisado? Suas costas estariam quebradas, a exemplo do braço?

Estupidamente, considerou a possibilidade. Sentiu que o seu sentido de compreensão e consciência se embotava, enquanto os dendritos se enevoavam com uma neblina leitosa.

Neblina leitosa?

Uma célula branca!

Naturalmente, tratava-se de uma célula branca. A nave era maior que os indivíduos fora do plasma, e era ela quem estava no sítio da colisão. Portanto, a nave seria a primeira a atrair a atenção da célula branca.

A janela do Proteu foi revestida de uma substância leitosa e cintilante. O leite invadiu o plasma na ruptura do casco, atrás, e lutava para romper a barreira da tensão de superfície.

O penúltimo som que Michaels ouviu foi o casco do Proteu, frágil na sua constituição de átomos miniaturizados, forçado já a ponto de ruptura nos acontecimentos anteriores, estalar e lascar-se sob o assalto da célula branca.

O último som que ele ouviu foi o de sua própria risada.

18 - Olho

Cora viu a célula branca quase ao mesmo tempo que Michaels.

- Olhe - gritou, horrorizada.

Eles pararam, voltando-se para olhar.

A célula branca era tremenda. Tinha cinco vezes o diâmetro do Proteu, talvez mais. Comparada às pessoas que a observavam, era uma montanha, uma montanha de leite, sem pele, pulsando protoplasma. Seu núcleo largo, curvado, uma sombra leitosa dentro de sua substância, parecia um olho maligno, irregular, e a forma de toda a criatura se alterava e cambiava a cada instante. Uma porção avançou para o Proteu.

Grant lançou-se na direção do Proteu, quase que por ação reflexa.

Cora agarrou-lhe o braço. - Que vai fazer, Grant?

- Não há maneira de salvá-lo - disse Duval, nervosamente.

- Você sacrificaria a vida.

Grant sacudiu a cabeça violentamente.

- Não é em mim que estou pensando. É no navio.

- Você também não poderia salvá-lo - disse Owens tristemente.

- Mas poderíamos tirá-lo daqui, a fim de que ele se expandisse em segurança. Escutem: mesmo esmagado pela célula branca, mesmo separado em átomos, cada átomo miniaturizado se desminiaturizará, está desminiaturizando agora mesmo. Pouco importa que Benes seja morto por um navio intacto ou por um monte de partículas.

- Você não conseguirá tirar a nave - disse Cora. - Oh, Grant, não morra. Não vá morrer depois de tantas peripécias. Por favor.

Grant sorriu-lhe.

- Acredite-me. Tenho muitas razões para não morrer, Cora. Vocês três prossigam. Agora vou tentar uma proeza de colegial.

Voltou nadando na direção da nave, o coração batendo de náusea quase intolerável ante o monstro que se acercava. Havia outros atrás dele, mais longe, mas Grant queria aquele, o que engolfava o Proteu, somente aquele.

Mais perto, Grant viu-lhe a superfície. Uma porção, de perfil, mostrava-se nítida, mas dentro havia grânulos e vacúolos. Um mecanismo intrincado, muito intrincado para os biólogos compreenderem em detalhes, e tudo isto reduzido a uma única gota microscópica de matéria viva. O Proteu estava todo dentro dele agora, uma sombra cintilante e escura encravada num vacúolo. Grant julgou por um instante ter visto o rosto de Michaels na nacela, mas devia ser imaginação.

Grant estava agora na superfície protuberante, montanhosa, mas como faria para atrair a atenção de tal coisa? Ela não dispunha de olhos nem de sentidos, tampouco de cérebro nem de orientação. Era uma máquina automática de protoplasma, destinada a reagir, de certa forma, às lesões. Como? Grant não sabia. No entanto, uma célula branca sabia quando uma bactéria estava nas proximidades. De certa forma celular, ela sabia. Fora advertida da proximidade do Proteu e reagira, engolfando-o.

Grant era muito menor que o Proteu, ainda menor que uma bactéria, mesmo agora. Teria tamanho suficiente para ser notado? Empunhando a faca, mergulhou-a profundamente na matéria diante de si, cortando-a para baixo. Nada aconteceu.

Nem sequer jorro de sangue, pois não existe sangue numa célula branca. Então, vagarosamente, uma saliência do protoplasma interno apareceu no lugar da membrana cortada, e aquela porção da membrana apartou-se.

Grant golpeou novamente. Não queria matá-la, não se julgava capaz disso, tendo em vista sua escala dimensional. Mas haveria alguma maneira de atrair a atenção da célula?

Ele desgarrou-se e, numa excitação crescente, observou uma projeção na parede, uma saliência que apontava em sua direção. Afastou-se ainda mais e a protuberância seguiu-o. Acabara de ser detectado. A maneira como se realizara esta detecção, ele não saberia dizer, mas a célula branca, com tudo o que continha, inclusive o Proteu, estava seguindo-o.

Grant moveu-se mais depressa. A célula branca acompanhava-o, mas (Grant a esperava fervorosamente) não com rapidez. Grant concluiu que ela não fora destinada à velocidade, que se movia como uma ameba, projetando uma porção

de sua substância e depois fluindo para o tufo. Em condições ordinárias ela lutava com objetos imóveis, com bactérias ou com detritos estranhos e inanimados. Sua mobilidade ameboide bastava-lhe para isso. Agora teria de se haver com um objeto capaz de correr rapidamente (bastante rápido, Grant assim o esperava).

Com grande velocidade, ele nadou para os outros, que ainda esperavam, observando-o.

- Para a frente - ofegou. - Acho que ela está-me seguindo.

- As outras também - disse Duval, sombrio.

Grant olhou em volta. A distância, fervilhavam células brancas. O que uma detectara, as outras haviam detectado.

- Como...

- Vi que você golpeou a célula branca - disse Duval. - Em caso de lesão grave, elementos químicos serão libertados na corrente sanguínea e atrairão células brancas de todas as regiões vizinhas.

- Então, pelo amor de Deus, nadem!

A equipe cirúrgica estava reunida em torno da cabeça de Benes, enquanto Carter e Reid observavam de cima. O ânimo depressivo de Carter aprofundava-se nesse instante.

Tudo liquidado. Tudo por nada. Tudo em vão. Tudo para...

- General Carter! Senhor! - O som era urgente, estrídulo. A voz do homem estalava de excitamento.

- Sim?

- O Proteu, senhor. Está-se movendo.

Carter gritou.

- Parem a cirurgia!

Cada membro da equipe cirúrgica olhou para cima, assombrado.

Reid puxou a manga de Carter.

- O movimento pode ser mero efeito da desminiaturização progressiva da nave. Se você não os tirar agora, eles serão vítimas das células brancas.

- Que espécie de movimento? - gritou Carter. - Para onde se dirige a nave?

- Ao longo do nervo óptico, senhor.

Carter voltou-se para Reid, num frenesi.

- Aonde isto vai dar? Que significa?

O rosto de Reid iluminou-se.

- Significa uma saída de emergência na qual eu não tinha pensado. Dirigem-se ao olho, de onde pretendem sair pelo conduto lacrimal. É perfeitamente possível. Quando muito, arruinarão um olho de Benes, se não andarem depressa.

Arranje uma lâmina microscópica, alguém aí. Carter, vamos descer para lá.

O nervo óptico era um feixe de fibras, cada uma semelhante a um rolo de linguiça. Duval parou para colocar a mão na junção entre duas das "linguiças".

- Um nódulo de Ranvier - disse, maravilhado. - Estou tocando nele.

- Pare de tocar nele - arquejou Grant - e continue nadando.

As células brancas tinham de abrir caminho no emaranhado de fibras, e faziam-no com menos facilidade que os nadadores. Estes penetraram no fluido intersticial e arremeteram através dos espaços entre as fibras nervosas.

Grant observava ansiosamente a fim de se certificar de que a célula branca ainda os perseguia. Aquela que encerrava o Proteu. Já não conseguia divisar o Proteu. Se este existia na célula branca mais próxima, fora transferido a uma substância mais profunda que não era visível. Se a célula branca atrás deles não era a célula desejada, então Benes podia ser morto, a despeito de tudo.

Os nervos cintilavam onde quer que o feixe de luz dos capacetes batia, e as cintilações retrocediam em rápida progressão.

- Impulsos luminosos - murmurou Duval. - Os olhos de Benes não estão inteiramente fechados.

- Tudo se torna definitivamente menor - disse Owens. - Estão observando?

Grant concordou com um aceno.

- Sem dúvida. A célula branca é apenas a metade do monstro de alguns momentos atrás, se tanto.

- Restam-nos alguns segundos - disse Duval.

- Não agüento mais - disse Cora.

Grant avançou em sua direção.

- Claro que agüenta. Estamos agora no olho. Somos agora do tamanho de uma lágrima. - Pôs um braço ao redor da cintura da moça e impeliu-a, depois lhe tomou o laser e a unidade energética.

- Por aqui - disse Duval. - Vamos entrar no conduto lacrimal.

Estavam já bastante grandes para encher o espaço intersticial em que nadavam. À medida que se expandiam, sua velocidade aumentava e as células brancas se tornavam menos espantosas.

Duval abriu com um pé a parede membranosa a que haviam chegado.

- Passem - disse. - Miss Peterson, primeiro.

Grant empurrou-a, seguindo-a. Depois Owens passou, e por último Duval.

- Saímos - disse Duval com uma excitação controlada. - Estamos fora do corpo.

- Esperem - disse Grant. - Quero que aquela célula branca saia também. De outro modo.

Esperaram um momento, depois soltaram um grito de alegria.

- Ei-la aí. Céus, é ela mesma.

A célula branca deslizou pela abertura que a bota de Duval fizera, mas com dificuldade. O Proteu, ou as partículas esmagadas dele, era claramente visível através da substância. Crescera até quase a metade do tamanho da célula, e o pobre monstro via-se a braços com um inesperado ataque de indigestão. Mas lutava ao azar. Uma vez estimulado a segui-los, nada mais podia fazer.

Os três homens e a mulher lançaram-se para cima, por uma nascente de fluido ascendente. A célula branca, mal se movendo, subiu com eles. A parede lisa e curva de um lado, era transparente. Não transparente à maneira da parede fina dos capilares, mas realmente transparente. Não havia sinais de membranas celulares ou de núcleos.

- Esta é a córnea - disse Duval. - A outra parede é a pálpebra inferior. Temos de nos afastar bastante a fim de que a desminiaturização se processe plenamente sem ferir Benes, e dispomos somente de alguns segundos.

Em cima, muitos pés acima (em sua escala ainda reduzida), havia uma fenda horizontal.

- Por ali - disse Duval.

- Nave na superfície do olho - veio o grito triunfante.

- Muito bem - disse Reid. - Olho direito.

Um técnico inclinou-se ainda mais, com a lâmina microscópica no olho fechado de Benes. Uma lente de aumento foi posta no lugar. Vagarosamente, com um grampo de feltro, a pálpebra inferior foi delicadamente presa e abaixada.

- Está ali - disse o técnico, numa voz apressada. - Parece uma partícula de poeira.

Habilmente ele colocou a lâmina no olho, e uma lágrima com a partícula espremeu-se nela.

Todos se afastaram.

- O que já é visível vai-se expandir rapidamente - disse Reid. - Dispersem-se!

O técnico, surpreendido entre a necessidade de ser apressado e ser delicado, colocou a lâmina no chão da sala, depois recuou num trote rápido.

As enfermeiras puxaram a mesa de operação pela porta dupla, e, com uma velocidade surpreendente, as partículas na lâmina cresceram até readquirirem sua massa normal.

Três homens, uma mulher e um monte de fragmentos de metal, amassado e retorcido, estavam ali, onde não existia ninguém um momento antes.

- Oito segundos extras - murmurou Reid.

- Onde está Michaels? - perguntou Carter. - Se ainda estiver dentro de Benes... - Saiu atrás da mesa de operação, que se desvanecera - e novamente a consciência da derrota o dominava.

Grant tirou o capacete e acenou-lhe.

- Tudo bem, general. Isto é o que resta do Proteu, e em algum lugar, dentro dele, o senhor encontrará o que restou de Michaels. Talvez apenas uma geléia orgânica com alguns fragmentos de ossos.

Grant ainda não se habituara ao mundo como este era. Dormira, com alguns intervalos, durante quinze horas, e acordara maravilhado num mundo de luz e espaço. Fizera o desjejum na cama, com Carter e Reid ao seu lado, sorridentes.

- Os outros recebem também este tratamento?

- Tudo o que o dinheiro pode comprar por enquanto - disse Carter. - Owens é o único que liberamos. Queria estar com a esposa e filhos, e partiu, mas só depois de nos dar uma rápida descrição do que aconteceu. Aparentemente, Grant, o êxito da missão se deve mais a você que a outro qualquer.

- Talvez, considerando-se alguns aspectos - disse Grant. Se quiser recomendar-me para uma medalha e uma promoção, aceitarei. Se quiser dar-me um ano de férias remuneradas, aceitarei com maior entusiasmo. Na verdade, porém, a missão teria fracassado sem um de nós. Mesmo Michaels guiou-nos eficientemente, durante a maior parte do trajeto.

- Michaels - disse Carter pensativamente. - O caso dele, como sabe, não pode ser divulgado. A história oficial é que ele morreu no cumprimento do dever.

Não seria interessante divulgarmos que um traidor se infiltrou na CMDF. E não sei se, naquela altura, era um traidor.

- Conheci-o muito bem para afirmar que não era - disse Reid. - Não no sentido comum da palavra.

Grant concordou.

- Sim. Ele não era um vilão de livros de histórias. Levou tempo a vestir um escafandro em Owens, antes de atirá-lo da nave. Contentava-se em saber que as células brancas o matariam, pois não era capaz de executar por si só a tarefa.

Não, creio que ele realmente desejava manter a miniaturização indefinida em sigilo, para o bem da humanidade, conforme pensava.

- Ele era a favor do uso pacífico da miniaturização - disse Reid. - Eu também sou. Mas que bem isso faria...

Carter interrompeu.

- Estamos tratando com uma mentalidade que se tornou irracional sob pressão. Olhem, temos este tipo de coisa desde a invenção da bomba atômica.

Há sempre pessoas julgando que a supressão de algum invento novo com implicações terríveis seria um bem. Mas não se pode suprimir uma descoberta que o tempo impõe. Se Benes morresse, a miniaturização indefinida seria descoberta no ano vindouro, ou daqui a cinco ou dez anos. Só que Eles poderiam descobri-la primeiro.

- E agora que Nós a temos - disse Grant - que vamos fazer com ela?

Precipitar uma guerra final? Talvez Michaels tivesse razão.

- E talvez o senso comum da humanidade prevaleça em ambos os lados, como tem prevalecido até agora - disse Carter secamente.

- Sobretudo porque, uma vez divulgada a história desta viagem fantástica, o uso pacífico da miniaturização será dramatizado até um ponto em que lutaremos todos para tirar a técnica do domínio militar. E talvez com sucesso.

Carter, tirando um charuto, parecia sombrio e não respondeu diretamente.

- Diga-me, Grant, como apanhou Michaels?

- Não o apanhei, realmente. Tudo foi consequência de uma massa confusa de pensamentos. Em primeiro lugar, general, o senhor me pôs a bordo porque suspeitava de Duval.

- Oh, agora... espere...

- Todos na nave sabiam que o senhor fizera isto. Exceto Duval, talvez. Isto me deu um impulso... na direção errada. No entanto, o senhor não tinha certeza do terreno onde pisava, pois não me advertiu de nada, e não me senti inclinado a quebrar a cabeça. Os tripulantes eram pessoas poderosas e eu sabia que, se

acusasse alguém em vão, o senhor tiraria o corpo fora e deixaria o laço no meu pescoço.

Reid sorriu discretamente, e Carter enrubesceu, preocupando-se excessivamente com o charuto.

- Não guardo mágoas, naturalmente. Faz parte do meu trabalho arriscar o pescoço, mas somente em caso de extrema necessidade. Assim, esperei até me certificar, e nunca tive certeza. Fomos atrasados por uma série de acidentes, ou seja lá o que tenha sido. Por exemplo: o laser foi avariado, e havia oportunidade de Miss Peterson tê-lo avariado. Mas por que de forma tão rude? Ela conhecia umas dez maneiras de mexer no laser, deixando-o aparentemente perfeito, mas, no entanto, incapaz de funcionar. Poderia tê-lo preparado de forma que Duval, mesmo sem querer, matasse inevitavelmente o nervo, ou talvez o próprio Benes.

Um laser grosseiramente danificado podia, então, ser consequência de um acidente ou obra deliberada de outra pessoa que não Miss Peterson.

"Depois, minha corda de segurança soltou-se nos pulmões, e em consequência quase morri. Duval seria ali o suspeito lógico, mas partiu dele a sugestão de que o holofote do navio iluminasse a abertura, e isto salvou-me. Por que tentaria matar-me e, depois, agiria para me salvar? Não faz sentido. Temos um acidente, também, ou então a corda foi solta por outra pessoa que não Duval".

“Perdemos o suprimento de ar, e Owens poderia ter causado este pequeno desastre. Mas depois, quando tivemos necessidade de nos reabastecer de ar, Owens improvisou um dispositivo de miniaturização de ar que pareceu fazer milagres. Poderia facilmente não se dar a este trabalho, e nenhum de nós estaria em condições de acusá-lo de sabotagem. Por que iria abrir os depósitos de ar e depois trabalhar como um demônio para recuperá-lo? Também foi acidente, ou então o suprimento de ar foi sabotado por outra pessoa que não Owens. Omiti minha pessoa por saber que não estava envolvido em sabotagem. Restava, portanto, Michaels”.

- Você acha ele foi responsável por todos esses acidentes - disse Carter.

- Não, podem ter sido mesmo acidentes. Jamais saberemos. Mas, se foram atos de sabotagem, então Michaels seria, de longe, o suspeito mais provável, pois era o único que não se envolvia num salvamento de último minuto, e de quem não se esperava um ato mais sutil de sabotagem. Portanto, consideremos Michaels.

- O primeiro acidente consistiu no encontro com a fístula arteriovenosa. Ou se tratou de um infortúnio claro, ou Michaels nos guiou deliberadamente para lá. Se foi sabotagem, então, ao contrário dos demais casos, só um culpado era concebível, unicamente um - Michaels. Frisei este aspecto a Michaels, uma ocasião. Somente ele poderia nos guiar até à fístula; somente ele conhecia o sistema circulatório de Benes muito bem, a ponto de localizar uma fístula microscópica e foi ele quem indicou em primeiro lugar o ponto exato de inserção na artéria.

- Também podia ter sido um infortúnio, um erro honesto - disse Reid.

- É verdade. Mas, enquanto nos outros acidentes as pessoas envolvidas como possíveis suspeitas deram o melhor de si para remediar a situação, Michaels, depois de entrarmos no sistema venoso, pregou veementemente o abandono da missão. Fez o mesmo nas outras crises. Era o único a assim agir consistentemente. E, no entanto, esta não constituiu para mim a revelação principal.

- Bom, então qual foi a revelação? - perguntou Carter.

- Quando a missão começou e nós fomos miniaturizados e inseridos na artéria carótida, eu tinha medo. Todos estávamos um pouco inquietos, para dizer o mínimo, mas Michaels era o mais amedrontado de todos. Estava quase paralisado pelo medo. Aceitei isto na ocasião. Não vi nisso sinais de desgraça. Conforme já disse, eu estava bastante atemorizado, e de fato gostava da companhia, mas...

- Mas?

- Mas depois de ultrapassarmos a fístula arteriovenosa. Michaels deixou de mostrar traços de medo. Às vezes, quando nervosos, ele revelava calma.

Transformara-se num rochedo. No início, ele não se cansou de me dizer como era covarde - para explicar seu medo óbvio -, mas para o fim da viagem sentiu-se ofendido, reagindo furiosamente, quando Duval deixou claro que o considerava um covarde. Esta mudança de atitude me intrigava cada vez mais.

- Parecia-me haver um motivo especial para o medo inicial de Michaels.

Quando enfrentava perigos conosco, portava-se como um bravo. Talvez, então, tendo enfrentado um perigo que o resto de nós não compartilhava, ele sentisse medo. A impossibilidade de dividir o risco, a necessidade de enfrentar a morte sozinho, foi o que fez dele um covarde.

- No início, nós nos sentíamos amedrontados ante o mero ato de sermos miniaturizados, mas isto passou sem problemas. Depois, esperávamos seguir diretamente para o coágulo, operá-lo e sair, levando dez minutos, talvez.

- Mas Michaels deve ter sido o único de nós a saber que isto não ia acontecer. Ele, somente ele, devia estar ciente de que ocorreriam dificuldades, e que seríamos lançados num remoinho. Owens falara sobre a fragilidade da nave, durante a reunião, e Michaels deve ter esperado a morte. Somente ele devia ter pensado na morte. Não admira que viesse quase a entregar os pontos.

- Quando vencemos o obstáculo da fístula, ele quase delirou de alívio.

Depois, teve certeza de que não seríamos capazes de completar a missão - e se descontraiu. Á medida que vencíamos os obstáculos, crescia-lhe a raiva. Já não tinha vez para o medo, só para a raiva.

- No momento em que entramos no ouvido, eu chegara à conclusão de que Michaels, não Duval, era o nosso homem. Não o deixaria forçar Duval a experimentar o laser de antemão. Afastei-o quando tentava livrar Miss Peterson dos anticorpos. Mas então, no fim, cometi um erro. Não fiquei com ele durante a remoção do coágulo, e isso lhe deu oportunidade de se apoderar da nave.

Restava uma pequena sombra de dúvida em minha mente...

- De que talvez fosse Duval o traidor? - disse Carter.

- Receio que sim. Por isso, fui observar a operação, embora nada pudesse fazer a respeito se Duval fosse um traidor. Sem esta demonstração final de estupidez eu teria trazido o navio intacto, com Michaels vivo.

- Bem - Carter levantou-se - o preço não foi caro. Benes está vivo e se recupera a olhos vistos. Mas não creio que Owens pense assim. Ainda lamenta a perda do barco.

- Não o culpo - disse Grant. - Era uma embarcação linda. Ah, escute: onde anda Miss Peterson?

- Por aí - disse Reid. - Pelo visto, tem mais resistência que você.

- Pergunto se ela está aqui, na CMDF.

- Sim. No escritório de Duval, suponho.

- Ah - disse Grant, subitamente aliviado. - Bem, vou barbear-me, tomar um banho e sair daqui.

Cora arrumou os papéis.

- Bem, Dr. Duval, já que o relatório pode esperar até segunda-feira, eu apreciaria uns dias de folga.

- Certamente - disse Duval. - Acho que podemos tirar uma folga. Como se sente?

- Acho que tudo vai bem.

- Foi uma experiência e tanto, não?

Cora sorriu e caminhou em direção à porta. Um canto da cabeça de Grant introduziu-se na sala.

- Miss Peterson?

Cora levou um susto, reconheceu Grant e correu para ele, sorridente.

- No sistema circulatório era Cora.

- Ainda é Cora?

- Naturalmente. Faço votos para que seja sempre.

Grant hesitou.

- Chame-me de Charles. Com algum esforço chegará o dia em que você me chamará de Bom e Velho Charlie.

- Tentarei, Charles.

- Quando vai sair do trabalho?

- Acabo de sair para o fim de semana.

Grant pensou um pouco, coçou o queixo recém-barbeado, depois fez um aceno para Duval, que estava inclinado sobre a mesa.

- Ainda agarrada a ele? - perguntou por fim.

Cora respondeu com seriedade:

- Admiro seu trabalho. Ele admira o meu. - E encolheu os ombros.

- Será que eu poderia admirar você?

Ela hesitou, depois sorriu um pouco.

- Quando quiser. Enquanto quiser. Se... se eu puder admirá-lo ocasionalmente, também.

- Diga-me quando, e eu me prepararei bem.

Riram juntos. Duval ergueu os olhos, viu-os à porta, sorriu fracamente e fez um aceno que podia ser um cumprimento ou um adeus.

- Vou trocar de roupa e depois gostaria de ver Benes. Está bem?

- Eles permitem visitas?

Cora sacudiu a cabeça.

- Não. Mas nós somos especiais.

Os olhos de Benes estavam abertos. Ele tentou sorrir.

Uma enfermeira cochichou ansiosamente:

- Só um minuto. Ele ignora o que aconteceu, portanto não lhe contem nada.

- Compreendo - disse Grant.

A Benes, em voz baixa, ele disse:

- Como está?

Benes tentou sorrir novamente.

- Não sei bem. Muito cansado. Tenho dor de cabeça e meu olho direito dói, mas parece que sobrevivi.

- Ótimo.

- É preciso mais de uma pancada na cabeça para matar um cientista - disse Benes. - Toda essa matemática torna o cérebro duro como rochedo, não?

- Isto nos deixa alegres - disse Cora gentilmente.

- Agora devo lembrar-me do que vim revelar aqui. Está um pouco enevoado ainda, mas começa a emergir. Tenho tudo aqui dentro, tudo. - Desta vez ele conseguiu sorrir.

- O senhor ficaria surpreso com o que tem aí dentro, professor - disse Grant.

A enfermeira acompanhou-os até a porta e Grant e Cora saíram, de mãos dadas, para um mundo que subitamente parecia não lhes reservar terrores, mas somente a perspectiva de uma grande alegria.